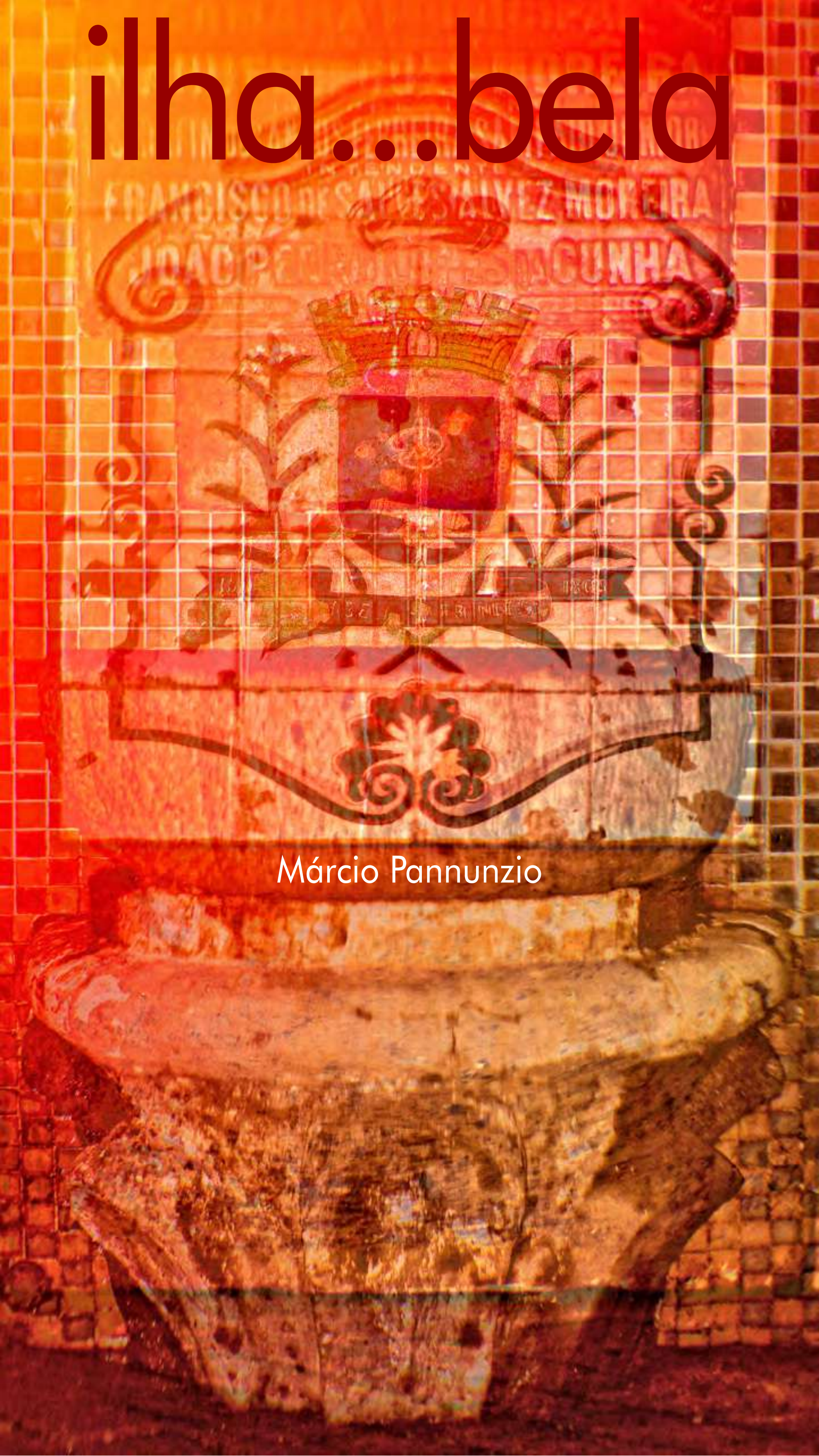


ilha...bela



Márcio Pannunzio

# Textos, fotografias, desenho gráfico e revisão: Márcio Pannunzio

## Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Pannunzio, Márcio  
ilha--bela [livro eletrônico] / Márcio Pannunzio.  
-- Ilhabela, SP : Ed. do Autor, 2024.  
PDF

ISBN 978-65-00-98655-6

1. Artigos de periódicos 2. Fotografias  
3. Jornalismo I. Título.

24-200291

CDD-070

### Índices para catálogo sistemático:

1. Jornalismo 070

Eliane de Freitas Leite - Bibliotecária - CRB 8/8415

Foto da capa: montagem com duas das faces do pelourinho da praça Coronel Julião. Num lado, bica d'água, doutro, o brasão de Ilhabela.

#### Apoio



#### Realização



MINISTÉRIO DA  
CULTURA



## prefácio

*"Cada um com suas armas. A nossa é essa: esclarecer o pensamento e pôr ordem nas ideias."*

*Antônio Cândido*

O Imprensa Livre, com o lema “o único jornal diário do Litoral Norte”, não economizou espaço para noticiar minhas exposições individuais na região. Em 2005, Tais Sarubi, editora do caderno de variedades, escreveu uma reportagem com o poético título de “Pannunzio expressa os sulcos n’alma de todos nós”. O Imprensa livre teria, acredito, noticiado também a minha conquista do prêmio máximo do Salão Waldemar Belisário de 2015. Teria. Porque faliu. Resistiu durante 28 anos. Parte da sua equipe de jornalistas não se conformou com o seu fim e querendo honrar e dar continuidade ao seu legado, criou o Nova Imprensa. É verdade que um sábio ressuscitou o nome paradigmático e o colocou no ar recentemente,

mas nem ele, nem quem o acompanha, viveu e fez parte dessa história; foram tão somente matreiros e compraram a preço irrisório o direito de registrar esse domínio que caducara na internet, como foi o caso da Gurgel.

Daniela Malara Rossi faz parte do grupo que criou e mantém ativo o Nova Imprensa e me entrevistou na ocasião da premiação. Aproveitei para lhe contar sobre o meu desejo de ter um espaço na mídia para divulgar minhas fotos; quem sabe um lugar no Nova Imprensa. A proposta teve êxito e assim nasceu a coluna Foto em Foco.

Fazia tempo que desejava dar evidência a minha ocupação como fotógrafo; nessa época, ainda não trabalhava com bancos de imagem e agências de fotojornalismo.

Essas atividades aconteceram pouco depois e proporcionam visibilidade nacional e mundial às fotos que fiz e corriqueiramente faço da ilha.

Não sabia, porém, naquela entrevista, desses próximos empregos e estar no Nova Imprensa era nessa hora para mim a melhor maneira de dar vitrine privilegiada as minhas fotos. Elas conquistaram maior destaque em seguida graças, principalmente, ao fato de ter-me tornado colaborador exclusivo da iStock by Getty Images e fotógrafo parceiro da Foto Arena, mas continuo valorizando bastante meu pequeno cantinho no Nova Imprensa. Faço isso com orgulho, pela percepção de que, a despeito de todas as vicissitudes, embora não tenha conseguido concretizar o sonho de tornar-se impresso, o Nova Imprensa soube sobreviver dignificando o exemplo do Imprensa Livre, sempre preservando sua independência jornalística, jamais se subordinando aos interesses dos governos locais. O poder muda de mãos; os que caem submergem na irrelevância mas o descrédito que macula a

imprensa que se vendeu, se corrompeu, vira chaga que não mais cicatriza estigmatizando jornalistas venais. Originalmente, como seu nome sinaliza, minha coluna era um lugar dedicado à fotografia; a matéria inaugural mostrava fotos da congada, tema esse, reiteradamente retomado. Timidamente, passei a escrever para contextualizar as fotos de cada coluna. O texto foi crescendo vagarosamente e, inspirado no jornalismo literário que tem como nosso exemplo admirável a Revista Piauí, tornou-se bastante extenso, logo numa época de consagração dos 140 caracteres do Twitter. Num jornal impresso seria impossível publicar artigos aprofundados, mas essa limitação não existe na internet. Minha escrita aparentou-se da minha fotografia e das minhas gravuras. Ambas são barrocas, com conteúdos visualmente intrincados, complexos por causa da informação excessiva.

Escrevendo, virei articulista de opinião. Opinião minha, não a do Nova Imprensa como bem frisam seus editores. Pode-se dela discordar, mas é necessário reconhecer a sua paciente construção baseada na análise criteriosa dos fatos e até por isso meus artigos saem cheios de links direcionando o leitor para as inspirações principais do meu raciocínio. Pelo tanto de trabalho que dão, as colunas não têm muita frequência; nesses oito anos, a média girou ao redor de uma por mês.

O motor dessa escrita e das fotos que a ilustram é a indignação. Indignação com a realidade, manifestando sempre o desejo de que a vida fosse melhor, especialmente na ilha. No fundo, apesar de mexer com assuntos controversos e transpirar algum pessimismo, sua redação é amorosa, sonhando um futuro feliz onde a cidadania fosse vivida em plenitude, onde o autoritarismo, o clientelismo, a especulação imobiliária e

o turismo predatório não tivessem vez. As 21 colunas que compõem esta publicação digital representam uma fração muito pequena do total publicado nesses anos. A sua seleção foi feita quase aleatoriamente. Entretanto, por uma coincidência inesperada, tanto o artigo que a inaugura quanto aquele que a encerra, tiveram grande número de acessos; o recordista foi o segundo, com 14.352.

A finalização deste livrinho, com a obtenção da sua ficha catalográfica, data do fim de março e então calhou de ser inserido o texto publicado em 1 de abril: “sessenta anos”, escrito especialmente para lembrar daquele nefasto dia que desgraçou a nação a penalizando viver mais de duas décadas pavorosas que teimam em renascer haja vista o risco enorme que ultimamente corremos de sermos novamente subjulgados por outra maléfica ditadura.



Articelistas do Imprensa Livre foram muitos, dissertando sobre variados assuntos. Ponto em comum entre eles era o hábito de recortarem suas colunas impressas e com elas criarem álbuns. Com o tempo esses papéis amarelavam e se tornavam quebradiços.

A Foto em Foco é digital e nunca se amarelará. Meu sincero desejo era o de que amarelasse, envelhecesse e nesse processo inevitável de degenerescência, perdesse sua razão de ser. Se tornasse então apenas o registro excêntrico dum montaréu de acontecimentos sepultados, vistos agora, como equívocos solucionados.

Infelizmente, no momento atual, isso não ocorreu e qualquer uma dessas colunas pode ser lida como se houvesse sido escrita ainda há pouco.

*Márcio Pannunzio*  
*março de 2024*

# Índice

1. Ilhabela, a mais rica das cidades do Brasil 12
2. uma ilha, mil maravilhas 40
3. aqui a gente está pra ensinar, a gente está pra educar as pessoas 52
4. preocupa não o grito dos maus, mas o silêncio dos bons 66
5. carnaval antecipado em São Sebastião 74
6. novamente, carnaval antecipado em São Sebastião 88
7. o 8 de janeiro 106
8. sessenta anos 120
9. Ilhabela verde amarelou 134
10. a ilha te recebe de braços abertos 158
11. Congada em foco 182

|     |   |     |
|-----|---|-----|
| 12. | a cultura envergonhada                                | 220 |
| 13. | BASTA!  | 252 |
| 14. | o carnaval que não houve                              | 270 |
| 15. | mais um ano sem Congada                               | 284 |
| 16. | fé cega, faca amolada                                 | 342 |
| 17. | sete de setembro                                      | 358 |
| 18. | 43º Salão Waldemar Belisário,<br>o que os olhos viram | 384 |
| 19. | Nostromo e a ilha da morte                            | 436 |
| 20. | o horror, o horror                                    | 464 |
| 21. | carnaval da tragédia                                  | 474 |



# **Ilhabela, a mais rica das cidades do Brasil**

22 de fevereiro de 2020

<https://novaimprensa.com/2020/02/foto-em-foco-ilhabela-a-mais-rica-das-cidades-do-brasil.html>

Não é slogan oficial de Ilhabela entre os inúmeros criados nos últimos anos, o “Ilhabela – a cidade mais rica do Brasil”. Marcando diferença em relação aos ora papagaiados pela propaganda institucional, “Ilhabela vida natural”, “uma ilha mil maravilhas”, “ Ilhabela de braços abertos para o turista o ano todo”, esse que a nomeia como a mais rica do Brasil é fidedigno.

Rompendo a barreira da imprensa local chapa branca, a Folha de São Paulo em matéria de capa da edição impressa de segunda-feira, 17 de fevereiro enuncia esse fato como o enunciaram os relatórios do Tribunal de Contas recentes.

*“A arrecadação per capita de Ilhabela não encontra parâmetros em solo brasileiro. É preciso ir além das fronteiras nacionais para encontrar receitas por habitante semelhantes em cidades turísticas como Daytona Beach (EUA) e*

*Kelowna (Canadá )*”, nos informa relatório sobre as contas municipais do exercício de 2018.

Pois dona de tão enorme riqueza, seria de se esperar que a cidade fosse um primor de beleza de deslumbrar imediatamente o olhar de quem a visita. Mas não.

Logo ao pôr os pés na ilha, o que chama primeiro atenção é a rotatória de entrada. Ficou no território brumoso dos sonhos aquela rotatória minimalista, com um morrinho numa extremidade atribuída ao gênio de Burle Marx, adornada por dois troncos calcinados. Há muito morador antigo que jura terem sido eles esculturas de Frans Krajcberg, dessas que aumentaria demais a fama de qualquer museu que as exibisse. Terem sido porque já não o são; não existem depois de apodrecerem sepultados sem honra

no lixão da Água Branca.

Já sob gestão milionária graças ao aporte dos royalties do petróleo, a infelicitada paginação atual foi criada: o morrinho foi inteiramente terraplanoado e incorporado a um círculo bastante expandido onde foi construído um desgracioso e grande prédio que vem a ser o Departamento de Segurança Pública ladeado por uma gigantesca estrutura de aço inox que a população prontamente apelidou de “bistecão”.

O que em algum momento vai inspirar um afoito publicitário a serviço da prefeitura da vez a inventar um outro slogan: “Ilhabela, terra da bisteca”. E daí os sábios profissionais do turismo da ocasião vão criar um novo evento ao custo de alguns insignificantes milhões: o “festival da bisteca”, com a presença de chefs famosos do YouTube e de milionárias apresentações musicais de conjuntos renomados nas

redes sociais, de axé, funk e pagode para ajudar a digestão dos comensais agrupados sob uma portentosa tenda armada na Vila.

Apesar dessa entrada reconstruída seguramente mais a peso de ouro do que a da sucata de metal brilhante, sob ação do sol intenso iluminando o aço inox do “bistecão” ter o poder de ofuscar a visão, esse ofuscamento não será suficiente para eliminar a desagradável percepção da sua desconcertante feiura e da feiura das construções que se alastram pela malha urbana da cidade. O padrão caixotão inaugurado por prédios abrutalhados e abestalhados como o Shopping da Construção e o Centro Médico comprado pela prefeitura por muitos milhões, contamina as ruas criando uma paisagem monótona e indigente.

Fato é que Ilhabela não tem a beleza de Paraty nem a de Tiradentes com



seus prédios históricos preservados. Sobrou quase nada do que aqui existia de histórico. Tudo foi há muito demolido e o que foi construído no lugar afronta a boa arquitetura. São prédios sem nenhuma graça, sem qualquer encanto, originalidade; quando não, muros, muralhas encimadas por rolos de arame farpado e cercas elétricas. Se o visitante curioso se afastar das artérias de trânsito se embrenhando pela franjas da cidade vai se deparar com áreas de invasão formando vielas repletas de casas inacabadas construídas em pirambeiras ou buracos onde caminhão de lixo não entra e até ambulância enfrenta dificuldade para trafegar exibindo um quadro de descaso, desigualdade, pobreza.

Pois então é rica, porém, não é nada bela a sua paisagem urbana.

Tudo bem. Não é todo mundo que se importa com estética. A maior parte

das pessoas está pouco se lixando mesmo.

Mas a questão continua aberta: se é uma cidade tão rica por que seus índices de qualidade de vida, de gestão pública não estão todos no topo? Por que suas notas não são todas A+?

A resposta emerge da leitura dos relatórios do Tribunal de Contas. Apesar de investir bastante na educação e na saúde, investiu mal. Construiu escolas que recém inauguradas mostravam processo de deterioração e não se preocupou em manter em bom estado as que estavam em operação; terceirizou a gestão da saúde; gastou fortunas na desapropriação de imóveis; edificou uma aberração arquitetônica de aço e vidro blindex bem no meio do Perequê para abrigar a prefeitura que, muito embora seja enorme, não tem espaço suficiente para acomodar todos os servidores municipais juntos, tão grande é seu número inflado

por contratações sucessivas em cargos e funções conflitantes; diminuiu o tamanho da faixa de areia das praias do Itaguçu e do Engenho d'Água para aumentar a largura da Avenida Princesa Isabel; reformou a rotatória de entrada da ilha pondo abaixo a antiga para colocar no seu lugar, bom, sobre isso, já foi falado; asfaltou dezenas de ruas que já eram calçadas com paralelepípedos; fez e teve de refazer obras por causa da péssima qualidade com que foram primeiramente realizadas, a exemplo da ponte estaiada da ciclovia...

Uma outra matéria do Estadão, carregada no site do jornal também no dia 17 de fevereiro, furando o bloqueio da imprensa baba-ovo local, estampou a manchete: “com contas reprovadas, prefeitura de Ilhabela gasta mais em eventos do que em educação”. Ilustrada por fotos postadas no facebook de autoridades insulares ao lado de

beldades do concurso de Miss Brasil 2017, bancado pelo dinheiro do município. Fotos de autoria das próprias autoridades presentes no evento que diziam juntamente com os periódicos ilhabelenses puxa saco fazendo servir coro, que o concurso traria enorme benefício ao turismo local.

Fato é que em nome do “turismo de Ilhabela”, gestões de safras diferentes tomaram a si com religioso fervor, empreender uma guerra santa e transformaram-se em cruzados obstinados na nobre tarefa de atraírem turistas para a cidade. Valia e continua a valer tudo: torrar o erário do município em concurso de miss até audição de música clássica e exposição do mestre da arte moderna Joan Miró; o meio comportando os eventos mais disparatados, porém, não menos onerosos. Gastando nisso muito mais do que na educação básica conforme relato do

## Tribunal de Contas.

E é esse Tribunal quem salienta que toda essa abundância de eventos mi-lhardária em nada contribuiu para o crescimento do turismo; muito ao contrário, ao analisar a ocupação da rede hoteleira, ressaltou que em muita festa a ocupação foi até menor.

O óbvio ululante é que as pessoas visitam Ilhabela não por causa da sua paisagem arquitetônica que é horrível logo na sua entrada enodada e assim persevera cidade adentro; não pela singularidade do seu patrimônio histórico que praticamente inexistente, mas sim pela natureza ainda intocada sobre a qual a cidade se implantou. Pelos oitenta por cento do seu território que pertencem ao Parque Estadual e estão íntegros, densamente vegetados e estupendamente belos a despeito da voracidade dos insetos que lá vivem.

Nem as praias, a rigor, exercem mais tão forte poder de atração porque depois de terem sido apropriadas por quiosques, bares, restaurantes, pousadas e hotéis como prolongamento dos seus negócios, perderam o que de natural possuíam. E que têm, muito mais grave, envergado vergonhosamente a bandeira vermelha da CETESB a ponto de todas elas a ostentarem na temporada de 2019.

Pois então de nada adianta torrar milhões e mais milhões em shows musicais para os gostos mais ecléticos, eventos esportivos que exigem inscrição paga dos seus participantes, feira náutica para rico ver, apresentação de música clássica que cobra ingresso dos munícipes que a forem assistir, concurso de beleza só para convidados vips, desfile de “celebridade pelas ruas da cidade”, exposições caríssimas de artistas incensados pela história da

arte organizadas sempre pela mesma pessoa jurídica em processo com inexigibilidade de licitação, rega bofes gastronômicos envolvendo custos de infraestrutura temporária em valor que poderia edificar prédio de eventos permanente para as gerações futuras ... Ufa, enfim: de nada vale torrar milhões em pretensiosos “eventos turísticos” para atrair turista porque eles não vêm à ilha por causa deles. É um gasto sem retorno. Não tem o poder nem de gerar emprego em nível expressivo, nem o de gerar maior receita. Ponto final.

É no mínimo insólito, portanto, buscar endossar essa tese furadíssima, gastando mais duzentos e vinte e quatro mil reais para publicar, através da calejada inexigibilidade de licitação, numa editora lá do Espírito Santo, livro que diz que “turismo gera emprego”. Numa muito avantajada tiragem,

a julgar pelo valor contratado, suficiente para ser completamente distribuída entre os habitantes da cidade alfabetizados com paciência e inteligência necessárias para ler matéria de maior complexidade do que as correioiras postagens iradas que vicejam nas rede sociais.

Naquela lista de parágrafo anterior enumerando os mal feitos das administrações de Ilhabela, faltou um item de enorme relevância. Que nessa lista não pode entrar como realização infeliz, mas justamente como uma evidente falta de qualquer realização.

Trata-se do saneamento básico. Relatório do Tribunal de Contas de 2018 informa que Ilhabela coletava apenas trinta e cinco por cento do seu esgoto e tratava a irrisória quantidade de quatro por cento dele. Com um resultado escabroso desses, não espanta



que seja sideral a distância da cidade daquelas demais citadas pelo Tribunal de Contas como referência de poder de investimento – Daytona Beach e Kelowna.

Ilhabela pode ter tanto dinheiro quanto elas mas longe está de ter a beleza, a funcionalidade, a eficiência delas. Na verdade, está é próxima das mais miseráveis ao falhar fragorosamente na questão do saneamento básico, cuja falta provoca sérios problemas de saúde pública. Ocupava em 2018 o décimo terceiro lugar no quesito de pior saneamento de todo o estado de São Paulo. Numa relação de seiscentas e trinta e duas cidades.

O que talvez anime um outro esperto publicitário a soldo das finanças municipais a criar o slogan: “Ilhabela, a 13<sup>a</sup> entre 632!”





Diante desse quadro lastimável, a notícia da audiência pública na terça-feira passada, dia 11 de fevereiro, sobre o contrato da SABESP em curso para cuidar do saneamento básico do município, era animadora porque dava a entender que enfim se focava numa questão crucial para o futuro da ilha.

O auditório da prefeitura ficou cheio e representantes diversos da sociedade civil se pronunciaram questionando o contrato e sugerindo modificações que o melhorassem. A relevância desse evento público nada tinha de turístico. Ele seria um palco maravilhoso para as autoridades insulares virem a luz. Até por isso a câmara municipal desmarcou sua sessão para que os vereadores pudessem estar presentes.

Já o poder executivo... Causou espanto que a prefeita a abandonasse para se ocupar de outro compromisso dito oficial, deixando perplexos todos os

que assistiram a cena constrangedora da sua saída se perguntando: que compromisso pode ser mais importante do que o de debater o saneamento básico de Ilhabela?

*– Participar de um banquete na “ilha de caras”.*

Prefeita e outras autoridades do poder executivo foram posar de convidadas para as lentes de fotógrafos paparazzi, esses que vivem de capturar flagrantes da vida dos “famosos”.

O vereador Marquinhos Guti, bradou enfurecido diante do auditório da prefeitura esvaziado depois de mais de quatro horas de falatório, achar um absurdo o poder executivo de Ilhabela ter se ausentado do debate.

Indignada, como é do seu costume, Janaína Pascoal conclamou no dia 18 de fevereiro em sucessivos twitters:

*“Segundo o Estadão, Ilhabela gastou 27 milhões em eventos e 16 milhões em educação no mesmo período. Dentre os eventos, um concurso de beleza. Ilhabela nada investiu em saneamento básico. Recentemente, recebi munícipes com sérias queixas na secretaria da saúde. Se o projeto de lei 07/20 em tramite na Alesp, for aprovado, ficará proibido gastar dinheiro público em inutilidades: shows, patrocínios, festas, propaganda de governos estéreis. Dinheiro público pertence a todos! Tratam como se dinheiro público fosse de ninguém! Colegas, ajudem a dar andamento ao PL 07/20, para o bem de todos nós!”*

A indignação da deputada estadual reverbera em nível federal e a verdade do presente é que Ilhabela tornou-se exemplo nacional de má gestão pública. O que talvez anime algum outro publicitário capacho do ..., bom, chega disso.

E o futuro. Puxa, o futuro. Lembraremos amanhã de uma advertência do Tribunal de Contas: Ilhabela não tem qualquer plano de contingência frente à possibilidade de redução do valor dos royalties, possibilidade essa concreta a partir de simulações de receita futura.

Simulações que não levaram em conta a hipótese de que os royalties sejam bloqueados por ordem federal ou a de que a legislação mude e essa receita seja equanimemente dividida entre todos os municípios.

Sim, é de bom tom reforçar, bem ao lado do quesito “saneamento” na bojudá relação de ações não realizadas, faltou “plano de contingência para o caso de diminuição ou fim dos royalties”.

Se os royalties diminuíssem drasticamente, qual destino teria Ilhabela? Os

relatores do Tribunal de Contas o imaginam parecido ao do Rio de Janeiro atual. Um estado de falência completa, total desordem, abjeta desumanidade.

Consternada frente a esse quadro pavoroso, catastrófico, bem que a prefeitura poderia reconsiderar o gasto nesse livro apócrifo de “turismo gera emprego” e redirecioná-lo para bancar a tiragem de outro, desta feita, um romance escrito por Carlos Knapp, autor do magistral “o sumiço do mundo” que tem Ilhabela como protagonista. O título dessa sua nova obra literária seria “o sumiço dos royalties”. Que de tão extraordinária história engendraria filme homônimo ainda mais excepcional do que Bacurau ou democracia em vertigem e, indicado ao Oscar de melhor filme estrangeiro, o ganharia para o orgulho exultante da pátria amada Brasil.



Em vídeo que circula na internet, ao vermos o vereador Marquinhos Guti continuando a manifestar a sua contrariedade com a atitude da prefeita e secretários municipais, revelar que no ano passado a “ilha de caras” abocanhou mais de quinhentos mil reais da prefeitura, a gente conclui que esse banquete no qual autoridades do poder executivo se divertiam fazendo selfies e posando todo dentes para os paparazzi de plantão não foi de graça.









Ilhabela, a mais rica das cidades do Brasil



Ilhabela, a mais rica das cidades do Brasil

A foto acima que ilustra a coluna é a de uma praia de Ilhabela. Pequena, intimista, fica ao lado de uma outra menor em frente ao bar do Tuca, no sul. Boa parte dela é inteiramente ocupada por pedras roladas de tamanhos variados, formatos e cores. A faixa de areia é diminuta. Da estrada há um acesso para descer até ela. Uma escadaria de pedra. Ela é pouco frequentada conforme atesta registro feito no domingo, dia 16 de fevereiro. Seria um local perfeito porque lá não houve a ação predatória da venda de cerveja, cachaça e frituras, não fosse o detalhe de existir desembocando nela um filete perpétuo d'água canalizado, que passa por debaixo da estrada.

Próximo à boca de alvenaria que o derrama praia e mar adiante, vemos latinhas de alumínio, papéis, bitucas de cigarro, invólucros de alimentos, absorventes, resíduos pastosos amarronzados

compondo uma multifacetada quantidade de lixo catingando o ar marinho. Se elevarmos o olhar acima dessa bocarra de dejetos vamos divisar doutro lado da estrada uma propriedade luxuosa com bandeirolas tremulando ao vento. Bandeirolas estampadas com o logotipo de “caras”. Pois ali é a “ilha de caras” em Ilhabela.

A se crer no depoimento em vídeo posto no facebook por um ilhabelense gozador, que filmou e comentou o fato desse esgoto desaguar na praia tendo como um dos prováveis emissores a imponente mansão da “ilha de caras”, nos espantamos ao imaginar qual seria a verdadeira natureza da material contribuição oferecida ao turismo insular pelas “celebridades” que lá se hospedaram para depois “desfilarem” por Ilhabela, – a mais rica cidade do Brasil.



# uma ilha, mil maravilhas

5 de fevereiro de 2019

<https://novaimpressao.com/2019/02/foto-em-foco-uma-ilha-mil-maravilhas.html>



A imagem que ilustra a Foto em Foco desta semana bem que poderia figurar como uma das apregoadas mil maravilhas dum novo slogan insular: “uma ilha: mil maravilhas”. Nessa nossa era de desfraldar bandeiras com beato devotamento, vê-las coloridas tremulando ao vento é maravilha para essa gente deslumbrada com brasões.

Na foto destaque as vemos bailando com o céu azul enevoado ao fundo. Destaca-se, é claro, a bandeira do Brasil, verde e amarela. Todavia, chama nossa atenção em primeiro plano, uma outra tímida até por ser bem menor e até por nem poder ser em verdade considerada um estandarte. Em vermelho vivo, vermelho sangue, ela grita.

Mas seu grito é ignorado pelos banhistas que se refrescam no mar. Eles são tantos... Pena que o Hospital Mário Covas ainda não foi ampliado. Tivesse já sido, e melhor atendimento teria

esse povo atormentado por doenças de pele e outras piores pelo contato e pela ingestão d'água contaminada por coliforme fecais, ou traduzindo para todo meio entendedor bem entender apesar da deselegância do dizer: água com merda.

Poderia esse acepipe (a água com merda), juntamente com as flâmulas vermelhas que vêm adornando praias do arquipélago nos últimos tempos, ser contabilizado como mais uma das “mil maravilhas de Ilhabela”?

Dezenove praias com a bandeira vermelha da CETESB; ou seja, todas, todas as praias monitoradas pela companhia classificadas como inadequadas para banho. Dezenove praias impróprias, muito embora os turistas e a gente da Ilha que nelas se banhava pouco se importasse com o alerta sanguíneo encimado no mastro no meio de cada uma dessas praias poluídas.

Poderia esse recorde histórico – todas as praias insalubres – nota dez de emporcalhamento, ser capitalizado também como uma das mil maravilhas apregoadas pela publicidade oficial?

Aparentemente, não, dada a rapidez com que as autoridades vieram a público tirar o corpo fora. “-Foi a chuva”. E assim culpavam com religioso zelo São Pedro pelo feito que viralizou notícia trazendo grande notoriedade a Ilhabela. Faz sentido? Faria se tudo quanto é praia que toma chuva ficasse igualmente maculada. Como isso não acontece, a culpa não é da chuva, mas sim da merda que ela lavou no caminho até o mar. E como essa merda, evidentemente, não caiu do céu, não foi cagada por santo nenhum, ela é mesmo merda terrena, merda insular. Poderia essa merda ilhabelense entrar no conjunto das mil maravilhas? Essa é uma pergunta oportuna para a agência

de publicidade que cuida de tão bem promover “Ilhabela vida natural”. Com a engenhosidade desses publicitários até merda vira maravilha como maravilhas eles se esforçaram por fazer ser a excruciante fila da balsa, o trânsito caótico, a falta d’água, os apagões, a roubalheira do comércio, a devastação da natureza, a feiura urbana e por aí vai que a lista é longa e há sempre novo item para alongá-la ainda mais.

Quem anda a pé pela cidade não se refugiando no ar condicionado de Range Rover ou similares, bem sabe que pela ilha o serviço de zeladoria é falho. As calçadas são pistas de obstáculos e aquelas da orla ainda agregam o poder de escolhermos entre sermos atropelados por ciclistas ensandecidos de um lado ou por motoristas bêbados de outro. As praças são indigentes; bancos quebrados, calçamento estragado, brinquedos e equipamentos de

ginástica sem manutenção que preste, paisagismo medíocre, inexistente. Há erva daninha crescendo por tudo quanto é canto. Há lixo poluindo qualquer paisagem: garrafas de plástico, copos descartáveis, invólucros de marmitta, camisinhas, sacos de supermercado, bitucas de cigarro, cocô de cachorro, catarro, etc.

Pichações vão se sobrepondo umas sobre as outras criando camadas à espera de arqueólogos do futuro. Boa parte do que é inaugurado logo já mostra sinal de deterioração e vandalismo. A ponte estaiada na Barra Velha vai mudar o nome para ponte cai num cai tamanha é a degradação do piso de madeira e a imundície da estrutura metálica. Façam suas apostas para antecipar o dia em que os pedestres e ciclistas vão começar a despencar pelos buracos que não se aguentam mais de tanto reparo mal feito. Calçamento é

trocado para que o antigo em bom estado seja no lixão descartado. Asfalto é derramado à larga impermeabilizando o solo. E mal acaba de ser despejado e vira logo colcha de retalho de tanto remendo em cima de remendo. Gasta-se à toa em obras inúteis, estapafúrdias que prontamente viram motivo de piada nas redes sociais como as recentes do “monumento Cristão”, R\$ 31.023,59 e a do “Marco da Paz”, R\$ 76.410,17. Gasta-se os tubos proveniente infraestrutura para eventos e shows e pagamento de cachês milionários de músicos de tudo quanto é gênero musical. Imóveis particulares são desapropriados na casa dos milhões para serem incorporados ao patrimônio municipal sem proporcionar qualquer ganho para a população, como foi o caso da Fazenda Engenho D’Água comprada por mais de vinte milhões e mantida fechada. A folha do funcionalismo não para de crescer e se royalties não

existissem, a receita do município inteiramente comprometida ficaria com o salário dos servidores, nada sobrando para os outros encargos, o que seguramente levaria as finanças municipais à falência e Ilhabela ao colapso. Quem vive nesse cenário dia após dia vai se acostumando e não estranha o fato das praias ficarem todas sujas. Afinal, com tanta coisa establanada acontecendo por que haveria a maravilha maior (essa sim maravilha), a natureza insular, de passar incólume? Pensa que é desse jeito mesmo.

Porém, quem viaja e conhece cidades muito bem cuidadas apesar de não terem a enormidade de dinheiro que Ilhabela tem, descobre que, certo não pode ser. Elas são belas e estão limpas, com inclusive, as finanças em dia. Suas praças nos convidam a flunar. Suas calçadas são gostosas de andar. Nas paredes não há pichação.

A cultura local é reverenciada, festejada. Faz bastante tempo que a rede de água e esgoto atende todo mundo. Há tranquilidade, civilidade, probidade; percebe-se a preocupação em fazer bem feito em cada pequeno detalhe. Existe efetivo orgulho em ser da terra e dela cuidar. Ali, ninguém teria o mau-caratismo de vandalizar o que quer que fosse como pela ilha corriqueiramente acontece, exemplo último, o das bicicletas amarelas destruídas. E pode por lá chover a cântaros que ainda assim os munícipes não seriam bosteados como foram os moradores e turistas em Ilhabela.

Tem quem retruque que rua limpa, praça aprazível, árvore sombreando a calçada onde se anda sem tropeçar, respeito à cultura são tudo frescura, coisa menor. Que o que importa é hospital escola emprego turismo ano inteiro obra muita obra novinha.



Mas o fato é que o diabo mora nos detalhes. Se não se consegue manter limpa e bonita a rua, será que se vai manter em bom funcionamento o hospital e a escola? Se a comunicação institucional se presta a maquiar o real, onde se encontrará informação crível? No jornalismo chapa-branca financiado por anúncio “Ilhabela vida natural” seguramente não. Se o sonho maior da vereança é ocupar secretaria municipal, numa dança de cadeiras interminável, quem exercerá o papel de fiscalizar? Se os moradores só cuidam da porta para dentro das suas casas, quem olhará pelo espaço público? Se os negócios da cidade só enxergam o próprio umbigo, como sobreviver ao impacto do turismo predatório? Pequenas coisas bem feitas estimulam fazer também as grandes bem feitas, contagiando o trabalho numa escala crescente que afugenta o desrespeito, o descaso, a imperícia. O bem feito salta aos olhos

por sua materialidade benéfica e se incorpora à realidade com solidez; ele não precisa de publicidade para ser visto e valorizado.

Não erraria a agência de propaganda criadora daquelas aludidas e memoráveis peças em alcunhar Ilhabela como a “Ilha da fantasia”. Só fantasiando para ver o que não existe.

Merda demais. É isso o que verdadeiramente existe nessas dezenove praias de Ilhabela. E não é natural e muito menos maravilha.





IMPRÓPRIA

Atenção



**aqui a gente está pra ensinar,  
a gente está pra educar as  
pessoas**

3 de fevereiro de 2024

<https://novaimprensa.com/2024/02/aqui-a-gente-esta-pra-ensinar-a-gente-esta-pra-educar-as-pessoas.html>

Frase de Julieta Ines Hernández Martínez vestindo a personagem Miss Jujuba em entrevista no YouTube, datada de 11 de maio de 2020. Nela se percebe o seu talento e a sua técnica apurada na arte da palhaçaria, ao assistirmos sua fala em meio a uma encenação tragicômica rica de expressividade.

Julieta era venezuelana e veio ao Brasil, logo ao Rio de Janeiro, para estudar o Teatro do Oprimido. Por isso disse o que disse: era seu desejo que se fez profissão de fé, exercitar a arte não apenas para entreter, mas também, desalienar.

O Teatro do Oprimido é escola que surgiu capitaneada por Augusto Boal durante os anos de chumbo da ditadura militar. Tinha inspiração na didática Freiriana que deslumbrou o mundo.

Julieta veio em 2015, dois anos depois das jornadas de junho de 2013 quando multidões sem rumo tomavam as ruas e estradas do Brasil num protesto grandiloquente, porém de corpo disforme pois sem pé e muito menos, cabeça, querendo reclamar de tudo e de nada. Essa insatisfação esquizofrênica foi força motriz da extrema direita brasileira para que, zurrando estridente e alucinadamente, desencadeasse acontecimentos perversos culminando no 8 de janeiro de 2023.

Feito filho pródigo que ao lar torna, Julieta voltava para seu lar venezuelado e pelo caminho encenava seu espetáculo minimalista “Viagem de bicicleta de uma palhaça só, sozinha?”.

Feito frade franciscano, Julieta, tão pobre, estava praticamente o tempo inteiro, com os que são pobres. Fazendo rir gente dum Brasil marginalizado que

a casa grande se esforça em ocultar.

Julieta fazia arte não em escala planetária como hoje fazem e por tanto querer assisti-la até morrem seus fãs maltratados em shows milionários e pirotécnicos, celebridades que se imaginam artistas enriquecendo nababescamente enquanto escravizadas pela indústria do entretenimento frívolo.

De vez em quando, se apresentava em teatro. E o suporte do palco com sua iluminação celestial a fascinava. Entretanto, seu dia a dia não tinha as luzes da ribalta e Julieta então se movia pelas bordas porque sua escolha foi a de levar arte para quem jamais entrou num teatro. Sua amiga Guadalupe Merki nos conta que ela era muitas vezes, excluída de editais de cultura.

Aqui, cabe abrir um parêntesis.

Seria excluída do único edital de fomento que teve Ilhabela. Lançado em

2022, impresso era um catatau de 38 páginas. Documento Frankenstein; uma colagem disparatada de trechos de diferentes certames. Por essa razão, exigia contrapartidas somente possíveis com orçamentos mais generosos e não com os valores limitados em tantas áreas diversas.

Além disso, o jurado sem qualificação acadêmica relevante e com pouca e inexpressiva vivência em avaliar processos seletivos, justiça medíocre fez aos inscritos que se sujeitaram a cobranças draconianas da secretaria municipal de cultura.

A despeito disso, fantástico é imaginar uma Ilhabela onde se privilegiasse fazer arte democraticamente, dando protagonismo a sua classe artística.

Poderia ser real, não sonho. Mas se



a política empoderada tem sido a de menosprezar a cultura e a educação, como tornar esse sonho realidade?

O orçamento de Ilhabela é bilionário; para 2024 a estimativa é de R\$ 1.125.000.000,00. Dinheiro, faz tempo, não falta. Ilhabela entrou no folclore da imprensa por patrocinar escola de samba da capital paulista, concurso de miss e por contratar músicos e bandas de alto quilate. Saíam da ilha remunerados à altura da fama. Os artistas viventes da terra no entanto, ficavam e continuam ficando mesmo a ver navios. Em 2023, não houve edital de fomento mesmo havendo a sua cobrança pela classe artística da cidade e, recentemente, a delegação de Ilhabela enfrentou dificuldades para participar da Conferência Estadual de Cultura, cujo tema central era, justamente, “Democracia e direito à cultura”. Rafael Antonio Bal-

aqui a gente está pra ensinar, a gente está pra educar as pessoas

do, Procurador do Ministério Público de Contas do Estado de São Paulo, em parecer assinado em 27 de junho de 2023 nos conta que:

*Conforme reiteradamente apontado por esta e. Corte de Contas nos relatórios e pareceres dos últimos anos da Prefeitura Municipal de Ilhabela, é absolutamente desproporcional que um município de pouco mais de 36 mil habitantes e com uma arrecadação superior a R\$ 770 milhões, o que representa um PIB per capita de R\$ 21.309, sequer seja capaz de aperfeiçoar sua gestão operacional. Como bem ilustrado pela Fiscalização, no setor de educação, área de extrema importância para o desenvolvimento local, em 2021 o gasto anual por aluno matriculado, na média das cidades paulistas, foi de R\$ 12.281,72, ao passo que o gasto em Ilhabela foi de R\$ 22.122,27 (isto é,*

*80% acima da média). Apesar disso, observa-se que a nota do i-Educ não apresentou evolução, refletindo falhas graves como falta de vagas em creches, ausência de AVCB em escolas da rede de ensino, necessidade de reparos e reformas em quase todas as escolas, contratação precária de professores, entre muitas outras impropriedades.*

Parêntesis fechado.

Numa sociedade onde boa parte dos seus integrantes abraçou o ódio sepultando a bondade, artista é visto como crápula, ladrão do estado, vagabundo.

Artista de rua vive situação pior; é considerado primordialmente um vadio, um inútil, um pedinte, um estorvo, especialmente por esses brasileiros e brasileiras da estirpe dos que berravam na porta de quartéis a eles

solidários pelo Brasil de norte a sul, leste a oeste, até em tiro de guerra e escritório da marinha e lá em São Sebastião ainda deles temos cheiro e indigesta lembrança.

Pouco importa que esses artistas atuem sob sol forte ou chuva gélida e na neurastenia dos sinais fechados. Motoristas levantam o vidro e desviam o olhar porque julgam preconceituosamente não estar diante de artistas, mas de craqueiros que poderiam assaltá-los.

Há desmiolados demais fazendo esforço desumano para interditar a arte de rua. Um deles foi Flávio Bolsonaro, vitorioso na proibição da apresentação de artistas no metrô do Rio de Janeiro; outro, em São Paulo, foi João Doria que escolheu cobrir de cinza o alegre colorido dos grafites da avenida 23 de maio.

Por falta duma lei federal que normatize

o trabalho dos artistas de rua, proliferam pelo país, leis estaduais e municipais que agridem essa arte e seus artistas. Ilhabela poderia há muito tempo ter uma lei que valorizasse e protegesse os seus artistas de rua da ação intimidatória de policiais e fiscais truculentos.

Existem na ilha artistas e produtores culturais se batendo por melhor espaço para a arte de rua. Mas quem nos gabinetes refrigerados do Palácio Sauna de Cristal Matagado ou nos da Casa da Princesa e da Fera aluminizada os ouve?

Julieta ia além de fazer arte na rua. Era artista plástica, – fazia bonecas miniaturizando pessoas com uma perfeição incrível -; era música, se apresentava cantando e tocando um instrumento característico da Venezuela, o cuatro; era poetisa e por ter se formado como

veterinária, às vezes socorria animais machucados ou necessitando de acompanhamento. Com tantas habilidades e tendo acumulado notável experiência de vida em suas andanças, poderia se pavonear. Longe disso, era uma pessoa acessível, duma humildade raramente vista e um vídeo feito por um curioso em Manaus ao encontrá-la e abordá-la, revela sua paciência e franqueza em responder suas perguntas.

Ela se deslocava de bicicleta. Uma opção de transporte que colide com a estupidez e a ganância de fabricar automóveis e mais automóveis atropeladores de pedestres e ciclistas, desperdiçando recursos que não se renovam para entupir as cidades deles e feito placas ateroscleróticas, adoecê-las.

Julieta retornava ao seu lar na Venezuela feito filho pródigo? Na verdade, não, posto que sua vida dantes foi monástica, abnegada, exemplar, benemérita.

É uma lástima, é de uma crueldade de Brasil Pátria Desalmada Brasil que essa existência tida como tão pequena na visão cínica dos que se locupletam na miséria e no infortúnio da maioria da população brasileira, tenha tido esse final trágico que nem vale a pena aqui relatar.

É um absurdo que apenas na morte Julieta evidencie a sua verdadeira e gigantesca estatura humana e artística e finalmente possa resplandecer como um exemplo pujante e presente de que sim, nós não devemos ter medo e que precisamos com urgência impreterível nos aventurar e fazer rir para que esse riso nos ensine e nos eduque além e acima de toda a adversidade.

Fotos da Bicicletada por Jujuba, em Ilhabela, SP, no dia 12 de fevereiro de 2024.



aqui a gente está pra ensinar, a gente está pra educar as pessoas





<https://www.marciopan.com/julieta-ilhabela>

aqui a gente está pra ensinar, a gente está pra educar as pessoas



6 de setembro de 2021

## **PREOCUPA NÃO O GRITO DOS MAUS, MAS O SILÊN- CIO DOS BONS**

Na hora agora desse pesadelo que parece não ter fim, se especula se vai haver ou não golpe. Mas essa é uma questão extemporânea porque golpe, já houve e faz tempo. Os poderes institucionais que poderiam o ter evitado, o legislativo e o judiciário e a própria imprensa como quarto poder, foram negligentes e consentiram que fosse perpetrado.

O resultado que alguns arautos do apocalipse anteviram se materializou na

preocupa não o grito dos maus, mas o silêncio dos bons

destruição do meio ambiente, da saúde, da educação, da cultura, da ciência, da economia, dos direitos humanos, dos direitos trabalhistas, dos direitos dos indígenas, do respeito às diferenças, da diplomacia, da segurança pública; todas essas destruições agravadas e potencializadas por destruição muito maior e odienta: a de vidas, quase seiscentas mil ceifadas pelo coronavírus com a anuência de uma política de saúde pública negacionista.

A destituição da impopular Dilma Rousseff da presidência sem justificado embasamento jurídico e político abriu caminho largo para a tomada do poder pela ultra direita revanchista e reacionária que logrou em tempo recorde esfrangalhar as conquistas políticas, sociais, econômicas, ambientais e diplomáticas após a ditadura militar do país o entronizando não como Brasil pátria amada Brasil do slogan açucarado e bajulador desse tempo sórdido

preocupa não o grito dos maus, mas o silêncio dos bons

da nova política que, literalmente, poderá nos deixar nas trevas, – sem luz por causa do apagão da energia, mas sim como o Brasil pária odiado Brasil no mundo inteiro.



*breviário de decomposição/ pintura/ Márcio Pannunzio/ 2021*

preocupa não o grito dos maus, mas o silêncio dos bons

Bolsonaro, visto humoristicamente como o tiozão do pavê ou o machão sincero, jamais deveria ter tido a sua periculosidade subestimada. Ela hoje assegura que a sua obra de arrasamento do país é um completo sucesso; a sua promessa de destruir, criando, não bem-estar, mas terra arruinada pelo sal grosso da perversidade tal qual o que fartamente esparramaram os algozes da Inconfidência Mineira na casa de Tiradentes depois de a queimarem, se concretizou muito antes do final do seu mandato. E ele agora segue integralmente devotado a sua campanha de reeleição fazendo “motociatas”: deploráveis desfiles de brutamontes homúnculos em motocicletas querendo posarem de cruzados em defesa da liberdade de agredirem e destruírem a liberdade que bravateiam defender, acelerando sua estupidez e atrocidade pelas avenidas das periferias mais obscuras e enfermias do Brasil.

preocupa não o grito dos maus, mas o silêncio dos bons

Há muito foi enterrada e olvidada a bandeira da “Marielle presente”. Ela foi sufocada pela bandeira sanguinária do “Ustra vive”.



98

*desastres da guerra*

*Márcio Pannunzio 2021*

*desastres da guerra/ gravura/ calcografia em cobre/ buril e ponta seca/ Márcio Pannunzio/*

É preciso, todavia, reconhecer, que todo esse retrocesso de construção sadia de país não foi trabalho solitário desse “messias” adulado pelos setores retrógrados e ignóbeis do empresariado, da imprensa, da igreja, da política; pois esses mais de cinquenta

preocupa não o grito dos maus, mas o silêncio dos bons

e sete milhões de eleitores que encastelaram esse personagem rufião que a imprensa séria desmascarou como ladrão de salário de assessor e nota de gasolina e terrorista na cadeira presidencial, encastelaram no poder também, toda uma extensa e abjeta casta de políticos a comandarem as câmaras municipais, as estaduais e a federal, o senado e governos municipais e estaduais pelo Brasil todo. E então eles juntos somam forças para passar a morfética boiada do atraso civilizatório que causará enorme prejuízo a tantos em nome da fortuna desavergonhada de uns tão poucos reiterando nossa infame história de desigualdade, ignorância, racismo, violência, injustiça e desumanidade.

Na hora agora em que tanta gente se inquieta e se amedronta com a infernal berraria dos fanáticos bolsonaristas que pretendem sequestrar as ruas no sete de setembro, ela deveria, na verdade e a bem dela, preocupar-se com a maioria que silencia.

*O que me preocupa não é o grito dos maus, mas o silêncio dos bons.* Frase antológica atribuída a Martin Luther King.

<https://novaimprensa.com/2021/09/preocupa-nao-o-grito-dos-maus-mas-o-silencio-dos-bons.html>

preocupa não o grito dos maus, mas o silêncio dos bons





*pandemônio/ mosaico de fotografias/ Márcio Pannunzio/ 2021*

preocupa não o grito dos maus, mas o silêncio dos bons



# **carnaval antecipado em São Sebastião**

13 de novembro de 2022

[https://novaimprensa.com/2022/11/  
carnaval-antecipado-em-sao-sebastiao.  
html](https://novaimprensa.com/2022/11/carnaval-antecipado-em-sao-sebastiao.html)



*“...como vivandeiras alvoroçadas, vêm aos bivaques bulir com os granadeiros e causar extravagâncias ao poder militar.”* Marechal Humberto de Alencar Castello Branco.

A língua portuguesa é bela, pelo fato de ter entre outros tantos predicados, o de ser preciosista. A palavra estória é tida como arcaica, mas sobrevive marcando diferença em relação a sua irmã história. Contam que estória com e é invenção, é sonho, é irreal; existe no mundo da fantasia. História com h não se inventa, se vive na pele acordada, é real; existe no mundo físico. A coluna vai se ilustrar pelas duas, a começar, pela:

## **estória**

Cansada, exasperada de tanto esperar que a prefeitura são sebastianense, enfim obedecendo demanda judicial contestada sem êxito, lhes melhorasse, minimamente, a sua precária existência, a população de rua da cidade decide, depois de acalorado debate, protestar. Mas protestar como? Reivindicar na frente da prefeitura ou da câmara municipal não resolveria já que ambas vêm

governando de costas para ela faz tempo e dentro do seu limitado entendimento, assistência social significa na fala do senhor defensor público, *“na maioria das vezes, a entregar bilhetes de ônibus para que as pessoas, em situação de rua, se desloquem para outros municípios”*.

Reclamar pro bispo também não adiantaria, haja vista que apesar de bispo ter e muito, porque a maior parte deles está mais interessada em arrecadar dinheiro pra sua igreja do que em ajudar os que tão pouco têm.

Então, essa gente tão repudiada, não enxergada por decretada invisível, se lembrou de que aqueles que se diziam patriotas da nação haviam, várias vezes, ao invés de invocarem a ação desses políticos surdos ou desses clérigos fariseus chegados em barra de ouro, invocarem a força das armas da república, apesar delas serem fumarentas, barulhentas e obsoletas como bem

provaram os tanques que desfilaram em frente ao palácio do crepúsculo, perdão, alvorada.

Entretanto, São Sebastião não tem quartel. Tem porém um local cheio de fardados feito médicos, todos luminosamente de branco, os soldados da marinha.

E lá se foi o povaréu de rua, civilizadamente, como povaréu cidadão defronte da entrada da Delegacia da Capitania dos Portos. Para não passar por maior desconforto do que o vivido cotidianamente, entenderam de bom tom levarem seus simplórios pertences.

Num instante a calçada e a rua inteira em frente se atulhou de papelão, colchões velhos, cobertores, carrinhos de supermercado transbordando de tanta tranqueira e duma gente sem banho e muita dela de pele escura e essa gente toda ainda acompanhada por muita cachorrada. Não cachorrada dos apofóbicos que os querem bem longe,

vale esclarecer, mas cachorrada mesmo: cachorros e cadelas sem eira nem beira, sem lar que os queira.

Pois nessa altura a estória se complica e pra simplificá-la, convém pensar em dois diferentes desfechos.



1. A marujada compreensiva se compadece da dor dessa gente que não sai no jornal, mas que interditou a entrada da sua repartição e a própria rua, logo ela, a principal da cidade, a majestosa rua da praia. A PM se solidariza com esses brasileiros e brasileiras sem teto e pão e banho também e estaciona viaturas com farto efetivo para os defenderem dalgum eventual desaforado de mau coração permitindo assim, que a

sua manifestação de inconformidade, manifestação essa, totalmente democrática, prospere, demore o tempo que demorar.

2. Bom, esse outro desfecho é com fumaça, tiro, gritaria, xingamento, pancadaria, cadeia e olha lá, uns bilhetinhos de passagem pra outras praças bem distantes dessa são sebastianense e se bobear, bilhetinho pro lado de lá, aquele do qual ninguém até agora voltou. A imaginação desalmada de quem lê, completa o quadro com paleta sombria e mão pesada no pincel.

## **história**

Desde a proclamação do resultado do segundo turno das eleições, um grupo que parece mais ala de escola de samba por estar todo fantasiado de verde amarelo, interditou a rua da praia e dificultou o acesso à Delegacia da Capitania dos Portos. Viaturas



da PM que poderiam estar percorrendo a cidade em patrulhamento, ficaram lá estacionadas. Populares que não professavam a mesma fé da turba correram o risco de serem hostilizados. Lá dentro tinha barraca dessas expostas com destaque em loja chique de camping, tinha tenda pra se alimentar, tinha cadeira e espreguiçadeira com fartura e tinha até caminhão zero bala parecendo carro alegórico de tanta bandeira e pano colorido o cobrindo. Podia bem estar de serviço fazendo entrega, mas ficou lá parado com alguém pagando por isso.

À noite, havia iluminação tão potente que muito pouca sombra vivia. Faixas pediam intervenção federal, faixas imploravam apoio do exército; bandeiras brasileiras tremulavam histéricas e no meio da confusão de carnes bem lavadas e alvas, tinha umas de gente que já viveu na infância a ditadura do estado

novo e na juventude a ditadura militar. E ainda assim, estavam lá, clamando por ela, a ditadura que por dura sendo de direita ou de esquerda, perseguiu, prendeu, torturou, assassinou, exilou, afrontou, achincalhou, emporcalhou, aviltou e haja adjetivo depreciativo pra tanta infâmia feita.

Há jornalistas, há políticos e, principalmente, juristas, que dão nomes sem rodeios a esse tipo de ajuntamento: manifestação antidemocrática, manifestação golpista, manifestação criminosa. Sim, por incitar crime contra a democracia.

Dizem que os moradores de rua se drogam; pois de que droga se drogam esses que não são sem teto e que se tornam sem, voluntariamente, abrindo mão da segurança das suas casas confortáveis, pra passarem dias e noites ao relento violando o direito de ir e vir dos demais na rua cartão postal de São Sebastião? Iriam continuar ali fazendo

barricada, serviçais, esperando uma nova intervenção triunfal do general Benjamin Arrola? Ficariam até a chegada dionísiaca do carnaval, quando finalmente, seus napoleões de hospício e suas vivandeiras alvoroçadas bulidoras de granadeiros se levantariam trôpegas das espreguiçadeiras de praia e desfilariam cambaleantes berrando coléricas a musiquinha sejam patriotas?

Pois então o Ministério Público do Estado de São Paulo determinou a imediata desobstrução da rua da praia depois de mais de uma semana de bloqueio baderneiro.

Aqui a história termina.

**Termina?**









**novamente,**

novamente,





# **carnaval antecipado em São Sebastião**

10 de fevereiro de 2024

<https://novaimprensa.com/2024/02/novamente-carnaval-antecipado-em-sao-sebastiao.html>



novamente, carnaval antecipado em São Sebastião



A foto em foco carnaval antecipado em São Sebastião finalizava com uma palavra em negrito que perguntava:

**termina?**

A larga faixa estendida no gradil deixava claro que ela seria interditada do dia 9 ao 13 de fevereiro, sempre depois das 18h. Entretanto, no dia 7 ela ficou intransitável o dia inteiro. Isso porque foi invadida por gente colorida de verde amarelo assim como fizeram as que acamparam em frente à Delegacia da Capitania dos Portos nos meses finais de 2022. Emban-deirados se perfilaram ao pé de seu messias em imagens que viralizaram com gosto na claque bolsonarista;

novamente, carnaval antecipado em São Sebastião



Damares se ufanando de que isso sim era manifestação de apreço popular em tudo diferente dum trechinho recortado com lupa duma outra, de Lula em Belford Roxo. O Brasil inteiro, quiçá o mundo também, sabem agora que em São Sebastião Litoral Norte do estado de São Paulo, Jair Messias Bolsonaro é rei.

Pois do alto do palanque trio elétrico pago não se sabe por quem, na avenida que em breve seria verdadeiramente carnavalesca, ele pançudo posou de rei momo sempre batendo na tecla do vitimismo e na repetição dum versículo só, o 8:32 do Evangelho de João que diz *“e conhecereis a verdade e a verdade vos libertará”*. No dia seguinte, a hora da verdade ao pé da letra e pra ficar mais bonito, classudo, erudito, em latim assim *tempus veritatis*, chegou. “Eu sei o que vocês fizeram o verão passado”, corrigindo, inverno

passado, bem podia ser o nome do vídeo gravado pelo Mauro Cid que escancarou pra nação & mundo a face da ignomínia bolsonarista sem retoque e essa face nada tem de carnavalesca; ela é, primordialmente, criminosa.

Vídeos do acabou porra!, e os da reunião ministerial do dia 22 de abril de 2020 viraram biribinhas ao lado desse, de reunião ministerial em 5 de julho 2022 e agora sabemos que conhecendo a verdade, ela nos libertará muito embora possa encarcerar bastante gente graúda a começar por aquele que tanto tanto a repetia esganiçando uma fala furiosa.

Escolher estar em São Sebastião reunindo sua tropa ruim pra sambar “liberdade, liberdade, abre as asas sobre nós!”, mas bem capacitada pra numa coreografia Thriller reverenciar numa toada desafinada aos berros duma

nota só justamente o seu inverso, o autoritarismo, não foi fruto do acaso. Havia o depoimento desmarcado, o caso da baleia jubarte toureada, mas esse é pretexto menor.

Escolheu estar na cidade porque sabia que ela o teria eleito como igualmente o faria Ilhabela. Ponto em comum, os prefeitos fizeram campanha para a sua vitória. Estaria pois, no meio do seu rebanho.

No palanque, puxa-sacos agitavam histéricos baleias de inflar fazendo troça numa atitude que a Lei nº 7.643, de 18 de dezembro de 1987 pune com pena de dois a cinco anos de reclusão, além do pagamento de multa.

Funcionando como atracadouro de navio de gado vivo, inclusive navio sucateado, o porto da cidade se notabiliza por ser dos poucos que permitem essa prática vergonhosa, recriminada no mundo inteiro. Se a população, à

exceção duns teimosos que levantam bandeira contrária, não se importa diante da crueldade imposta aos animais confinados em espaços minúsculos durante uma travessia oceânica interminável ao fim da qual, se chegarem vivos, serão esfaqueados ainda conscientes pra sangrar até morrer seguindo preceito religioso, por que se aborrecer com baleia acossada por jet ski?

Quando deputado, Bolsonaro deu carteirada em fiscal que o autuou e multou por pescar em área de preservação. Em campanha, prometeu que, eleito, acabaria com o Ministério do Meio Ambiente. Eleito, despediu o fiscal que o multou. Não conseguiu cumprir a promessa de extinguir o ministério, mas o desidratou a ponto de torná-lo inexpressivo.

No discurso à multidão que não era avantajada porque todos os vídeos



que a mostram fogem ligeiros das suas bordas, Bolsonaro disse que poderia “estar já cuidando da minha vida, estar fora do Brasil”. No dia seguinte, o dia da limpeza da lixaiada deixada de lembrança lambança por essa “gente da direita que trabalha”, - palavras do ex-presidente -, ele ficou sabendo que não poderia sair do Brasil.



Esse povo inflamado que sequestrou a avenida da praia não teve coragem de sambar ao som “daqui não saio, daqui ninguém me tira” e retirou-se. Além do

refrão de adoração ao bezerro de ouro,  
MITO MITO MITO MITO MITO MITO  
MITO MITO MITO MITO MITO MITO,  
bradaram e muito, enraivecidos, *“Lula  
ladrão, o seu lugar é na prisão”*.

Essa aglomeração estridente, nada  
carnavalesca, adepta do duplipensar  
de 1984, ao juntar sem atrito concei-  
tos antípodas como os de democra-  
cia e o de autoritarismo, liberdade e  
ditadura, haverá de ignorar, tripudiar  
do pensamento humanista, libertador  
de George Orwell, sintetizado na fra-  
se *“em tempos de engano universal,  
falar a verdade torna-se um ato revo-  
lucionário”*.

Diante da ofensiva do poder judiciá-  
rio, pouco caso farão do versículo de  
João. A verdade pouco lhe importa;  
vale mesmo a narrativa duma exdrúxu-  
la teoria da conspiração.



Essa postagem incógnita circula veloz e venenosa nas redes sociais.

Isso pensam os fanáticos que engrossam manifestações. Para eles, a verdade é o seu inverso; a verdade é o seu oposto; a verdade é, visceralmente, o seu contrário: a mentira.

O cabeçalho revela a ignorância de quem o redigiu; a sua pouca ou quase nenhuma familiaridade com a gramática a ponto de colocar sobre o “que” um inexistente acento circunflexo.

Se essa gente criminosamente golpeia a frágil democracia brasileira, porque não haveria de também estuprar a língua portuguesa?

Encarar como santo quem tripudiou dos que morreram de covid, imitando, teatralmente, a falta de ar que sentiram antes de serem entubados ou quando, sem nenhuma assistência médica, em enorme agonia sufocaram até morrer?

Pesquisas sérias comprovaram: morreram muito mais bolsonaristas do que os que não abraçaram essa ideologia maligna e tóxica.

Santo? Jamais.

Mártir? Como enxergar nessa condição um genocida que praticou sedição golpista? Alguém que difundindo a mentira, ocasionou a morte? Alguém que traiu a própria pátria?

Solto seria presidente? Inelegível já por oito anos, somente no futuro poderia concorrer e esse futuro poderá se dilatar e muito quando for fechado o inventário interminável dos seus crimes.

Eleito presidente como? Se usando de incontáveis atos espúrios, se gastou a rodo, se comprou e enlameou tantos, se empregou todos os artifícios desonestos, imorais ao seu alcance e ainda assim foi derrotado?

Todavia, esse acontecimento que celebrou a força do bolsonarismo logo aqui, no seio do Litoral Norte, poderá colaborar para a prisão preventiva de Jair que não se conformou em já ir embora. Afinal, insuflar movimentos contra governo democraticamente, legitimamente eleito e contra o poder judiciário com potencial de abalar a ordem pública e tumultuar investigações policiais em curso poderia ser enquadrado como requisito da sua decretação.





Diana Almeida

3 d · 🌐



Prefeito e vereadores pretendiam aumentar os seus salários 🙄🚫

A sessão de ontem foi marcada por um projeto polêmico, que traria benefícios a quem menos precisa, o projeto articulado pelo prefeito e alguns vereadores aumentaria o salário do grande escalão do executivo, entre eles o do prefeito que ganharia R\$35.000,00 (trinta e cinco mil reais) por mês.

Após o meu discurso na tribuna sendo contra o projeto, o prefeito se irritou e foi atacar os vereadores contrários, e ass... [Ver mais](#)



👍❤️ 59

11 comentário 22 compartilhamentos

novamente, carnaval antecipado em São Sebastião



Do lado de lá do canal, novamente, de novo novamente, notícia antiga ainda fresca volta à tona: prefeito e vereadora trocam insultos. O estopim foi projeto de aumento salarial da elite do poder insular que segue bem vitaminada e robusta encabeçando a folha de pagamento. Morreu no nascedouro. Entretanto, a desfaçatez de querer mais e mais pra quem tem tanto frente aos que quase nada têm, incendiou uns poucos ânimos na câmara municipal.

Ao assistir o vídeo oficial da sessão, no entanto, não se verá nem se ouvirá a berraria: “o senhor é um bandido, corrupto, mentiroso, traidor...”. Pra ver a xingação, é preciso abrir o vídeo tornado público pela vereadora. A diferença é que desta vez, a briga, apesar de filmada como a anterior, não caiu no colo e no gosto da grande mídia até porque havia baixaria muito maior, de envergadura nacional sendo descoberta.



ilha...bela

# o 8 de janeiro

17 de janeiro de 2024

<https://novaimprensa.com/2024/01/foto-em-foco-o-8-de-janeiro.html>



Final de tarde na rua da praia em São Sebastião. O mormaço dum dia de desarranjo climático é o tormento que vive quem não tem acesso a ar climatizado e põe a cara pra incendiar ao ar livre. O calor pegajoso adere à pele e esgana o corpo numa agonia claustrofóbica. A tarde caía sim, feito viaduto. Mas o bebêdo não trajava luto e muito menos lembrava Carlitos.

Espalhado numa cadeira dum desses bares que invadia a calçada exalando fritura e bafo etílico, o sujeito, embriagado, mordido pela curiosidade, interpelou os caminhantes que chegavam poucos e devagar; alguns com pandeiros, outros com bandeiras, uns com tambores dependurados no peito ensaiando um repique tímido.

*-Quem são? Aonde vão?*

Diante da resposta de que iriam se agrupar em frente à Casa da Cultura pra lembrarem o trágico 8 de janeiro

de 2023, perguntou se eram petistas. Não esperou resposta. Entre dentes, com desprezo e raiva falou para que todos a sua volta ouvissem: *bando de vagabundos!*

O pior dos governos depois da ditadura militar haveria de destruir a cidadania e as instituições da república demais e muito além. A lista de estrago é enorme e não há espaço para aqui elencá-la. Melhor a reviver pela pena da memória vivida do jornalista vencedor do Prêmio Esso, Weiller Diniz no artigo “Acabou, Porra”. Dividido em tópicos, o nome curto de cada um deles, juntando todos, compõe um poema concretista:

*a morte/ a mentira/ maus militares/  
a mamata/ a miséria/ o nazismo/ o  
golpismo/ o segredo*

Essa sequência de curtas frases ritma um quadro de pavor, cuja pincelada final aconteceu nesse 8 de janeiro que

entra pra história a desonrando.

Nos últimos anos, especialmente depois de 2018, brasileiros e brasileiras escolheram ser apátridas porque, como na tenebrosa época da ditadura militar, suas vidas corriam risco.

Voltaram, quase todos, assim como Betinho, o irmão do Henfil da célebre canção. Virou ele capa de revista, livro, filme e série da Globo.

Betinho não imaginaria que ruas das cidades brasileiras se tomariam por gente esfomeada e sem teto. Um padre solitário quer dar de comer aos que tem fome e os assecclas de Bolsonaro querem ciminalizá-lo com cólera facínora.

Como pôde essa gente demente fazer pouco caso da dor imensa de incontáveis Marias e Clarices? Como pôde essa gente endemoniada querer o retorno das trevas, a repetição dos anos

de chumbo?

De tanto cortejarem desvairadamente, impunemente o abismo, o abriram aos pés do Brasil todo.

*Octavio Paz, em 'O Labirinto da Solidão', diz que quando (Cristóvão) Colombo chegou, (os indígenas) não viram as caravelas... Elas estavam ali fundeadas, mas não havia cognição para poder representar cerebralmente uma imagem que era absolutamente incompatível com o quadro mental de uma cultura que não tinha elementos para visualizar... Por isso que os gregos diziam que 'teoria' significa 'aquele que vê', o 'teores', é 'aquele que vê'... A gente só vê o que tem cognição pra ver...*

Fala brilhante do professor doutor de Direito da Universidade de Brasília, José Geraldo de Souza Júnior, na CPI do MST.

Espanta perceber que não apenas a ignorância do passado inflinge um pernicioso déficit cognitivo, a ponto de não se ver “caravelas”, – e convém as substituir no assunto objeto deste artigo pelas palavras “ditadura militar” –, mas mesmo quem as vê e tem a compreensão da sua enorme malignidade, após sofrer um processo de lavagem cerebral consentido pela sua desumanidade, já não se assusta e por isso, perdido é o nojo que deviam despertar.

Betinho morreu. Fosse vivo, que dis-sabor teria desse Brasil que sonha não com a sua volta, mas a volta do terror que o exilou.

Morreu também Aldir Blanc, o letrista inspirado do bebado e a equilibrista.

Morreu de Covid; morreu por causa da negligência dum governo negacionista no cuidado da pandemia. Negligente também com a cultura a



ponto de seu presidente vetar a lei Aldir Blanc. Lei essa que beneficiaria a cultura esfrangalhada desses anos de ultraje a ela e à ciência, após a derubada do veto presidencial pelo Congresso.

*Sem anistia para golpistas, punição para todos os militares e empresários envolvidos na intentona golpista, prisão de Bolsonaro, Forças Armadas submetidas ao poder civil, Marco Temporal, solidariedade ao Padre Júlio Lancellotti e Palestina livre.*

Era essa a pauta do 8 de janeiro – Ato em Defesa da Democracia organizado pela Frente Progressista do Litoral Norte. A sua sobrevivência é a melhor garantia de que a esperança equilibrista não caia da corda bamba.





XIXOÓO  
BOI









o 8 de janeiro

# sessenta anos

1 de abril de 2024

<https://novaimprensa.com/2024/04/foto-em-foco-sessenta-anos.html>

Tentar tocar o país pra frente é sem dúvida, uma necessidade inescapável depois dele ser demolido pelo desgoverno ultra direitista que se esgoelou para jogá-lo no mesmo abismo da finada última ditadura.

Surreal que essa frase, inserida numa oração maior expressando a vontade de não lembrar dos 60 anos do golpe civil e militar de 1964, traga logo ela, em seu bojo, essas três palavras em sequência: “país pra frente”.

Os mais velhos entre aqueles que não marcharam em nome da família por deus e a liberdade e sofreram demais pela privação dessa última,



hãõ de ouvir tocar no fundo da memória aquela musiquinha baba ovo ufanista onipresente celebrando o curto espirro do “milagre brasileiro”, quando o bolo do Delfim cresceu para ser prontamente devorado pelos tubarões da pirâmide social que se tornou estupidamente desigual.

*“Este é um país que vai pra frente  
Oh, oh, oh, oh, oh, oh  
De uma gente amiga e tão contente,  
Oh, oh, oh, oh, oh, oh”*

Gente amiga e tão contente em calar a força a boca de gente descontente a censurando amordaçando prendendo torturando assassinando ocultando seus cadáveres seviciados.

Gente amiga e tão contente que destituiu um governo democraticamente eleito que pretendia implementar a reforma agrária e reformas econômicas com capacidade de melhorarem a vida

da população, cuja maioria as reivindicava e aprovava.

Gente amiga e tão contente que eliminou lideranças políticas com concreto poder de verdadeiramente tocarem o país pra frente o tornando mais inclusivo, justo, realmente cordial.

*“Pensar o passado para compreender o presente e idealizar o futuro.”*

Essa máxima não foi tirada de alguma escritura tida por sagrada, mas da fala dum grego das calendas, Heródoto, alcunhado como pai da história.

Essa coluna insignificante no universo pequenino duma imprensa que honre o adjetivo de livre, não irá, depois dessa voz das catacumbas que muito fez para tocar pra frente não apenas o Brasil que em seu tempo sequer existia, mas todo o mundo que depois viemos a conhecer, não irá, é preciso

reforçar, se desdobrar em argumentar aumentando aumentando aumentando esse texto como aumentou a avidez da sedição golpista dalguns militares ainda há pouco, para convencer seu minúsculo grupo de leitores, da abominação que foram esses 21 anos de ditadura militar.

Tem por aí, havendo paciência de procurar, bastante artigo de muito maior monta, vários filmes e documentários, felizmente, material de sobra, pra assombrar os puros e os pobres de espírito. Lamentavelmente, para os que se contaminaram irremediavelmente no esgoto bolsonarista, para esses, nada há que os esclareça.

Mas convém olhar para o umbigo e percebermos lampejos desse tempo medonho no nosso modesto presente.

Cá na ilha a educação municipal que a

despeito de tamanha grana nela investida, continua desde sempre no rodapé dos critérios de avaliação, recebeu de Rafael Antonio Baldo, procurador do Ministério Público de Contas do Estado de São Paulo em parecer datado de 25 de junho de 2023, a seguinte recomendação:

*“Atente para o desempenho da rede municipal de ensino no IDEB (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica), buscando não apenas a aplicação dos mínimos constitucionais e legais de verbas na educação, mas o efetivo resultado qualitativo deste investimento na melhoria do ensino a cargo da Prefeitura.”*

Pois a ação supimpa da hora foi a inauguração duma segunda escola cívico-militar na cidade.

Cívico e militar são substantivos que não se coadunam. O pessoal hoje idoso

vai se recordar das escolas da ditadura. Havia nelas manifestações enquadradas como de civilidade: um montão de alunos crianças perfilados todos como se fossem um batalhão militar, todos mudos depois de berrarem o hino à bandeira e o hino nacional, de olhos siderados num palco de solenes autoridades onde tremulavam as bandeiras da cidade, do estado e do país numa repetida cerimônia de cultuar a pátria mãe nada gentil toda semana.

Suprema glória nesses dias insanos era o de poder segurar o mastro que ostentava o “lábaro estrelado” nesse palco montado para idolatrar a nação então capitaneada por engalonados defensores da liberdade que operosos roubavam corrompiam censuravam emudeciam torturavam matavam.

Crianças tolas se empertigavam e se endureciam em postura militar feito soldados da rainha no esforço gigantesco

de segurar aqueles mastros pesados e compridos sem tremer.

Pois esse parece ser o sonhado padrão de educação dessas cidades que não conhecem a máxima de Heródoto.

Não é, cientistas da educação nos esclarecem, o de transformar estudantes em cidadãos, mas o de pelo emprego do autoritarismo, desqualificá-los para a vida democrática ao privá-los da capacidade de pensarem por si mesmos, ao lhe inibirem a humanidade de respeitar as diferenças e ao lhe infundirem o medo de exercer o direito de questionar o poder da ocasião.

Ilhabela ganhou recentemente o prêmio “Município Destaque na Alfabetização”. Pena que esse prêmio tenha sido conferido por uma secretaria estadual da educação pródiga em posar de má figura.

*“Erros não são pontuais”* disse a Associação Paulista de Livros Didáticos de São Paulo em polêmica recente a envolvendo.

Na cerimônia de premiação, involuntariamente, cometendo não um ato falho e sim um erro de gramática elementar que não soaria bem na sua posição, a secretária da educação da ilha disse que *“esse reconhecimento vem de encontro ao árduo trabalho que fazemos”*.

O governo bolsonarista do estado de São Paulo tem se empenhado em ir de encontro a qualquer boa política na área da cultura, da educação, da economia e, principalmente, da segurança pública.

56 mortes. Essa é a macabra contagem atual da operação verão no litoral do estado. Será sua meta bater o recorde dos 111 mortos do massacre

do Carandiru?

Trinta anos se passaram desse massacre. Sessenta da ditadura. 1964, o ano que não terminou normalizou a tortura e o extermínio dos que são tidos por bandidos; geralmente, pessoas da periferia, das favelas, das ocupações, todas miseráveis; muitos mulatos e pretos.

*“O negócio melhorou muito. Agora, melhorou, aqui entre nós, foi quando nós começamos a matar. Começamos a matar”*. Fala de Dante Coutinho, ministro do exército de Ernesto Geisel.

A polícia que Tarcísio adula parece seguir essa estratégia e alega sempre ter agido em defesa própria quando mata, embora nesses confrontos, só haja mortos do lado dos ditos bandidos, raramente do lado dos policiais.

E não adianta ir de encontro a essa



matança recriminada mundialmente porque Tarcísio avisou: “o pessoal pode ir na ONU, na Liga da Justiça, no raio que o parta, que eu não estou nem aí”.

Patriotas da ditadura não estiveram nem aí em trair a pátria e a tornaram vassala dos Estados Unidos. Em Davos, Bolsonaro reviveu submisso essa postura vergonhosa, adulatória, puxa-saco e praticamente ofereceu de bandeja a Amazônia ao ex-vice-presidente norte-americano Al Gore.

**PRAIA, SOL E  
CALOR HUMANO:  
O CLIMA PERFEITO  
PARA VOCÊ.**



**ILHABELA**

**A ILHA MAIS ACOLHEDORA DO BRASIL**

*Ilhabela será acolhedora com os caiçaras da Serraria?*

Notícia da vez em Ilhabela nos conta sobre o projeto de ceder para um grupo hoteleiro de Portugal um terreno de quase um milhão de metros quadrados, adquirido com dinheiro público, na praia da Serraria, ocupada por tradicional comunidade caiçara.

A situação é absurda antes mesmo da pretensa cessão para construção dum resort, – escrito assim em inglês pra ficar bonito -, uma vez que a terra foi comprada na intenção de criar uma “área de compensação de reserva ambiental”. Isso num local que disso não carecia por ter sua paisagem natural intocada, preservada.

Nas palavras da publicidade institucional, seria esse um resort “ecológico”. Tão ecológico quanto esses navios de cruzeiro shopping centers monstrenhos fundeados no canal o são queimando combustível extremamente poluidor e esgotando toneladas de

imundícies no oceano.

A implantação desse trambolho logo no meio da comunidade decretaria o seu fim. A caiçarada viraria mão de obra barata pra ricaiada portuguesa explorar; entraria discriminada, de cabeça abaixada pela porta de serviço. E como projeto de tamanha envergadura demandará muito peão & peoa, pode acontecer de nos cafundós surgir invasão, com as moradias simplórias do povo trabalhador se amontando. E como rico atrai também rico, pode acontecer doutros por lá surgirem querendo ostentar peidando grosso perto do luxuoso prediño lusitano suas mansões criando uma aglomeração de palacetes deixados às moscas na maior parte do ano. Resultará assim que de Serraria a praia passará a se chamar da Porcaria.

É oportuno para esta data tão magnânima, esse inesquecível primeiro de

abril, desligarmos aquela musiquinha chata cheia de “oh, oh, oh, oh, oh, oh” dos Incríveis, ela mesma incrível na sua hipocrisia e cantarmos e dançarmos ao compasso do *Fado Tropical* do Chico:

*Oh, musa do meu fado*

*Oh, minha mãe gentil*

*Te deixo consternado*

*No primeiro abril*

*Mas não sê tão ingrata!*

*Não esquece quem te amou*

*E em tua densa mata*

*Se perdeu e se encontrou*

*Ai, esta terra ainda vai cumprir seu ideal*

*Ainda vai tornar-se um imenso Portugal!*

...



# Ilhabela verde amarelou

19 de dezembro de 2022

<https://novaimprensa.com/2022/12/ilhabela-verde-amarelou.html>

Num incerto dia Ilhabela amanheceu verde amarelada. Por toda extensão da avenida principesca com suas margens horrorizadas por galpões industriais caça aluguel, prédios caixotes stalinistas e demais quizumbas comerciais de lastimosa lavra, banners verde amarelos enforcavam os postes. Lá na entrada da vila, agigantados, atravessaram pelo alto o pedacinho tão modesto do calçamento de paralelepípedos que ainda sobrevive feito lembrança granítica dum plácido passado imemorial.



Essas lonas coloridas berrando babavam ufanismo futebolístico reben-tando os ouvidos dos viventes que os

enxergaram feito soco n'olho criando alucinação visual: a ilha joga junto FORÇA BRASIL.

Pois então a ilha virou gente; mas fra-  
ca não só das ideias mas também das  
pernas, nadinha nada nada colaborou  
pro sucesso do Brasil pátria amada  
chuteirista.

O sonho ilhabelense de vencer a copa  
virou um montaréu de banners no lixo  
já que, lamentavelmente, não poderão  
ser devolvidos pra outro lugar menos  
insalubre feito os R\$ 7.723.735,78  
destinados à cultura insular não utili-  
zados em 2021.

Expoente maior da cultura local, o ar-  
tista plástico Carlos Pacheco que ama  
demais esse lugar ilhado com cujos  
dejetos constrói sua obra singular,  
abrindo os braços em direção a sua  
volta, embevecido diz: – olha só esse  
quintal!



Seu gesto largo abraça a língua de mar do canal e se perde no contorno das montanhas do parque estadual. Lá bem longe longe, além do horizonte que essa serra esconde, a terra beija o alto mar.

Numa área desse lugar foi criado no apagar das luzes da gestão Gracinha, a reserva extrativista Baía de Castelhanos, comemorado pela comunidade caiçara e pela pena atilada do jornalista João Lara Mesquita do Mar Sem Fim como freio à especulação imobiliária que alguém de transformar o que toca em ouro, transforma é em merda de muito maior fedor do que essa que empesteia o ar insular por falta de saneamento básico.

O decreto de criação da reserva durou menos de dois anos.

Lei criada pelo poder executivo municipal, a de número 1.546, determinando a revogação da lei 8.351, criadora da

RESEX, foi endereçada à Câmara Municipal de Ilhabela no dia 16 de agosto de 2022, para ser aprovada a toque de caixa e sancionada no dia seguinte.

Se a Ilhabela quando muito é um ente mambembe mas nem um pouco é qualquer gente, até por ser desprovida de mente, nada fez contra essa ação de mente, feita às pressas sem mínima clareza, houve quem fez e dessa vez, quem fez foi gente.

A revolta que tomou conta da caiçarada subiu rápido atingindo ponto de fervura no dia 30 de agosto. Caiçaras dos confins da ilha se ajuntaram na frente do Fórum para saírem em caminhada até a sede da prefeitura. A multidão então se postou na sua entrada para, aos gritos coléricos, cobrar postura do prefeito que propôs a lei e dos vereadores que a aprovaram instantaneamente.



DIGA NÃO A ESPECULAÇÃO  
IMOBILIÁRIA

SEX?

TERRE

Logo on a black t-shirt

**RESEX GAS**

**UMA CONQUISTA**



**STELHANOS:**

**A, NÃO UM FAVOR!**





D... NÃO A ESPECULAÇÃO  
... MÁRIA, RESEX SIM!

RESEX CAS  
... ENQUANTO...

SÓ É DOM N  
... IO

PREV  
A NAD



Se eles ouviram e se inquietaram, ninguém sabe, ninguém viu. Mas o Ministério Público que não é surdo nem cego e muito menos mudo, publicou no dia 10 de novembro sentença que suspendeu os efeitos da lei que pretendeu desmantelar a festejada RESEX.

O quintal, ou melhor, essa sua pequena fração doutro lado da ilha, respira agora aliviada, mas não respiram assim nem os postes nem os coqueiros da avenida infanta. Livres daqueles banners baba-ovo laxantes de intestino preso, os estrangulam desta vez cordames elétricos dum mundaréu de luzes amarelo frouxo. À noite acesas, a visão é a de uma sucessão interminável e indigesta de piras incendiando o escuro e torrando, num fogaréu dos infernos, o verão derretedor de asfalto que ora deita e muito mesmo rebola e rola nessas obras de pavimentar de novo novamente mais uma vez



dessa sim afinal bem-feita em ruas de bom leito na Água Branca. Essa coisa de alumiar pau e poste faz parte dum projeto maior, o do “Natal Luz Ilhabela”.



Nas palavras meio chorosas, meio um tanto ardidadas da vereadora Diana Almeida, ele vai custar oitenta mil reais por dia pra população de Ilhabela, dela pois fazendo uma legião de papais-noéis perdulários. Fazendo uso da tribuna da câmara no dia 6 de dezembro, Almeida finalizou seu discurso mais incendiário que esse monturo de lampadazinha, não sem antes disparar uma pesada fuzilaria contra o prefeito mais doída que essa aí enforcadora de poste e coqueiro, se dizendo “indignada com essa vergonha que tá o Natal Luz Ilhabela”.

Na Ilhabela, a mais rica das cidades do Brasil, não falta dinheiro pra banners verde amarelo oba oba pra frente brasil pátria amada varonil que são mortos num aterro sanitário enquanto os antigos outros com face humana criados pelos çábios da publicidade institucional sobrevivem nos contando

todo dentes sorridentes que Ilhabela é gente de bem, descolada e desfrutável ano todo tempo inteiro.

Regiamente remunerada pelos royalties do petróleo, a despeito da inveja das demais cidades brasileiras que precisam pular miúdo, parece que essa receita quase bilionária é pouca para os gestores da ocasião. Então surge a proposta de aumentá-la cobrando trinta reais pelo primeiro dia e mais cinco por cada um dos outros que o turista desavisado passear pelo arquipélago. Isso tudo em nome de taxa de preservação ambiental pra ser usada em prol da muito nobre promoção da sustentabilidade, da segurança, da legalização imobiliária e da contenção das invasões. Seriam essas últimas as bárbaras, as do turismo de um dia?

O que vende essa proposta que de pronto estampa projeto de lei detalhado, só faltando numerar e colher assinatura

do prefeito, é a criação duma plataforma digital bem azeitada às custas do hipertrofiado erário municipal. E seu prospecto na internet, como todo prospecto publicitário que se preze, está recheado de fotinhos bonitinhas dessas que fazem brilhar olho publicitário e babar boca de influencer, tem também uma frase citação pra exalar embolorada sabedoria de almanaque.

*“A maneira de começar é parar de falar e começar a fazer.”*

Walt Disney. Ele mesmo, o criador da Disneylândia.

Faz pouco tempo, era Ilhabela capital da vela sonhando virar o jeca dubaiano novo rico balneário Camboriú, que ora frequenta as manchetes dos jornais por seus banhistas brega jacus deslumbra-dos estarem tomando banho de mar de bosta. Hoje, pretendem, pelo visto, é transformar Ilhabela numa disneylândia tropical insular.

De saída esse parque temático ilhabelense teria várias atrações, a começar pelo da caça ao lixo, sempre tão farto e presente na praias, nas cachoeiras, nas ruas, nas calçadas, nas praças, no meio do jardim dos horrores de estátuas alugadas com dinheiro público. O pula pula buraco, cratera, depressão, costela de vaca aqueceria a turistada disneyilhabelista para a próxima palhaçada. A da corrida de obstáculo com participantes carregando geladeira de isopor, quer dizer, cooler, tentando desesperadamente atravessar a muralha de comércios praianos donos do pedaço **AQUI MANDO EU VOCÊ PAGA OU CAIA FORA RAPIDINHO** interditando acesso à praia botequeira. Prova essa bastante difícil a ponto de nem o Kenner Neiva, com toda a sua espantosa vitalidade, ter conseguido completar.





Pena que na ilha não aconteceu manifestação turística carnavalesca como em São Sebastião em frente à Delegacia da Capitania dos Portos. Por lá quem circula, a pé, de bicicleta ou moto ou carro ou ônibus, atravessa um corredor polonês de embandeirados tremulando históricos o lábaro estrelado vociferando, desafinados, o hino pátrio. Se o imprudente fizer com a mão o L do Lula lá, leva tabefe; se fizer arminha, é ovacionado, a mulherada o beija e a homarada o abraça.









Por aqui não vingou. Podia ter um ajuntamento desses em frente ao posto da PM na entrada da ilha ou na nova escola cívico militar que, sem dúvida, haverá de elevar a nota baixa altura rodapé da educação municipal insular na avaliação do i-educ, o índice municipal de educação presente nas planilhas dos relatórios de Tribunal de Contas. E lembrando que Ilhabela é conhecida como local de avistamento de disco voador, seria aqui bem facilitada a comunicação com os ETs que enfrentou dificuldade noutros lugares onde manifestantes, inconformados com a derrota do seu messias mito, clamaram em vão auxílio ao espaço sideral porque suplicar por intervenção militar ditatorial federal o escambau não tava adiantando porcaria nenhuma. Entretanto, se por um lado na ilha não teve manifestação antidemocrática golpista, por outro aqui vazou na internet a relação dos petralhas comunistas comedores de criancinha esquerdistas

maconheiros artistas fotógrafos vagabundos moradores eleitores do presidente ex-presidiário e não do ex-presidente presidiário muito em breve justiça seja enfim feita. Vazou porque assim os defensores locais da ditadura, saudosos da censura e da tortura, poderão desprestigiar seus comércios subversivos na meritória intenção de levá-los à falência.

Esse acontecimento foi informal, mas que beleza se a indústria do turismo insular e os poderes constituídos ilhabelenses abraçarem essa lista e a melhorarem: Ilhabela com selo de qualidade verde amarelo chancelado pela extrema direita populista reacionária bolsonarista que aterrorizou Brasília no dia da diplomação do Lula. Aí quem sabe se evita que aqueles desafortunados banners acabem assassinados. A galera da publicidade oficial, sempre tão econômica no seu falar e tão operosa no seu fazer, há de encontrar

jeito maneiro de aproveitá-los.

Ilhabelenses antigos gostavam de acreditar que Ilhabela não é Brasil; Brasil tá do lado de lá.

No lado de lá, no continente, venceu apertada a escolha da erradicação da barbárie, da reconstrução da civilidade, da preservação e do fortalecimento da democracia. O trabalho será enorme e extenuante porque, como pontuou Celso Rocha Barros, o vencido foi o pior governo do mundo, cujo legado maldito é abominável e ficará inscrito, para sempre, vergonhosamente, na história brasileira. Afortunadamente, sopram desde já bons ventos e gente realmente gente e de valor, arregança as mangas e muito fala para fazer ainda muito mais.

No lado de cá, na Ilhabela onde venceu Bolsonaro, fica a amarga sensação de que está tudo como dantes no quartel d'Abrantes.



# a ilha te recebe de braços abertos

10 de fevereiro de 2020

<https://novaimprensa.com/2020/02/foto-em-foco-a-ilha-te-recebe-de-bracos-abertos.html>

Um dos inúmeros prospectos turísticos de Ilhabela enaltecendo a cordialidade local, mostra um homem de costas com os braços levantados em júbilo, como se pretendesse abraçar a paisagem idílica aos seus pés, numa foto com os dizeres: “a Ilha te recebe de braços abertos”. Rodado em larga tiragem, o folheto se espalhou pela cidade a ponto de ser encontrado em grande volume jogado no lixo.

Ao olharmos essa foto logo percebemos que ela não expressa uma situação real porque é uma montagem de photoshop; o personagem foi sobreposto na foto da paisagem. Personagem porque ele também não é uma pessoa autêntica que estava naquele lugar, mas sim um modelo fotográfico presente aos montes nessas fotos à venda em banco de imagem numa postura que louva, que se encanta por algum treco que lhe querem vender. A

praia de fundo parece ser a de castelhanos, mas diante dessa montagem grosseira a gente pode desconfiar que nem ela seja, mas outra, pinçada juntamente com o deslumbrado ator no mesmo comércio de fotografia para publicidade.

A ideia é que a ilha recebe esse sujeito de braços abertos do jeito que ele escancara vigorosamente os seus, maravilhado pelo que vê, como se desejasse que mais que braços, fossem eles asas para que pudesse voar sobre a paisagem de sonho. Ele é moreno, se veste com simplicidade; não enverga roupa de grife usualmente ostentada pelos endinheirados. Ele é anônimo e simplório. Esconde a cabeça sob um chapéu de palha modesto e carrega nas costas uma enorme mochila; ela, também, bastante comum, sem qualquer detalhe que possa evidenciar uma origem de luxo. Muito ao contrário, é acessório



de trabalhador, de operário.

O que vai dentro dessa mochila tão volumosa? Repelente, com certeza quase absoluta, se a praia sobre a qual sua imagem foi plantada for mesmo castelhanos. Mas podemos imaginar muita coisa mais: água, cachaça, cerveja sem gelo, marmitta de frango com farofa, calção de banho, aparelho de som portátil, toalha, um papel com o horário da volta do ônibus fretado que veio do ABC...

Pois veja só, esse homem moreno, dulcificado na propaganda institucional é justamente o turista de um dia. Desses que boa parte do comércio ilhabelense deplora e quer ver longe de si. Desses que uma quantidade expressiva moradores preconceituosos odeia proclamando que merdeiam as praias. Desses que funcionários da Secretaria de Turismo de Ilhabela consideram não trazer benefício algum para o município

porque praticam “lazer não turismo”. “Lazer é direto de todo cidadão e turismo é mercado; consome quem pode e quer” foram as palavras da Secretária de Turismo de Ilhabela ao jornalista e fotógrafo Reginaldo Pupo em matéria publicada na Folha de São Paulo.

Ao afirmar que consome quem pode, a mensagem é a do impedimento à ilha para esses brasileiros. Já tão marginalizados numa sociedade com desigualdade social gravíssima que os deixa sem condições de ascender socialmente, não podem fazer turismo em Ilhabela no entendimento dessa autoridade que fala em nome da administração municipal.

Mas turismo, – não lazer, é o que eles fazem de forma sacrificada e desconfortável ao se deslocarem da grande São Paulo de madrugada para chegarem em São Sebastião cedinho, atravessarem a pé para a ilha e aqui passarem

o dia, retornando noite alta para suas casas distantes. E pagam por isso um preço que pesa no seu orçamento modesto. Não espanta que não comprem nada no comércio praiano.

Quem em sã consciência paga vinte reais por uma garrafa de cerveja que pode ser comprada em qualquer mercadinho por uma diminuta fração disso? Quem paga por uma porção de isca de merluza ou camarão sete barbas miúdo frito em óleo de soja requeentado e servido em bandeja minúscula de papel que sequer é pescado no mar daqui, um valor que compraria um rolo de cinco quilos em feira livre? Será que esses moradores tão indignados pagam? Não espanta que mesmo eles frequentem as praias da ilha carregando sua própria cerveja e lanches.

E quem merdeia as praias da ilha? Não são esses pobres turistas de periferia ou favela na visão maldosa desses

ilhabelenses, mas quem reside no município. É a merda cotidiana dos habitantes que emporcalha as praias e o mar porque nessa cidade bilionária como bem o disse o Ministro do Meio Ambiente Ricardo Salles, finalmente falando algo acertado, não há saneamento básico.

O dinheiro que poderia ter sido gasto criando uma rede de esgoto extensa o suficiente para dar ampla cobertura com eficientes estações de tratamento foi desperdiçado em construir a peso de ouro prédios públicos porcaria sendo o maioral deles o “Palácio Labirinto Sauna de Cristal” que abriga precisamente a Prefeitura Municipal, em incontáveis desapropriações de imóveis milionárias, em obras onerosas por todos os lados e tão indigentes que logo após inauguradas já demandam conserto urgente, na terceirização de serviços públicos regiamente remunerada, em shows rapidamente esquecíveis de famosos e

famosas da ocasião com cachê invariavelmente proporcional a sua mediocridade, em concurso caríssimo de Miss Brasil, em eventos e mais eventos a custar os olhos da cara para “atrair turista” e que atraem é muita mosca às tontas, em contratos e mais contratos firmados sob a benção da inexigibilidade de licitação, no aluguel de centenas de milhares de reais de estátua em área pública, em Centro de Convenções e Teatro Municipal apodrecendo como monumento maior de má gestão e desperdício de dinheiro público, em ônibus aquáticos que nunca navegaram, em aumentar demasiadamente o número de servidores públicos a ponto da folha de pagamento comprometer parte expressiva da receita fora dos royalties do petróleo, em criar e imprimir milhares de folders turísticos que falecem no lixo buscando chamar a atenção logo do turista que não querem...

Quem tiver paciência e estômago forte, que leia o relatório do Tribunal de Contas sobre as finanças de 2017 e de 2018 de Ilhabela. Os anos anteriores e o ano posterior não fizeram muito diferente; as mesmas práticas espúrias se consolidaram gestão após gestão, seguindo sempre esse deplorável roteiro abraçado com ardor religioso por políticos do município de tudo quanto é partido e pelos barnabés a seu serviço.

Esse turista de um dia desprezado por ilhabelenses que a eles se referem como farofeiros, porcalhões, pobraia-da, trambiqueiros, bregas, cafonas e adjetivos depreciativos ladeira abaixo é o mesmo turista que autoridades insulares dizem não ter a desejada “capacidade de carga” para o turismo na ilha. À primeira vista, parece pois que essa “capacidade” diz respeito a poder econômico, classe social, nível cultural,

projeção midiática.

Os mandatários da cidade e os técnicos turísticos por eles contratados acreditam que ajuda a aumentá-la, financiar com o dinheiro farto dos royalties a transformação de espaço público em showroom de estátuas para o gosto de devotos de conflitantes seitas fora os ateus, concurso de miss transmitido pela TV, exposição endeusando “a beleza na escultura de Michelangelo”, apresentações musicais de matizes muito variados ( mpb, jazz, goospel, clássica, etc ), competições esportivas que cobram inscrição dos participantes, boat show, semana de vela, acontecimentos gastronômicos chiques, participação em feiras internacionais de turismo, montar tenda e mais tenda de evento pelo município inteiro...

Autoridades diversas posam para a lente de fotógrafos sociais celebrando a vinda da “Ilha de Caras” pelo segundo ano consecutivo para Ilhabela felizes com o

trânsito de celebridades no arquipélago colaborando para potencializar essa “capacidade de carga” do turismo local ao ressaltar que a ilha é vip, é top, é luxo, é tudo.

Essa expressão aglutina dois substantivos que mensuram coisas diferentes relacionadas a peso, eletricidade. E a pecuária. Traz a recordação das baias, piquetes, cercados, corredores por onde o gado se desloca disciplinado em direção à ordenha ou à matança.

Na temporada de cruzeiros, estruturas parecidas são montadas na vila para evitar que seja caótico o desembarque dos passageiros. E oferecem um espetáculo bizarro: centenas de pessoas se acotovelando num calor tórrido sob tendas de lona, aprisionados em cercados de alumínio numa constrangedora situação que pouco fica a dever ao desembarque dos prisioneiros para



adentrar nos campos de concentração nazistas.

Essa vem a ser umas das primeiras das mil maravilhas apregoadas pela propaganda oficial: a experiência de ser tratado como gado, como bicho gordo e grande com a serventia de fazer leite, couro ou ser comido ou então ser tratado feito condenado ao inferno.

Após passarem por esse suplício, eles se derramam aos milhares pela Vila e lotam as praias próximas. Algumas das fotos da coluna os retratam e são a imagem de um acontecimento sem montagem.

É uma multidão se digladiando por um espaço na areia e um espaço num mar repleto de embarcações de recreio despejando n'água, elas igualmente como os residentes, merda e urina com o acréscimo do óleo diesel e da gasolina. Talvez uma outra das mil maravilhas

venha a ser esse cheiro nauseante de merda, gasolina e óleo que juntamente com o suor de tantos corpos empesteia o ar sem brisa que o espante.

Apesar dessa gente fazer turismo de um dia, autoridade municipal alguma levanta a voz contra a sua presença. Na verdade, são incensados, idolatrados como se fossem a salvação da lavoura. Justificaria essa atitude brilharem na imprensa ilhéu chapa branca artigos amplamente difundidos nas redes sociais berrando que a temporada de cruzeiros vai injetar milhões, passando da centena na economia da cidade. Que cada um desses turistas de um dia vai gastar mais de quinhentos reais na ilha.

Mas não dá para engolir essa história. E se há quem a engula, concluímos que além da perda da educação, da compostura, do respeito ao

próximo, perdida foi a sanidade. Esses turistas de cruzeiro não diferem tanto desses que chegam em ônibus decrépito de periferia; muitos deles até carregam mochila igualzinha ao da foto montada da propaganda.

A verdade sem montagem é que boa parte dos passageiros desses cruzeiros é de pessoas com baixo poder aquisitivo. Compram suas viagens aproveitando preços promocionais para pagar em parcelas a perder de vista e assim muito economizam: deslocamento, hotel e restaurante. Os comerciantes ilhabelenses não vão hospedá-las nem vão alimentá-las já que há farta alimentação a bordo. Podem, contudo, vender garrafinhas d'água, latinhas de cerveja, lembrancinhas baratas de Ilhabela e passeios de jipe.

Pois então, disso se deduz que a tão

proclamada “capacidade de carga” a tal se resume: comprar lembrancinha, latinha de cerveja, garrafinha d’água e passeio de jipe.

Poderíamos rir disso. Mas esse riso será amarelo porque nesse momento de enorme retrocesso civilizatório, é triste, é decepcionante, é revoltante perceber que tanto no nível nacional quanto no local, caímos num buraco sem fundo.

Quem professa fé iluminista diz que as praias são todas públicas e que, portanto, os turistas que chegam de ônibus têm todo o direito de usá-las. Que existe lei normatizando esse fato, a 7.661/1988.

Só que a realidade sem montagem é outra.

A maioria das praias de Ilhabela viu prolongamento dos comércios que delas se apossaram com o pleno

consentimento do poder público. Os restaurantes, os bares, as pousadas e hotéis as tornaram seus quintais privilegiados e aqui, a palavra privilégio se encaixa como luva.

O exemplo mais bem acabado é o da praia do curral. Quem a visita sabe que se sujeita a uma corrida de obstáculos entre a tranqueira montada pelos comerciantes do lugar, que ajeitam o espaço que a todos pertence, turistas pobres incluídos, como mais que seu quintal, fosse ele a sua sala de estar. E aí do incauto que ali se sentar ou deitar sem nada consumir; um segurança particular imediatamente aparecerá e com a truculência habitual o mandará embora.

Além disso, cada uma dessas “salas” roda sua própria trilha sonora e disso resulta, que quem pela praia caminha precisa ter ouvidos surdos para não en-doidar por causa da gritaria alucinada

que reverbera o dia inteiro. Uma torre de babel tropical, onde se mistura funk, bossa nova, pagode, samba, sertanejo universitário e por aí vai que a lista nunca acaba como aquela anterior de mal feitos das administrações municipais passadas e da presente.

Fotos até a década de oitenta da praia do curral a exibem em sua plenitude. Livre dessa bagulhada toda que dela se apoderou e a poluiu; ela era maravilhosa, não resta qualquer dúvida.

Hoje ela se tornou a aberração que a propaganda das cervejarias martela o verão inteiro na TV como modelo de felicidade terrena, no desejo de tornar o país uma nação alcoolizada e imbecil, cheia de homens bêbados cretinos sarados e sorridentes mulheres bêbadas gostosas no padrão peitão bundão idiota.

Talvez um dia, no futuro, se futuro

houver antes que uma catástrofe climática aniquile a humanidade inteira, as pessoas olhem para a Ilhabela de agora com horror sem conseguir entender como tanta gente posava de vip se embriagando, se ensurdecendo, se entupindo de comida indigesta, se torrando no sol do meio dia, desavergonhadamente urinando no mar, aglomerada em suas praias transformadas em gigantescos botecos a céu aberto onde as pessoas pobres não eram bem-vindas. Nessa hora, vão fazer bonito as fotos que sobreviverem da Ilhabela atual, a Ilhabela vida natural que naturalizava a discriminação dos que a visitavam conforme a sua situação financeira, a ilha das mil maravilhas que se achava o paraíso dos ricos e festivamente sediava a “Ilha de Caras”.

















# congada em foco

11 de junho de 2023

<https://novaimprensa.com/2023/06/congada-em-foco.html>

Sob a luz morna e áurea de maio, aconteceu a Congada de Ilhabela na festa de São Benedito. Na sexta-feira, dia 19, congueiros e populares se revezaram carregando pelas ruas da vila o mastro de São Benedito.





congada em foco













No dia seguinte houve o baile dos Congos pela manhã e à tarde. Por seu encanto cenográfico, atraiu como de costume, grande atenção. Numa cidade onde o pensamento da administração municipal dedilha sem pausa a ladainha monocórdia do turismo como suprassumo da atividade laboral insular, não falta desejo e vontade de transformar essa centenária manifestação da cultura popular caiçara numa encenação picaresca, dessas de fazer a delícia de parques gigantescos caça-níquel deslumbrados pela jequice norte-americana, a exemplo do Beto Carrero World. Sim, mundo em inglês, já expressando no próprio nome sua egolatria tão desmesurada a ponto de ter-se prestado a tomar partido e, desavergonhadamente, entrar em campanha, essa mesma que tragicamente redundou na destruição dos palácios do poder num 8 de janeiro que se inscreveu como data fúnebre, data do aviltamento da democracia brasileira.





























Todavia, essa intenção de transfigurar uma celebração de raiz religiosa, devocional num teatro de rua de feição burlesca não encontra, felizmente, respaldo naqueles que pelejam para que ela marque sua presença ano após ano, passando de pai para filho numa sucessão de vidas com poder de nos contar muito do passado duma Ilhabela que o tempo e a urgência moderna de viver atabalhoadamente vão implacavelmente desfigurando.

Importante perceber que a Congada se inscreve, se subordina a um evento maior que é justamente o de festejar um santo amado e reverenciado pelos moradores dum vilarejo antigo, pobre demais, distante demais das benesses, dos confortos da vida metropolitana e dos abundantes e generosos royalties do petróleo do presente.

Um santo singular e essa sua singularidade foi destacada numa foto em foco:

*“São Benedito é um santo negro, pobre e sua ocupação era a de cozinheiro. Por ser negro, pobre e trabalhador duma profissão vista pela maioria das pessoas como inferior, pois afinal, o santo não foi chef de restaurant ( em francês ) incensado pela Michelin, vive entre a brasileira sempre excluída da água fresca e sombra sorvidas com tédio pela fidalguia nacional. Mais do que viver nesse inóspito meio, é o santo que a representa e lhe confere algum, ainda que muito pálido, pertencimento social.”*

Márcia Merlo, escritora e antropóloga, no artigo “Congada de Ilhabela: o santo, o homem, a festa, o negro e o lugar” nos diz que

*“Em outras palavras, ao realizarem a congada e reverenciarem o Benedito, recriam-se identidades, restaura-se um outro tempo, retorna-se a*

*um outro lugar, demonstra-se a inserção de parte da população negra em uma Ilhabela que se quer branca. O negro sobreviveu, e à imagem de Benedito relaciona-se a de um homem negro caridoso, perseguido, milagroso, aceito pelos brancos, que resistiu aos maus-tratos e, mesmo morto, tornou-se eternizado; ou seja, também se pode pensar essa história como de uma resistência calada, penosa, duradoura, representada pela própria escravidão.”*

A poderosa mensagem que a congada nos passa é a da valorização da solidariedade. Nesse sentido, seu ponto alto não é a dança, o embate entre os congueiros, mas sim, a ucharia. Nessa ocasião os diferentes se encontram e compartilham do alimento preparado pelos devotos de São Benedito. Em mesas que formam linhas contínuas no salão paroquial, mesas singelamente

embelezadas por flores nos lembrando do milagre da transformação da cesta de víveres furtados da casa grande em cesta de flores, sentam-se lado a lado pessoas dos extratos sociais mais diversos numa convivência respeitosa, compartilhando com fartura alimento que faltou em demasia aos escravizados.

Essa lição humanitária, fosse ela seguida à risca, nos tornaria seres humanos melhores. Sem dúvida capazes de criar uma sociedade inclusiva, livre de preconceitos que estigmatizam e martirizam tantas pessoas.



# Ilhabela

mercado de cultura  
por todos  
os lados



ILHABELA

...cidade  
cercada de sonhos  
por todos  
os lados



Descrição  
as marcas  
de Ilustre  
Turismo





*banners institucionais espalhados pela orla vendem uma quimera que se desmancha em contato com a realidade*

Essa sociedade de sonho vivendo numa ilha que se sonha outra que não essa publicitária onipresente nesses banners espetados na avenida Princesa Isabel, logo ela que finalmente alforriou os cativos, bem que gostaria de resgatar e interpretar sua história hoje e pelos anos futuros num museu da imagem e do som, num museu da cultura caiçara, com força de estimular a construção duma cidade socialmente justa e ambientalmente sustentável, tendo motivo concreto para se orgulhar de si.

Tolice, devaneio; como poderia?

Se é nela que Bolsonaro escolhe passar à toa o Corpus Christi? À toa não, na verdade, produzindo vídeos propagandísticos da sua folga na “ilha da fantasia” que queria tê-lo como o eleito, sendo pois então efusivamente saudado por banhistas na praia, ávidos por selfies ao lado do seu mito, aos gritos de “volta, Bolsonaro”.

Esses vídeos que circulam velozes pela internet propagandeiam a imagem vexatória duma cidade onde parte expressiva da sua população cultua a extrema direita reacionária e golpista. Onde, São Benedito fosse vivo, não seria festejado e sim acorrentado no Pelourinho que sobrevive monumento na praça Coronel Julião.

O pesadelo dessa cidade que medra nessa lengalenga do turismo acima de tudo e de todos, fantasia nos iludir como se fôssemos nós mesmos os personagens desses banners duma vida de faz-de-conta.

P.S.: A exposição Márcio Pannunzio – Quatro Décadas ( [quatrodecadas.com](http://quatrodecadas.com) ) acabou em 15 de abril e passado tão pequeno tempo, é seguro que pouca gente dela se recorde. Gratifica saber que o ponto alto desse projeto apoiado pelo Governo do Estado de São Paulo, Secretaria de Cultura e Economia Criativa, Programa de Ação Cultural se concretizou: o catálogo-livro homônimo. Ao pé da letra, uma publicação de peso escrita e diagramada por Enock Sacramento. Ele também, apesar da silueta esbelta, um profissional de peso e muito no cenário das artes visuais brasileiras. Enock ora se nomeia curador, mas é dum tempo em que o termo era desconhecido. Jurado de centenas de salões de arte pelo Brasil inteiro, crítico de arte, jornalista e diretor de redação da seção das cidades do ABC paulista do Estadão, fez e continua fazendo admirável carreira.

O livro de sua lavra, seu 43º, pereniza esse trabalho que envolveu muita gente

de valor e essa instituição museológica modelo no Litoral Norte que é o Museu de Arte e Cultura de Caraguatatuba. Esse livro sobreviverá nos tempos incertos que nos aguardam porque jamais ficará obsoleto por problema de hardware ou de software.

Sua tiragem será doada para bibliotecas, centros culturais e escolas públicas no estado de São Paulo.

Uma diminuta fração dela, autografada pelo autor, será distribuída gratuitamente no seu evento de lançamento, aberto ao público, na Biblioteca Municipal Pública Afonso Schimdt, na rua Santa Cruz, 396, em Caraguatatuba, no dia 14 de junho, a partir das 17h.

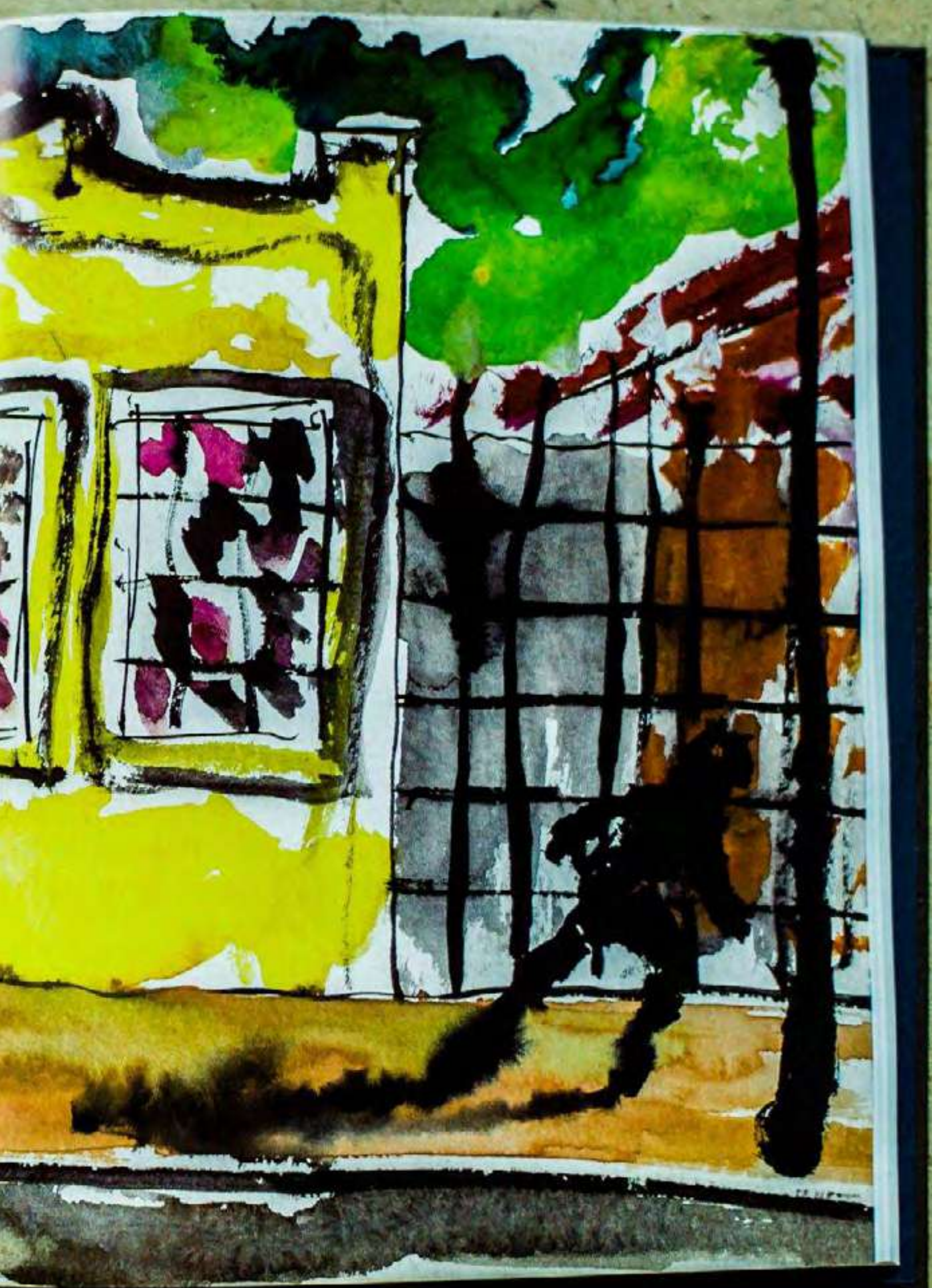
Enock ressaltou em seu texto, o caráter visceralmente engajado, profundamente comprometido com a justiça social, da minha arte e a sua inapetência para prestar-se a decorar ambientes ostentatórios. O livro, porém, fará bela figura

adornando estande ou mesa de centro. Leitores e leitoras da foto em foco serão, é claro, bem-vindos, bem-vindas; apareçam e ganhem seu exemplar.





FLEX  
FACERBOM  
FACERBOM







Página anterior:  
*Farfada*, fotografia, 2020 e *Deitado em berço esplêndido*, fotografia, 2019

Esta página:  
*Enfardamento*, fotografia, 2016 e *O grito*, fotografia, 2020



Série Política



Breviário da decomposição, acrílica sobre papel, 82,5 x 63,5 cm, 2021



A consagração da mediocridade, técnica mista sobre papel, 96,5 x 126,5 cm, 2019



O sonho da razão produzir monstros, técnica mista sobre papel, 72 x 103,5 cm, 2019

Mesmo com a  
vacina, ainda  
não é hora  
de baixar a  
guarda para o  
Coronavírus.

30  
km/h

CORRUP  
POLITICOS

UK



É TEMPO DE  
**VIVER**  
ILHABELA

COM PAZ DE  
ESPÍRITO  
NESSE  
PARAISO  
NATURAL

ILHABELA

**a cultura  
envergonhada**

25 de fevereiro de 2022



<https://novaimprensa.com/2022/02/a-cultura-envergonhada.html>

Tumultuosa foi a reunião virtual do conselho municipal de cultura para ouvir a apresentação do prefeito sobre o projeto de readequação do teatro e centro de convenções de Ilhabela.

Em sua explanação, disse que o projeto primordial era um gol básico e o novo, será um bmw v6 turbo. Esse golzinho é hoje mera sucata enferrujada feito as ruínas dessa obra embargada pelo poder judiciário baseado em denúncia fundamentada em relatório de engenharia encaminhada

ao Ministério Público pela Associação dos Engenheiros e Arquitetos de Ilha-bela. Obra essa que consumiu mais de dois milhões, valor desatualizado, datando de outubro de 2014, quantidade suficiente pra comprar uma frota de dezenas de gols a ponto de causar congestionamento em frente ao prédio falido. As brilhosas placas telhas de alumínio que tentam, inutilmente escondê-lo, exibem a pichação “vergonha” em letras garrafais como uma escrita indelével, inapagável no próprio corpo da cidade adoecida, gritando de dor e de revolta para os surdos que passeiam na avenida.





a cultura envergonhada



A câmara municipal de Ilhabela na época soube com galhardia cumprir seu dever funcional; tornou-se antológica a fala do vereador Sampaio em sessão de 11 de novembro de 2014: “nós somos vereadores; nós fiscalizamos o poder executivo, não tem mais ninguém pra fazer isso”. Foi criada uma Comissão Parlamentar de Inquérito, cujo trabalho resultou num documento com poder de melhor esclarecer os execráveis acontecimentos.





*cadê o morrinho e mansão que estavam atrás?*

O power point com croquis do bmw, quer dizer, teatro e centro de convenções exibido com pompa nessa reunião do dia 7 de fevereiro era simplório e trazia uma perspectiva arquitetônica oblíqua da fachada do teatro e centro de convenções “readequado” que de imediato lembrou outra, feita pela Inplenitus, que apresentava como ficaria a entrada da Cocaia depois da obra de reurbanização. Obra que se arrasta gastando milhões que nem mais são contabilizados em sua placa de realização carcomida pelo tempo e pelas intempéries, com o evidente demérito

a cultura envergonhada

de fazer completamente o contrário do que recomenda o novo urbanismo a ponto de poder se prestar a ilustrar nos seus manuais, como corromper a saúde duma cidade.



*o Morro do Espinho foi terraplanado*

O dado comum desses desenhos era que mostravam um lugar outro, de fantasia e não o verdadeiro: na Cocaia, o Morro do Espinho fora inteiramente terraplanado, assim como o foi o morrinho menor, atrás do edifício bmw, perdão, teatro e centro de convenções, com o agravante de ter sido

demolida a mansão que estava plantada logo atrás.

No caso da Cocaia, o lugar real “reurbanizado” entra no rol de práticas antigas, lesivas à mobilidade urbana ativa e desrespeitosas com o Plano Diretor de Ilhabela, – a de comer calçadas, com a diferença de que, em vários locais do bairro, mais do que parcialmente comidas, elas foram inteiramente eliminadas. O Ministério Público foi alertado, mas marcando diferença em relação ao histórico processo do Teatro e Centro de Convenções, decidiu pelo arquivamento da denúncia.



Retomando.

O projeto do teatro e centro de convenções antigo foi classificado pela combativa Associação dos Engenheiros e Arquitetos da época, como um “peru no pires”. O projeto atual de “readequação” não se distancia dessa imagem surreal e o que logo se percebeu nessa fachada AutoCad, dum autor desconhecido, com carrões pretos, talvez bmws, foi o uso dessas madeirinhas oculta encobre esconde empasta empeteca prédio feioso que viraram moda pela ilha; exemplos mais à mão, o caixote caixa forte do tio Patinhas do Dr. Osvaldo transformado em centro de referência da mulher e a escola Gabriel da Vila transformada em centro cultural com um rotundo Belisário metalizado aboletado afundando na entrada numa recepção tão mal planejada que é até muito maior do que os indigentes espaços expositivos e

maior também que o falecido cinema que, de tão mal feito, se foi sem nunca se ter visto uma única película. O “re-adequado” “peru no pires” desta feita, parece ter se transformado num “peru no pires amadeirado”.

E como gosto se discute quando se trata de arquitetura, vale o registro da impressão inicial, não dum teatro, mais dum crematório levemente parecido com o da Vila Alpina; isso, não querendo fazer mau juízo desse projeto de 1974 que é adequado para a finalidade da construção a que se destinou, a delineando com sobriedade e descrição.

A entrada com pé direito duplo lembrou a de hotel de grão fino brega misturado com balcão estiloso de bartender. Aí, lembrando o desabafo do secretário demissionário do meio ambiente, nasce a pergunta se o povo pobre da ilha se sentiria confortável nesse ambiente

elitizado e indo além, se ele teria realmente assento na plateia sem sofrer o bullying corriqueiro que experimenta sempre que à praia vai e é confundido com os execrados turistas de um dia pela operosa indústria é tempo de viver Ilhabela turística. Viajando pelas plantas baixas e cortes, o que se constata é a inexistência dum espaço expositivo, comum em construções dessa envergadura, ainda mais a esse custo estimado próximo ao de duas dezenas de milhões. Para exemplificar sucintamente, quatro prédios. Primeiro, um bem aí ao lado, bastando atravessar o canal: o teatro de São Sebastião. Sua fachada tem algum encanto enquanto o encanto maior está na paisagem a sua frente; tem lugar para se montar exposição e se não as montam, o problema não é da construção, mas da municipalidade que o subutiliza. Percorrendo a Hipólito, chegamos a Caraguá, no Mário Covas, predioção de

desenho abrutalhado meio parecendo showroom de automóvel de novo rico com duas enormes máscaras gregas de metal dependuradas em postes o flanqueando, exercitando igual papel ao do furibundo Moisés ilhabelense fincado no jardim da Câmara, qual seja, de assustar as criancinhas com medo de bicho papão e de quebra, afugentar o povão. Lá existe um grande espaço a ponto de ter abrigado os salões de arte da cidade, expondo dezenas de obras. Olhando para o litoral sul, temos o teatro Brás Cubas em Santos, com uma generosa área expositiva num prédio modernoso todo de concreto e vidro. Subindo a serra chegamos a Jundiaí, onde existe um belíssimo teatro construído em 1911, o Polytheama que, de tão bonito na sua mais que centenária eclética arquitetura, foi tombado pelo Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado de São Paulo. Quem o



olhar à primeira vista pode achar que ele não tem área para exposição, mas ela está lá, integrada com o edifício, na sua lateral e, marcando diferença em relação a ele, é uma construção de espírito contemporâneo, concreto à vista, iluminação zenital: a Galeria de Arte Fernanda Perracini Milani com extensa propagação de alta qualidade o ano inteiro, selecionada por edital.



*o teatro do vizinho, como o da ilha, sem vaga de estacionamento*



*o Mário Covas, esse com vaga de estacionamento*



*o Brás Cubas de Santos, com generosa área para exposições*

a cultura envergonhada



*esse é o belo e mais que centenário Polytheama*

*e nele interligada, a moderna Galeria de Arte  
Fernanda Perracini Milani*



No teatro e centro de convenções da ilha, porém, não vai existir lugar para pendurar quadros ou montar instalações e aqueles que gostariam de os ver, terão de se contentar em ficar olhando para o mundo real, quem sabe para as cercanias do prédio desgracioso, se divertindo maldosamente dos apuros por que passam os que chegam de carro procurando nervosos vagas para estacionar nas proximidades no meio dum embo-lado bolo de brilhos metálicos com negros e cinzentos bmws numa desafinada sinfonia dodecafônica com ronco de motores e berraria de buzinas.

Expectador isento e atento desse encontro na internet poderia, ao acompanhar essa apresentação, estranhar que, aparentemente, o pacote fosse jogado sobre a cara do conselho inteiramente pronto, projeto fechado sem paternidade reconhecida com

a única informação de que a técnica construtiva iria se aproveitar das ruínas milionárias através de reforços estruturais propostos pela firma Falcão Bauer e pelo engenheiro Júlio Ferraz, quando, para uma emblemática obra de tamanhos milhões tantos de custo, recomendaria a prudência, que fosse aberto um concurso público para a seleção do melhor projeto. Exemplificando com economia verborrágica e usando exemplo recente e próximo, o do prédio da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Juiz de Fora, logicamente, construção destinada a formar arquitetos e urbanistas. Para construí-lo foi lançado concurso nacional que logrou selecionar o mais bem avaliado dos projetos democraticamente inscritos. Esse belo e complexo projeto custou aos cofres públicos, setenta e cinco mil reais.



*a belezura que só podia mesmo ser um prédio de faculdade de arquitetura e urbanismo vencedor de concurso*

Pelo Brasil inteiro existem engenheiros, arquitetos, escritórios de arquitetura e engenharia com capacidade de inovar, sair do lugar comum e criar uma obra que se encaixasse feito joia no lugar daqueles vergonhosos destroços. Mas, infelizmente, não houve por essas paradisíacas vale a pena viver plagas, concurso do qual pudessem participar e foi pois, de última hora, tascado esse projeto escuro crematório amadeirado peru no pires nas fuças do augusto conselho.

Essas observações todas foram elencadas de afogadilho por um colunista leigo no assunto. O que dizer das que poderiam pois ser feitas por um sabichão conselho de cultos? Ou melhor ainda, por uma audiência pública com real capacidade de escrutinar qual teatro e centro de convenções seria ideal pra Ilhabela de 2022?

No correr da reunião, soube-se que



ela não se destinava apenas a ser uma apresentação power point burlesca do novo teatro e centro de convenções, mas a aprovar ou rejeitar esse projeto órfão de autor, em respeito a um dos termos de ajuste de conduta determinados pelo Ministério Público em 2015, documento esse, contestado pela Associação dos Engenheiros e Arquitetos de Ilhabela.

Passados sete anos, pretende-se agora fundear o prédio “readequado” sobre o que sobrou do mal construído até o embargo e transformado, à vista da população ilhabelense e visitantes, pela ação do tempo, do clima e da irresponsabilidade da municipalidade, nas ruínas da VERGONHA que, em campanha eleitoral de 2019, o concorrente a prefeito Anselmo Tambelini sugeriu transformar no “museu da corrupção”. Simplificando para bom entendedor: criar um bmw v6 turbo 2022 em cima

da carcaça arruinada dum gol básico 2010. O lance tido e propalado como brilhante dessa readequação foi a de transformar o que seria considerado um terceiro andar proibido pelo plano diretor de Ilhabela, num andar de pé direito duplo.

Prudente, a presidente do conselho da cultura, Juliana Borges, que é presença capital no Fórum Popular de Cultura de Ilhabela, criadora do Cineclube Citronela e do Citronela Doc, sugeriu que o conselheiros tivessem um tempo maior para poderem melhor refletir, coisa de modestos cinco dias úteis numa história vexaminosa que se arrasta há doze anos. Enquanto ela inventariava os votos a sua proposta, aconteceu uma cena que poderia figurar bem numa comédia de pastelão, não fosse o momento exigir seriedade e respeito que, ao serem atropelados, exibiram na verdade, uma cena de tragédia.



Aos berros, após decorridos 2h31 min da reunião levantou-se da cadeira colérico, o prefeito antes entrevado da saúde que figurava como convidado, interrompendo abruptamente a contagem dos votos:

*“tô aqui até agora pra ouvir essa pataquada sua, ah, pelo amor de Deus! Você não tem competência pra ser presidente do conselho!”*

Desde a eleição de Bolsonaro, *o homem mediano que chegou ao poder*, normalizou-se na política nacional, a truculência, a bestialidade. O bom exemplo da simpatia e carisma dum Juscelino Kubistschec, da retidão moral dum Mário Covas, da lucidez dum Marina Silva, da compostura dum Tancredo Neves, do cerimonialismo dum Fernando Henrique, da cultura dum San Tiago Dantas, isso tudo, tão belo e inspirador, caiu em total desuso e escandaloso descrédito.

Talvez seja esse fato desabonador a justificativa para que tão poucas e quase inaudíveis vozes tenham se levantado em defesa da presidente ultrajada. O fato de ser mulher agravou a atitude arrogante, autoritária e destemperada do alcaide, colorindo-a feito ato de misoginia.

E fosse outra a identidade de gênero da pessoa molestada, ainda assim o

destempero seria intolerável. Poderia, forçando a barra, passar batido numa roda de truço ou numa confraternização de bêbados de botequim, mas numa reunião oficial da municipalidade tratando dum investimento de tamanha envergadura, com potencial de interferir seriamente no futuro da cidade, jamais.

Que esse entrevero acontecesse num outro conselho com igual desdobramento, sem que fosse a reunião imediatamente interrompida e cancelada sob unânime protestos após o ultraje perpetrado, a gente até poderia, enfraquecendo um bom tanto a razão, entender. Mas num conselho de cultos?

Desde, com alguma sorte, o final de 2016, Ilhabela poderia ter funcionando esse seu teatro e centro de convenções, não tivesse sua construção sido

embargada em 2015, penalizando severamente dois servidores da secretaria de obras e a construtora. A ação civil pública que resultou na paralisação das obras foi por improbidade administrativa.

Tivesse sido a governança da época íntegra e competente e teríamos pronto o teatro e centro de convenções de Ilhabela valente golzinho básico há muitos anos rodando. Não seria o bmv v6 turbo, mas carro por carro, chegariam os dois, afinal, no mesmo destino e isso é que importa. Imaginem quantos eventos culturais teria apresentado, quantas peças dirigidas pelo genial Carlos Eduardo Martins encenadas, estimulando a formação de atores, atrizes, iluminadores, cenógrafos, enfim, toda uma enorme gama de profissionais da ribalta. Quanto Ilhabela não teria se deliciado e quanto não teria, culturalmente, crescido.

O prejuízo é incomensurável.

Vale a lembrança de que naquela mal-sinada ocasião, o chefe do executivo era o mesmo que agora transformou essa reunião de conselho num palco de gritaria e xingamento.

Nesses nossos obscurantistas tempos da política brasil pária odiado brasil, o exercício da autoridade se confundiu com a prática do autoritarismo. Totalmente contrária à conquista dos conselhos que se inseriram num plano maior, o do sistema nacional de cultura, com o propósito de democratizar a criação da cultura e potencializar a sua acessibilidade, de maneira que a maior parte da população a desfrutasse e nesse desfrute, consolidasse a sua cidadania. Uma cidadania que valorizasse o desejo de salvar, mas repudiasse os que se autodeclararam salvadores da pátria, da família, da tradição, do escambau. Nas palavras de San Tiago

Dantas: “querer salvar é sublime; julgar-se um salvador é ridículo”.

Contabilizados os votos, o placar pela aprovação da proposta do projeto de readequação padrão power tabajara point foi dum massacrante 7X1. O mesmo inesquecível e vergonhoso placar da retumbante derrota do Brasil pra Alemanha na semi final da copa do mundo de futebol de 2014.

Tá certo que quase a metade dos votos poderia ser mesmo de cabresto por vir de servidores públicos que pensam primeiro no cargo e salário do que na cidade. Mas e os demais, aqueles da sociedade civil? Que raio de gente é essa que se declara da sociedade civil, representando os artistas, as comunidades caiçaras isoladas e o movimento negro e não acha conveniente ter a possibilidade de refletir melhor sobre a polêmica proposta por apenas



mais míseros cinco dias úteis antes de dar seu parecer? Fizeram feio; fizeram horrível; fizeram VERGONHA tão grande quanto a que picha o metálico tapume na avenida e não merecem citação no inspirado pasquim poema de Kiko Kardial que brilha com graciosa ferocidade crítica, depois dos cinco minutos iniciais da reunião. Nos dias seguintes, nas redes ignóbeis, houve a princípio um rebuliço; logo substituído por preocupações outras como a necessidade do uso da linguagem neutra pelos cultos de Ilhabela. Uma carta de repúdio veio a lume no dia 18 de fevereiro.

E justamente no dia seguinte ao conflagrado encontro internético, os jornais chapa branca lambe botas estamparam eufóricos a notícia: *“novo centro de convenções de Ilhabela é aprovado em reuniões do conselho de turismo e de cultura”*.

Assim mesmo, sem menção alguma ao teatro, informando com absoluta clareza para que se presta a nova milionária obra: à indústria, sempre ela, do turismo. A cultura que se dane.

E como ela se dana.

Do orçamento aprovado em 2021 para a área da cultura de Ilhabela, secretaria e FUNDACI, foram alocados R\$ 12.074.900,00 e gastos R\$ 4.351.164,21. O que significa que R\$ 7.723.735,78 deixaram de ser investidos, lembrando o caso agora amplamente divulgado da verba para contenção de encosta de Petrópolis, gasta apenas pela metade.

Imaginem o que essa cifra milionária não teria feito se por deliberação democrática da sociedade, fosse aplicada com probidade e competência ... Poderíamos ter vivido uma verdadeira revolução social na cidade, com a cultura se espalhando pelas ruas, pelas

praças, pelas escolas numa ocupação que não quer nada industrial, mas de-leitar, informar, civilizar para que se criem munícipes que querem sim salvar, mas que nunca mais se prestarão ao papel infame de claque ordinária daqueles que se autointitulam seus salvadores.

# BASTA!

26 de outubro de 2022

<https://novaimprensa.com/2022/10/foto-em-foco-basta.html>

Foi no dia 22 e esse dia não poderá ser papagaiado pelo vereador propagandista do bolsonarismo na tribuna da câmara ilhabelense, porque o acontecimento que abrilhantou o fim da sua tarde, foi uma colorida e dançante celebração da democracia em Ilhabela.

Fotos e vídeo por si mostram sem necessidade de palavreado, essa festa que se inscreve na história dessa cidade pequena, periférica e rica demais que, a despeito desses três adjetivos, é sim Brasil.

São Sebastião fez a sua antes e em praça pública.

Essa gente que ocupou praças e avenidas nas cidades vizinhas é fração minúscula daquela que vive ansiosa, atemorizada pelo seu futuro. Esse temor nasce da percepção aterradora de que o país se perverteu e deu voz e protagonismo à desumanidade, à imoralidade, ao anti-intelectualismo, ao

farisaísmo, ao racismo, à misoginia, à homofobia, ao anticientificismo, à aporofobia, à violência, à pedofilia, ao fascismo e por tão longa lista, resumindo: à barbárie.

Seis anos de desgoverno Temer & Bolsonaro desconstruíram conquistas caras da redemocratização e colocaram em perigo as instituições da república. Não há área governamental que não tenha sido impietosamente desmantelada e aparelhada pelas pessoas mais medíocres e ignóbeis: cultura, cujo ministério de imediato foi extinto; saúde – que deixou morrer centenas de milhares de brasileiros de covid; educação – que desassistiu a estudantada e exibiu como feito brilhante a criação de colégio cívico-militar e um deles em Ilhabela, cidade bilionária que tem a nota mais baixa nos índices municipais da educação, do planejamento, do meio ambiente

e de proteção dos cidadãos, falhando na manutenção das suas escolas e seus equipamentos e submetendo seus funcionários a condições precárias de trabalho; meio ambiente – que deixou fogo correr solto na terra brasileira; cidadania – que vilipendiou direitos humanos; infraestrutura – que tão pouco fez; desenvolvimento regional – que só fez se apropriar do que fizeram os governos passados; minas e energia – escolheu vender patrimônio ao invés de o cuidar; defesa – tornado motivo de chacota pelas compras de próteses penianas e pílulas de viagra; fazenda – decidiu privilegiar os ricos arruinando os pobres...

O Brasil depauperou; mais de trinta milhões de brasileiros passam fome e o plano do posto ipiranga é diminuir o salário mínimo, comprometendo drasticamente a capacidade de compra da maioria da população.

A miséria vemos ao redor; brasileiros e brasileiras habitando a sarjeta, dormindo ao relento, passando fome, dependendo da caridade alheia. Gente que deveria por humanidade e solidariedade ser tratada feito gente e que, esse cruel governo, só ignorou, no seu enorme sofrimento cotidiano, na sua doença sem tratamento e na sua morte anônima em cova rasa e sem nome.



BASTA!





*Na Ilhabela, a mais rica das cidades do Brasil, homem dorme na rua e idoso mendiga na esquina.*

Foto em foco de 2018 dizia que o Brasil perdeu a graça. Pior que a perder, se tornou infame.

Essa infâmia explode comprometendo o frágil tecido que nos unia como habitantes compartilhando o mesmo país com respeito e algum carinho uns pelos outros. O diálogo foi interditado e pontes de aproximação entre os pensamentos diferentes foram destruídas pela escolha malsinada de governar pelo fígado, governar em prol duma

visão de mundo ultra direitista, populista, reacionária e ressentida, restando aos que não a aceitam, “a ponta da praia”, o local tenebroso da matança dos opositores da ditadura militar no Rio de Janeiro. Desalmada pátria amada, outrora cantada mãe gentil.

*Hoje, cai de desespero em desespero, cingida de demônios, cobrindo um dos olhos com a mão e cravando o outro num quadro horroroso. Quando alcançará o fundo do abismo? Quando raia-rá em meio à derradeira desolação, um milagre superior a qualquer fé, a luz da esperança?* Extraído do romance Doutor Fausto, de Thomas Mann.

O brasileiro lúcido enxerga assombrado a ruína da nação e se assusta com a crescente hostilidade dos que se cegaram por força de tanta e deslavada mentira e preconceito, impunemente bombardeados à exaustão nas redes

sociais pelos propagandistas do bolsonarismo, num insidioso processo de lavagem cerebral dos incautos, dos despreparados, dos humildes.

A cisão das famílias e dos amigos é fato antigo nesses tempos de alucinação coletiva. Ainda que as pessoas antes queridas pouco se encontrem ou nem mais se falem por divergência política, mais um degrau ao inferno pode ser descido e o antagonismo possa atingir o paroxismo se Bolsonaro for reeleito. Brasileiros sendo mortos por não serem bolsonaristas. Já têm sido mortos.

Seriam mortos ainda mais, porque afinal, berra impune o messias mito que o seu povo armado jamais será escravizado. Em nome dessa provocação absurda Roberto Jefferson, bolsonarista raiz, fuzila e tasca granada noutros acreditando cumprir o ideário do

seu líder que armou, fartamente, sua milícia para realizar por ventura o seu sonho assassino de matar no mínimo “uns trinta mil”.

Nesse nosso pequeno universo, duma praça de coreto tomada por moradores de rua e duma praça de gigantesca mangueira que acobertava amantes, nesses dois lugares celebrados por serem baluartes contra a derrocada dum lugar imensamente maior, o Brasil, quem bravamente os ocupou festejando com vibração e canto forte a defesa da cidadania ultrajada, ora sofre, teme e vive mal porque vive aflita por assistir faz tempo sua pátria virar pária entre as nações ao naturalizar o discurso bolsonarista do ódio.









Aquela antiga foto em foco alertava que:

*“A boa política deve desarmar e não armar as pessoas. A boa política deve unir e não desunir. A boa política deve estimular o amor e não o ódio. A boa política deve reverenciar a cultura e não apequená-la.”*

Espantosamente, à beira do abismo, escolheu-se nele se lançar. Para isso, sem dúvida, contribuiu o acirramento da campanha orquestrada com avidez pela extrema direita, semeando massivamente informação manipulada a ponto de corromper, o adoecendo, o pensamento de grande parte do eleitorado.

Jornalões e TV aberta não tiveram vergonha de colocar na mesma balança duas candidaturas de perfil inconciliável em paridade assemelhada. De um lado, um democrata, professor universitário, escritor, servidor público



de carreira exemplar como ministro da educação e prefeito de São Paulo e, do outro, um político profissional defensor da ditadura e da tortura, iletrado, truculento, misógino, homofóbico, ressentido, enriquecido na política, integrante obscuro do centrão, ex-militar expulso do exército, presença disputada em programas humorísticos por sua bizarrice.

Neste domingo, o país terá a chance de reverter essa escolha que tamanho estrago lhe causou, elegendo a frente suprapartidária de defesa da democracia. Capitaneada por um ex-presidente cuja vida virou livro e filme; que sempre pregou a conciliação pelo diálogo. Praticando o exercício do poder construindo elos entre os divergentes e demolindo os muros da segregação que humilham e martirizam os desamparados.

# Propostas do Haddad para o **LITORAL NORTE E VALE HISTÓRICO**

*Conclusão do Hospital Regional  
em Cruzeiro*

*Construção do Hospital Dia de  
Lorena*

*Construção de um Instituto  
Estadual de educação*

*Conclusão da obra do contorno  
no Litoral Norte*

*Tratamento de 100% do esgoto do  
Litoral Norte*

*Geração de emprego por meio do  
fomento ao turismo*

*Criação do distrito criativo do  
Litoral Norte*

*Incentivo à pesca artesanal*

*Criação do Departamento de  
Pesca na Secretaria de Agricultura*

★ GOVERNADOR  
**Haddad 13**  
VICE: PROF.ª LÚCIA FRANÇA

Propaganda Eleitoral - CNR 47.424.614/0001-91 - Campanha Governador: Fernando Haddad - PT e Vice: Lúcia França - PSE  
Coligação Aíntes por São Paulo: Federação Brasil da Esperança - PT, PCCOBL/PV, Federação PSOL/REDE, PSB/ACR





*Fernando Haddad entre simpatizantes, em Caraguatatuba*

Para o bem do estado de São Paulo e, principalmente, do Litoral Norte, é imprescindível eleger Fernando Haddad, um paulista que está plenamente qualificado para o cargo. Evitará que esse estado ainda pujante e tão importante, se torne um nicho do retrocesso, da selvageria bolsonarista. Evitará que ocorra em seu território, o desastre que tomou conta do Brasil assustando o mundo civilizado.

EDITORIAL | 25 October 2022

# There's only one choice in Brazil's election – for the country and the world

A second term for Jair Bolsonaro would represent a threat to science, democracy and the environment.



Brazilians will decide on 30 October if Jair Bolsonaro will get a second term. Credit: Adriano Machado/Reuters

BASTA!

Diferentemente de boa parte da imprensa nacional que evita tomar lado no esforço de estabelecer uma simetria inexistente entre as candidaturas em disputa, a prestigiosa revista científica nature tomou lado em editorial aberto com caixa alta.



# o carnaval que não houve

6 de março de 2022

<https://novaimprensa.com/2022/03/o-carnaval-que-nao-houve.html>

A nata supprassumo dos negócios insulares, a supimpa regência eleita que zelosa governa num vale a pena viver escalafobético, comemorou com prazer e com pleno direito, o sucesso dum carnaval que não houve.

Sem escolas de samba, sem blocos festivos, sem banho da Doroteia. Sem show cultural de drones perto do meio milhão.

Mas com gente e quanta quanta quanta gente, a quase afundar a ilha numa comemoração seguramente nada carnavalesca pois que nelas faltou samba e sobrou funk, pagode, rock pauleira, sertanejo universitário, sofrência e que tais pelas casas e quintais, pelos bares, botecos, botequins, clubes, boates, danceterias e afins. Marchinhas da família Passos, porém, só mesmo no YouTube.

A Ilhabela Nova Zelândia tão primeiro mundo logo comprando à farta kit

covid foi policialesca ao cobrar pas-  
saporte vacinal pra inglês ver com a  
sua câmara das leis querendo é ver de  
longe, bem de longe. Reafirmando sua  
autoridade, pela imprensa passava um  
recado de ar intimidatório, mandando  
todos todas todes todx se mascara-  
rem, mas não de Arlequim ou Colom-  
bina ou Pierrot. Em vão.





Quem é jovem, acha que é imortal posto que é chama e, incendiando a avenida da princesa, se aglomerou, pouco pudicamente em área pública, todos todas todes todx respirando o mesmo ar de interminável espera duma involvidável festa, desmascarados, desmascaradas, desmascarades, desmascara-dx. Fora do clube de nome estrangeiro,

*fila pra quê?*



se perfilavam, pacientes, em fila homérica de beldades que poderiam encantar o mamãe falei, talvez a ponto de o animar a economizar e não viajar para tão longe no ano que vem.

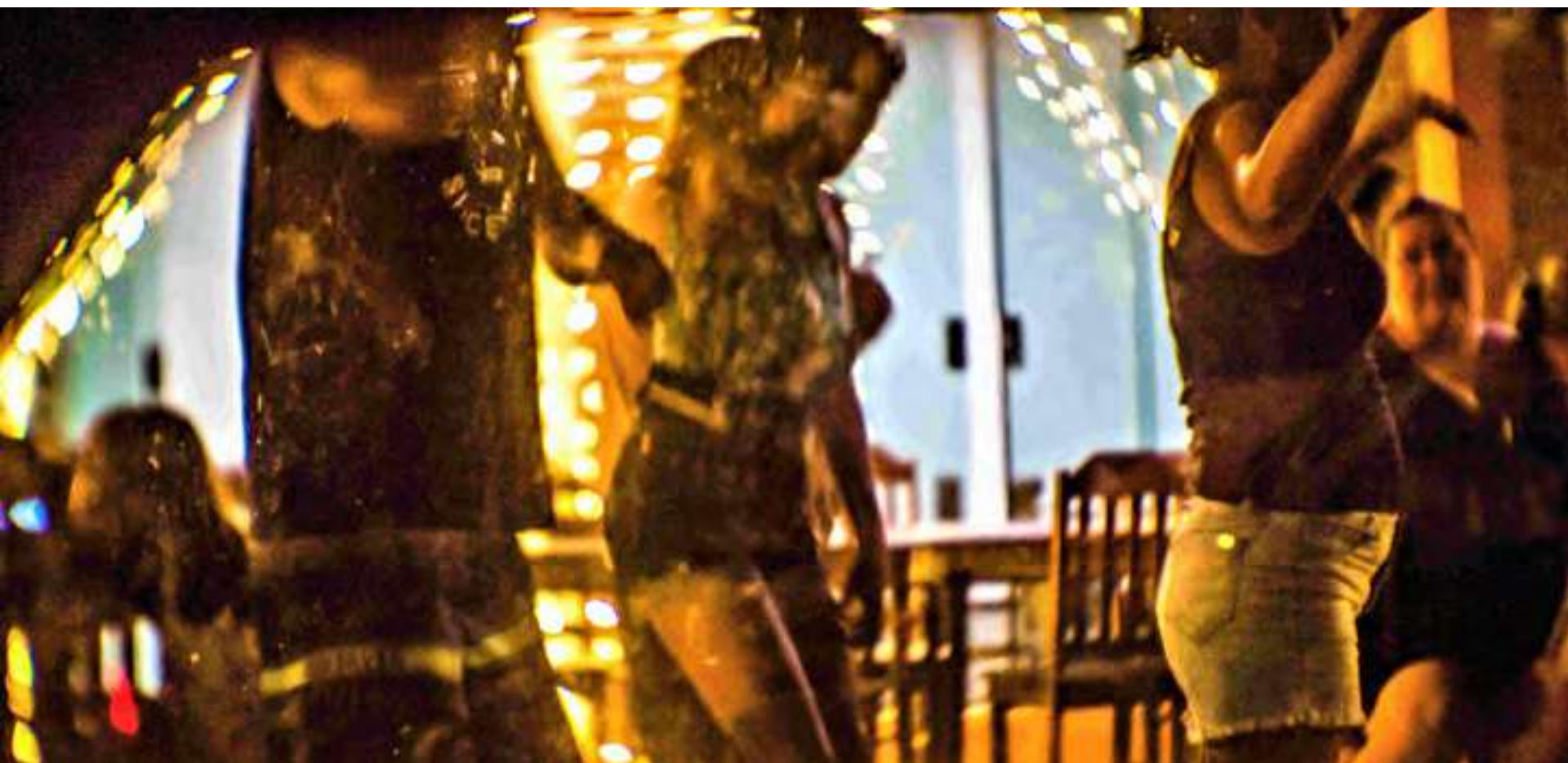


ilha...bela

*loiras beldades brasileiras*



A morte, contudo, tão deslumbrada em sua infatigável contabilidade de defuntos que os terraplanistas reputam menores que as de infarto ou de acidente, pode ser que de quebra leve uma ou outra pessoa desse juvenil agrupamento; talvez, até pais ou avós negacionistas antivacinas bolsonaristas ultradireitistas antipetistas fascistas nazistas anticomunistas dum deles ou delas. E lembrando que na Nova Zelândia ilhabelense abundaram por tudo quanto é canto aglomerações desmascaradas todas reputadas como não carnavalescas, a morte, por leviandade, poderá ainda capinar mais vida desses/dessas que nelas dançaram barulhentos/ barulhentas.



*isso não é nada carnavalesco*

Aí, ensacada em plástico preto feito lixo, essa antes da hora extinta vida pueril ou vá lá saber, nem tanto, não será nem zelada e muito menos, pranteada. Seu destino é caixão fechado num buraco sem fundo nesse muito mais final de mundo de quase milhão de almas brasileiras que não brilham feito drones em céu de aniversário ou de fim de ano da ilha cidade das mais ricas do Brasil.

Na contagem insular dos boletins covid, essas vidas mortas não se encaixarão por forasteiras. As que falecem na Nova Zelândia plubieditorial não se contam no plural; se escrevem assim: 9 óbito. Esquecendo de outros trinta e oito mortos, como se tivessem sido assassinados por outro vírus.

4 de março de 2022

# Boletim Diário Covid-19



DADOS COLETADOS DESDE 01/01/2022

*no boletim oficial, 9 óbito ( sic ). No da Fundação SEADE – Sistema de Análise de Dados, 47*

Essa escolha de veicular informação morta do plural se soma berro numa zoeira que não é carnavalesca e que faz o planeta inteiro zurrar agonizado, cobrando a volta duma normalidade que acabou, sucumbiu, faleceu. A Nova Zelândia litorânea paulista agora novamente inova, largando na frente. Decretou, pela segunda vez, o fim da obrigatoriedade de uso de máscara de proteção facial nos espaços abertos.

Se eram três os cavaleiros airosos na tela da globeleza onipresente nas mentes e nos lares dementes, posando de garbosos galãs, – a fome, a peste e a morte -, agora um quarto a esses se emparelha: a guerra. E haja estômago forte pra assisti-la mais do que novela, mais do que série, mais do que filme supercine, mais do que vício, mais do que febre infernal de covid, mais do que sequela dessa praga a desgraçar sobreviventes que, orgulhosamente,



se glorificam na tabela verdolenga dos recuperados, recuperadas, recupera-des, recuperadx.

Entretanto todavia no entanto, que não se amolem os que sofrem, se desca-belam, se preocupam, alucinam e se desesperam com essas coisas mamãe falei secundárias que nem morte ou doença, pois afinal, carnaval matador no sentido inequívoco dessa palavra, pelo brasil desalmada pátria pária bra-sil, nem houve; não é mesmo?

Save the date, em inglês colonizador imperialista, ficou chiquerrímo, debulhando uma frase lacradora peidando perfumosa nesses banners d'avenida vale a pena viver desbundando que, bravateando, nos contaram: na Nova Zelândia tropical, carnaval de fato, só no maio outonal vai haver.



**CARNAVAL**

**ILHABELA**

**2 0 2 2**

**SAVE THE DATE**

**20 A 22 MAIO**

**APRESENTANDO OS ESCOLOS DE  
SANTO & BONS CARNAVALESCAS**

**ILHABELA**

*inglês, língua da Nova  
Zelândia tropical*

A tall, decorated pole stands against a cloudy sky. The pole is adorned with various floral and leafy arrangements. At the top, a colorful banner with intricate patterns is displayed. The pole itself is wrapped in blue and white materials, with a red ribbon tied around it. The overall scene suggests a traditional or cultural celebration.

# **mais um ano sem congada**

28 de maio de 2021

<https://novaimprensa.com/2021/05/mais-um-ano-sem-congada.html>

Mais uma ano. Sem congada. Mas desta vez com missa. Campal. Clérigos e autoridades insulares juntinhas todas confortavelmente sentadas na providencial sombra dum toldo especialmente providenciado em frente à porta de entrada da igreja matriz Nossa Senhora d’Ajuda. Duas horas de pregação. Suportadas em pé sob o sol escaldante do final da manhã pelo povo réu piedoso. Torcendo o pescoço para enxergar na doce e fresca penumbra lá no alto do terraço monacal a performance dos religiosos acariciada pela presença tão ao pé do altar improvisado, da elite insular e dalguns congueiros. Horas de sol quase a pino, pernas e lombares ardendo no esforço de manter o prumo numa aglomeração de penitentes; sem dúvida, esse um brioso feito dos devotos de São Benedito que, perfilados às dezenas ao longo da calçada fronteira da praça do cruzeiro, da praça Coronel Julião e

na ladeira da ladeira da Santa Casa, só  
arredaram dolorido pé, findo o ofício  
religioso.





mais um ano sem congada





NA LINHA  
AMARELA

































São Benedito é um santo negro, pobre e sua ocupação era a de cozinheiro. Por ser negro, pobre e trabalhador duma profissão visto pela maioria das pessoas como inferior, pois afinal, o santo não foi chef de restaurant ( em francês ) incensado pela Michelin, vive entre a brasileira da sempre excluída da água fresca e sombra sorvidas com tédio pela fidalguia nacional. Mais do que viver nesse inóspito meio, é o santo que a representa e lhe confere algum, ainda que muito pálido, pertencimento social.

Esse extrato da sociedade que vem a ser a sua base piramidal, só tem visibilidade em manchete dos jornais sanguinários que se reproduzem aos milhares no gozo noticioso do cancelamento de cpfs daqueles que rotulam como bandidos.

Pois que pouco antes dessa liturgia



insular, figuraram como notícia o assassinato de dois pobres pretos ladrões de carne-velha e o fuzilamento duns outros pretos na favela do jacarezinho em exitosa missão nas palavras da polícia civil que avalia como sucesso uma operação que resulte em vinte e oito mortos a bala.

O 13 de maio que antecedeu a Congada que não houve foi marcado por manifestações de protesto Brasil inteiro, em Ilhabela inclusive, com a particularidade de ter sido aqui iluminada, involuntariamente, pela estroboscópica luz vermelha da viatura que faz plantão na praça dum lado e importunada pelo berro acrimonioso dos bolsonaritas raiz que passavam raivosos pela rua do São João, doutro.















mais um ano sem congada







### Reclame aqui Ilhabela

À direita do vídeo, feito antes da destruição, dá para ver o marmeleiro-de-praia (*Dalbergia ecastaphyllum*), vegetação ameaçada pela ocupação urbana e protegida por legislação ambiental.

<https://emporiododireito.com.br/.../restinga-importancia...>



Curtir · Responder · 2 sem · Editado



mas esse senhor não explicou a razão do trabalho que fizeram??? A menos que seja uma desculpa para "melhorar" a visão do mar que se tem do restaurante em frente.  
Ele explicou que a vegetação que predominou neste local é exótica e a sombra não permite a vegetação nativa se desenvolver.  
De fato um colega biólogo de Cabo Frio certa vez me falou que plantar árvores ou muitas palmeiras que fazem sombra próximo a vegetação de restinga pode atrapalhar o desenvolvimento desta vegetação pois a vegetação de restinga precisa de luz e Sol.

Curtir · Responder · 2 sem



, lcia o que comentei acima. Não se controla exóticas retirando as nativas, isso só vai abrir espaço para mais exóticas se desenvolverem.

mais um ano sem congada

Próxima a essa praça que sediou o 13 de maio de luta, a praça do Pimenta de Cheiro, aconteceu uma das primeiras ações da secretaria de meio ambiente comandada por celebridade bolsonarista arrependida. Foi o desmate duma pequena área densamente vegetada de praia num trabalho apresentado como de eliminação de plantas invasoras. Homens e Mulheres da Pedra do arquipélago comemoraram nas redes sociais: acabou o ponto de encontro dos maconheiros! Foi arruinado o motel a céu aberto! Vagabundos perderam sua sala! Todavia, apesar dessas demonstrações apaixonadas de apreço pela atitude mais que ambientalista, – policial, nas mesmas redes houve vozes, ainda que tímidas por abafadas pela berraria histórica em defesa intransigente da moral e dos bons costumes, que objetaram que a intervenção favoreceu, em última instância, o novo restaurante do local que agora

tem visão privilegiada do canal e nem precisará fazer que nem o seu concorrente vizinho que invadiu a estreita faixa de areia a sua frente, nela distribuindo mesas, cadeiras, guarda-sóis e candelabros a granel sem ser admoestado pela secretaria porque ela deve crer que esse cacaréu todo não é planta invasora.



### Reclame aqui Ilhabela

Não acreditoooooooooooooo 🤔🤔🤔🤔🤔🤔🤔🤔🤔🤔🤔🤔🤔🤔🤔🤔 Com certeza estava atrapalhando a vista do restaurante, né?? Ai vale a Lei do Dinheiro, Lei Ambiental nessas horas deixam de existir 🤔🤔🤔🤔🤔🤔🤔

Curtir · Responder · 2 sem · Editado



... vc disse tudo matou a pau parabéns, estava uma mata fechada mesmo só que estragava a vista de quem ali almoçava ou jantava naquele restaurante, agora rico pode tudo, abri rua fechar costeira e até mesmo desmata para se ter vista para o mar.

Curtir · Responder · 1 sem



Triste Realidade 🤔🤔

Curtir · Responder · 1 sem



### Reclame aqui Ilhabela

Curtir · Responder · 1 sem

E vc acha que eles ia deixa o mato todo na frente do restaurante e brincadeira esperando q a prefeitura não tenha liberado pra fazer isso

Curtir · Responder · 1 sem

... O secretário de meio ambiente.

<https://www.facebook.com/watch/?v=234414945146551>

Curtir · Responder · 1 sem



... uma vergonha isso só limpam porque e a frente do restaurante aí vem com história de limpeza na frente da praia Ilhabela sendo Ilhabela quem tem dinheiro manda ms **parabéns** pra ele vergonha





Reclame aqui Ilhabela

[Redacted] Vergonha! Vergonha!!!

Xico Graziano especie invasora da vista do restaurante convés... cadê a operação de recuperação do jundu?? Basta andar pela ciclovia p ver q não está fazendo nada c os remanescentes da orla... vergonha

Curtir · Responder · 1 sem



[Redacted], o secretário Chico me disse que era vegetação exógena, composta de plantas exóticas e que sua próxima intervenção será no mangue do Pereque conhecido por mangue da Telma. Que se cuide, senão some também.

Curtir · Responder · 1 sem



ilha...bela





A Congada de Ilhabela é desde sempre enquadrada como legítimo espetáculo caiçara. E a palavra espetáculo, ultimamente, mais se tem categorizado como adjetivo do que substantivo. Três festivos dias de espetáculo inseridos no calendário oficial para o deleite da turistada porque decidiu-se nos gabinetes palacianos do poder ilhéu que o turismo é o provedor maior dessa cidade que no passado sustentou-se exercendo diferentes atividades econômicas.

Caiçaras viviam da pesca e da agricultura de subsistência. A vida deles era muito simples, despojada além de qualquer conta para os padrões consumistas atuais.

Quem assistir o filme de 1950, Caiçara, o primeiro da Companhia Cinematográfica Vera Cruz, terá uma boa ideia de como era Ilhabela quando terra caiçara.



O clima da história é sombrio; isso, apesar dela acontecer numa locação tropical. Mas além da narrativa da vida desajustada e agônica dos protagonistas Marina e José Amaro, o que nos importa é observar o cenário duma Ilhabela da qual encontramos hoje pouquíssimos vestígios.

Uma Ilhabela muito pobre na indigência das suas moradias e no vestuário da sua gente. A película em preto e branco reforça essa pobreza nos fotografamas de paredes descascadas, emboloradas, nas portas e janelas de madeira carcomida, na face desdentada dos figurantes maltrapilhos, boa parte deles, negra. A Congada e sua exótica sonoridade está presente num pequeno fragmento, acontecendo na Vila, em meio a construções coloniais que não existem mais; uma das poucas sobreviventes é a igreja matriz aparecendo como pano de fundo. Emblemático

que o final da fita aconteça no cemitério da ilha num sepultamento que reuniu em luto e cortejo fúnebre toda a população, como se essa cena metaforizasse o futuro aniquilamento da vida caiçara.

Vinte anos depois da filmagem, aumentou expressivamente o número de pessoas que se encantaram com Ilhabela e compraram propriedades na ilha. Alguns dos herdeiros desses compradores vivem até hoje do dinheiro da enorme valorização desses bens e da sua subsequente venda.

Especulação imobiliária. Esse é o nome da praga que se abateu sobre a terra que nada valia e os caiçaras foram, literalmente, perdendo sua morada. Os que chegavam comprando tudo, erigiam muros onde nunca os houve e foram pagando merreca pra caiçarada vizinha servir de mão de obra doméstica.

Praias inteiras foram cercadas virando condomínios de luxo e hoje só se chega nelas caminhando ladeira abaixo sob o olhar intimidatório de seguranças trogloditas.

E há praias em que nem se pode mais na areia sentar ou deitar levando para consumo sua bebida e lanche, pois logo chegam paus mandados do dono do negócio praiano do pedaço na missão milicianiana de afugentar os não consumidores para deixar espaço pra sua clientela endinheirada.

As modestas casas caiçaras frente ao mar deram lugar a mansões emuralhadas duma gente de nariz empinado e fala arrogante. As casas distantes da praia foram sendo derrubadas por veranistas de menor calibre financeiro que no lugar delas construíram esse padrão de imóvel de periferia que infesta nosso litoral desvalido e

se enxerga bastante em Caraguatatu-  
ba, Peruíbe, Praia Grande, Mongaguá,  
etc. Edificações sem nenhuma beleza  
arquitetônica, sem história alguma de  
valor para as gerações futuras.

Se eram pobres e simplórias as habita-  
ções de Ilhabela, a “Ilha Verde” no fil-  
me Caiçara, elas tinham sim encanto e  
relevância como autênticos exempla-  
res da arquitetura colonial de paredes  
grossas e altas, portas e janelas de  
madeira de lei, telhados de caimento  
delicado encapados com parrudas te-  
lhas de coxa delimitando um interior  
de penumbra e frescor onde a exis-  
tência corria sem pressa e sem fragor.

Se a saúde era precária e a ignorância  
grande, a comunidade era solidária e  
boa companheira ainda que houvesse  
fuxico e alguma desavença.

Naquele tempo ninguém interditaria a  
passagem dos outros pelo seu quintal,  
mesmo porque, os quintais tinham um

mais um ano sem congada

caráter comunitário; as crianças brincavam em todos e os adultos não os encaravam como propriedade privada. Essa era, verdadeiramente, uma ilha de todos e, para assim o ser, nem precisava depender do trabalho de muitos.

Uma Ilhabela de uma gente ciosa de dizer bom dia boa tarde boa noite e caridosa de compartilhar suas poucas posses com quem menos tinha. E mesmo caminhando de pés descalços e se vestindo com andrajos, se respeitavam e se gostavam. E festejavam. No filme, além da Congada, há o registro do caiapó e das cantorias reunindo dezenas de pessoas que não se envergonhavam de sorrir banguelas.

Nas mercearias, quitandas, nos comércios desse tempo as pessoas se conheciam e se sentiam à vontade, se cumprimentado pelo primeiro nome.

Nos supermercados que enterraram esses negócios obsoletos era muito

comum o dono e dona botarem funcionário brucutu pra aterrorizar cliente desavisado que o adentrasse com mochila às costas, chegando ao paroxismo de mandar empregado fortão advertir quem tirasse fotografia do seu portentoso estabelecimento da rua sob a justificativa surreal de que é “proibido tirar fotografia”.

Hoje Ilhabela inaugura supermercado vitrine de boa educação com sua clientela e de elegante e higiênica organização dos produtos que comercializa dando rasteira nesses antigos e presunçosos, tão acostumados a maltratar quem achavam que é pobre ou bicho grilo.

Mas dentro de seu espaço climatizado e bem iluminado, à vontade se sentem pessoas de alto poder aquisitivo que não se conhecem e até por isso, nem se cumprimentam. A caiçarada da década de cinquenta se chegasse

na porta do seu estacionamento cheio de reluzentes SUVs de centenas de milhares de reais, de pés descalços e roupas rasgadas, morta de vergonha e desdentada, voltaria atrás para esconder sua miséria.

Hoje a ricaiada ilhabelense acha que o suprassumo é morar em condomínio fechado na ilha, todinho murado feito presídio de segurança máxima com patrulha vinte e quatro horas da sua milícia particular, paisagismo todo de plantas exóticas, fibra ótica e rede elétrica enterrada longe da vista das suas vivendas de padrão brega chique trumpista bolsonarista vivendas da barra; ricaiada ignorante que jamais na vida saberá quem foi Paulo Mendes da Rocha ou Yraê Aranha. A Ilhabela caiçara ainda que tivesse desigualdade social com caiçara morando em barraco de pau a pique enquanto outros moravam em palacete

de princesa ou de fazenda de engenho estimulava a convivência dos seus moradores; era uma cidade sem guetos, em tudo diferente da cidade dos condomínios egoístas fechados para a vida pública plural onde só residem gente de igual pensamento e gosto que ora se alastram feito câncer pela esclerosada malha urbana.

A cultura caiçara não tem na ilha lugar oficial que verdadeiramente a acolha, a estude, a preserve; que a estimule a sobreviver orgulhosa e senhora de si.

A Congada se repetia ano após ano antes da pandemia como evento midiático turístico pra encantar visitantes de férias que a enxergam como uma bizarra dança e teatro de marmanjos fantasiados com tecidos de liquidação numa gritaria ininteligível. E haja filme e fotografia oficial pra popularizá-la vendendo Ilhabela como protetora da cultura caiçara. Não é. Não protegeu



também seu patrimônio arquitetônico. Não protegeu também seu mar; seus mangues que viraram lixão e Jardim do Éden; seus rios e cachoeiras próximos ao tecido urbano. Não protegeu também as suas áreas de risco, fazendo vista grossa às invasões e construções irregulares que se espalharam sem controle. Não protegeu também sua costeira, permitindo que a ricarada dela se apropriasse e depois construísse muralhas para encapsular seus palácios que, de quebra, obliteraram a visão do horizonte dos mortais comuns que passam pela estrada. Não protegeu também seu povo humilde que tinha na pesca e na agricultura familiar o seu sustento. Não protegeu também os operários que edificam essa cidade listada como uma das mais ricas do Brasil morando em buracos e pirambeiras. Não protegeu também o turista de poucas posses que para visitá-la por umas poucas horas sacrifica seu modesto orçamento.

Ilhabela tem se enchido de hotéis e pousadas e shoppings e lojas e restaurantes com pomposos nomes em língua estrangeira quando não somente abreviados onde a caiçarada se aparece é quase sempre pela entrada de serviço pra carpir mato ou limpar privada.

E Ilhabela acredita piamente no pensamento da sua classe dirigente de que o turismo é o único caminho do verdadeiro paraíso, desmerecendo os resistentes produtores fomentadores de pujantes economias alternativas que nela vivem lhe dando o melhor de si e se esquecendo de que o que robustece o erário municipal é a receita milionária dos royalties do petróleo que não são fruto de trabalho turístico algum.

Essa renda já começa a minguar e no futuro será irrelevante. Quando isso acontecer, a cidade viverá o mesmo drama doutras outrora movidas a

royalties. Sua prefeitura palácio sauna de cristal matagado por falta de manutenção viverá uma triste novela de deterioração; a mesma que viverão seus incontáveis prédios públicos fruto de desapropriação imobiliária e suas escolas, quadras esportivas e postos de saúde mal construídos segundo relatórios do tribunal de contas do estado. Nesse momento de colapso financeiro não faltará mandatário que sonhe numa derradeira transformação: a da ilha virar uma Cancún brasileira, destino imaginado por Bolsonaro para Angra dos Reis. Ou então uma paulista versão do catarinense balneário de Camboriú com seus arranha céus de centenas de metros de milionários cretinos fazendo sombra perpétua na areia da praia.

Mas quem se importa?

O desrespeito, a falta de interesse não só pela cultura caiçara, mas por toda e qualquer cultura, seja ela urbanística,

política ou artística, cobra no presente a fatura duma cidade não inclusiva. Quer dizer, uma cidade onde a palavra ordem do dia, melhor se exprimiria no inglês que a ricaiada jeca deslumbra-da por Miami tanto adora: apartheid. E essa segregação não seria somente entre brancos e pretos ou ricos e pobres. Também entre cultos e ignorantes; moradores e os “de fora”; direitistas ferrenhos e os por eles xingados de “petralhas” ou comunistas; imprensa oficial e realidade; quem manda e quem obedece; apadrinhados e perseguidos...

Nessa Ilhabela, melhor mesmo que as pessoas nem se cumprimentem por não valer mesmo a pena se conhecerem.

Nas pequenas coisas do dia a dia, os avisos de alerta faz tempo tentam advertir; porém ninguém dá bola e a vida segue como se tudo se resumisse a

uma pendenga de torcida.

O noticiário chapa branca só faz abarrotar as redes sociais com fotos de ações policiais tecendo e fortalecendo uma ética de mundo cão para desfrute sádico duma crescente plateia de linchadores virtuais.

E o discurso do “quero trabalhar”, “economia em primeira lugar”, “tratamento precoce é a solução” e assemelhados inflama os espíritos numa guerra fratricida logo no meio dessa pandemia que já matou quase meio milhão de brasileiros.

É triste, é dolorosa a inação dos que poderiam reverter esse descalabro.



Um exemplo simples é essa obra intitulada de revitalização da Cocaia. Coisa de mais de quinze milhões e não se sabe mais quanto direito porque seu valor não aparece na vistosa placa que a noticia na entrada do bairro. Muita gente se assusta com a supressão das calçadas e a construção dum pavimento liso que permitirá maior velocidade no largo quase avenida leito carroçável.

Na época da Ilhabela caiçara, a rua, a estrada da Cocaia, mal passava dum estreita trilha. Na década de oitenta era um caminho de terra onde penavam para passar carros que trafegassem em sentido contrário. É certo que

mais um ano sem congada

as pessoas andavam a pé pela rua, mas não há relatos de atropelamento. Que só aconteceram depois que ela foi alargada e pavimentada com bloqueios de concreto.

Hoje muita gente caminha por ali, por necessidade ou lazer e não será surpresa alguma que venham a ser atropeladas muito em breve com a finalização da obra.

Tentou-se alertar a secretaria municipal de planejamento urbano, obras e habitação, mas mesmo no vídeo do YouTube com a nova jovem secretária que precisou, por causa do seu nervosismo, interromper a leitura que fazia do plano de metas da sua pasta, essa preocupação grave não foi respondida a contento ainda que tivesse sido levantada antes e durante a transmissão ao vivo da audiência pública do PPA – Plano Plurianual 2022/2025 em 30 de março.

Cinco quarteirões. Não mais que isso. A distância entre o gabinete da secretária no palácio sauna de cristal matagado e a obra sem calçada inclusiva. Não precisa nem usar carro oficial. Menos de dez minutos de saudável caminhada para averiguar no local a inexistência de calçadas logo na entrada do bairro e a diminuição drástica na pouca largura das precárias que antes existiam dando origem a uma nova modalidade de calçada ilhabe-lense, a saber, a calçada insular equilibrista. Porque será um exercício de equilíbrio caminhar numa largura tão pequena. Pequena, apesar da planilha orçamentária da obra presente no contrato 071/2020 firmado entre prefeitura e prestadora de serviço arrolar quase dezessete mil metros quadrados de pavimento pra calçada ao custo de aproximadamente dois milhões de reais.








A câmara municipal poderia, se exercesse seu dever fiscalizador, supervisionar essa obra. Mas está ocupada demais em legislar sobre dia ilhabe-lense de oração em círculo e em assegurar para as igrejas e templos evangélicos da cidade a categorização de serviço essencial, categorização essa já existente em nível estadual, assim reforçando a concessão aos religiosos ilhéus, do direito e para aqueles fiéis mais devotados e dizimistas, da satisfação prazerosa de se aglomerarem em devoção sonora mesmo durante essa terceira onda da pandemia que se avizinha veloz com mortífera nova cepa indiana do coronavírus. Porém, se por desventura no interior abençoado desses locais celestiais alguém se contaminar e morrer, poder-se-á conjecturar que isso aconteceu por imprevisível e inevitável fatalidade, fruto de vontade divina, no dever do cumprimento da prestação de

ofício de caráter religioso para a população beata ora enquadrado como serviço essencial e, portanto, obrigatório para os que dele tanto carecem, excetuando-se, é claro, macumbeiros, agnósticos e ateus que não integram essa freguesia. Além disso, havendo dificuldade em aprovar até pedido de informações ao executivo por causa da sua aguerrida bancada situacionista, pouca é a esperança de que dessa casa de leis sediada em casa de princesa protegida por um gigantesco furbundo Moisés de aço inox possa vir alguma pálida luz mesmo à custa de fervorosa reza de cocaienses amolados feita na privacidade das suas moradias descalçadas e agora também em cálida reunião religiosa nos templos e igrejas serviços essenciais invocando a intervenção não divina e sim terrena, do clerical poder legislativo municipal.

Sem dúvida, caiçaras da década de cinquenta não teriam dificuldade de se locomover nessas calçadas minúsculas acostumados a correr por picadas no meio da mata. Mas caiçaras aparentados desses que quase se contam agora nos dedos e embora resistam bravamente e se orgulhem da sua descendência, além de não terem tido sucesso em nos ensinar a decifrarmos os sinais da natureza e a sermos humildes e solidários, não nos ensinaram como andar na corda bamba.





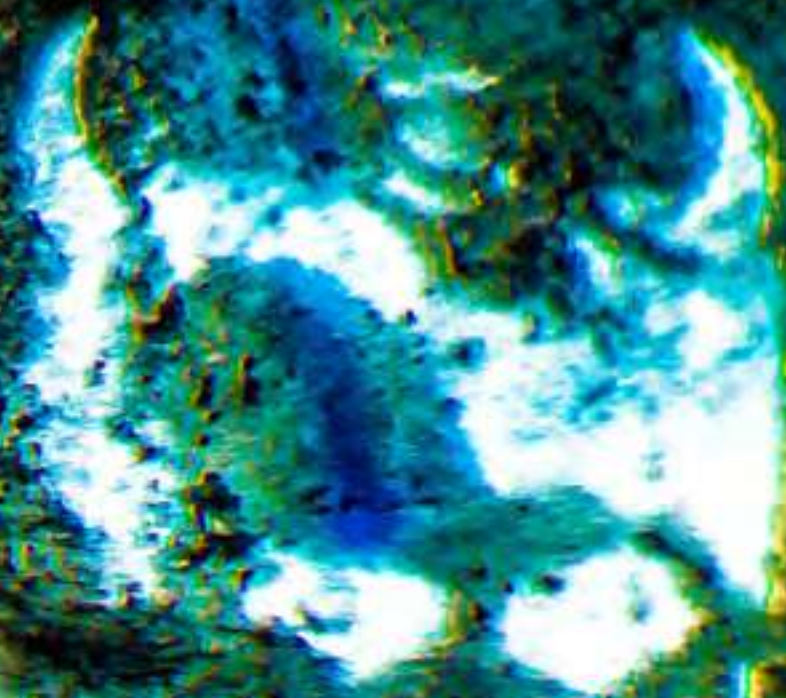
**FÉ CEGA,**

**FACA AMOLADA**

8 de outubro de 2022

<https://novaimprensa.com/2022/10/foto-em-foco-fe-cega-faca-amolada.html>

No tempo do governo  
daquele que se diz



ENVIADO DE DEUS

Existem lugares privilegiados para a fala à sociedade e são ditos privilegiados por causa da grande visibilidade que possuem e porque neles quem se aboleta e discursa detém o privilégio de estar ali. Nos casos tratados por esta coluna, o privilégio em questão veio por força do voto num e por meio de ordenação eclesiástica, noutro.

Foi do alto da tribuna da ilustre câmara ilhabelense que um seu eleito soltou inverdades à farta exigindo que seu eleitorado não votasse na “esquerda”. Entre aspas pois essa palavra na boca do orador perdeu sua essência, seu real significado. Apesar de advertido com firmeza pela presidente da câmara, da ilegalidade da sua pregação eleitoreira pública afrontar a lei eleitoral vigente, o edil zangado retrucou com soberba que os incomodados então o processassem. Seguro será que esse parlamentar ilhéu de estampa bastante parecida ao



do deputado ex-presidiário marombado, cassado, famoso por destruir placa de rua em grotesca encenação de afronta ao movimento Marielle Franco, não enfrentará dos seus coleguinhas camaristas processo de cassação por falta de decoro como o injustamente imposto a vereador da oposição.

Pastores evangélicos, não todos, resalte-se, fazem pregação semelhante ao desse orador e espanta que haja padres que repitam o mesmo. Relatos indignados de fiéis católicos a ponto de algum virar denúncia encaminhada à Confederação dos Bispos do Brasil, dão conta de que isso aconteceu em missa justamente no dia do primeiro turno da eleição em igreja de Ilhabela. Fica difícil conceber que esse mesmo clero que teve em suas fileiras dom Hélder Câmara e hoje tem o padre Júlio Lancelotti possa abrigar empedernidos defensores do bolsonarismo usando

o púlpito não como local de pregação da fé cristã, mas de imposição duma preferência política extremista que só faz despertar nas pessoas a sordidez espiritual e o ódio ao próximo.

Poderia bem passar por mera fanfaronice o ocorrido na tribuna da Câmara; no entanto, a situação é grave. A atitude do vereador como frisou a presidente da Câmara, desrespeitou a legislação eleitoral ao se corporificar como uma conduta vedada de agente público. O vereador fez uso da tribuna da Câmara Municipal de Ilhabela para a realização de um discurso eminentemente político, com proveito eleitoral, objetivando favorecer a candidatura de Jair Bolsonaro. Para averiguar a existência de delito, magistrado da área só vai precisar assistir o vídeo do discurso ora propagandeado por seu autor belicoso no facebook como feito grandioso, ao invés de ter sido, na

verdade, uma incitação ao apedrejamento duma esquerda brasileira bicho-papão que só existe no mundo furibundo da terra plana, concitando o eleitorado a votar em Bolsonaro. Pretendeu-se transformar a Câmara Municipal de Ilhabela num cabo eleitoral bolsonarista e a TV Câmara em propagandista da candidatura da extrema direita.

A lengalenga urrada na tribuna com voz trêmula emulando o figurino dos discursos do ódio que infestam as redes sociais, é uma coletânea intragável de fake news a começar pela pregação amedrontadora do risco do Brasil virar Venezuela nas mãos do “governo de esquerda”. A realidade, bem outra, é que o país caminha a passos largos e rápidos pra isso acontecer e nas mãos de um governo de extrema direita. Bolsonaro segue a mesma estratégia de Maduro: bajula, enobrece,

pavoneia as forças armadas ao mesmo tempo em que agride e desmante-la impiedosamente o poder judiciário e a imprensa e coopta, ao custo de o corromper, o poder legislativo.

O edil mete o sarrafo no MST se esquecendo que quem hoje invade e se apodera de terra pública com o beneplácito do governo são garimpeiros, grileiros e gente do agro lixo que, literalmente, põe fogo na terra brasileira.

O edil gritou que governo de esquerda toma o dinheiro do povo, ao passo que quem o faz agora em solo pátrio é o governo federal através do maior escândalo de corrupção da história da república: o orçamento secreto.

O edil reclamou que o “governo de esquerda” trata mal as mulheres, quando quem o faz reiteradamente é o seu líder mito Bolsonaro dando péssimo exemplo aos seus adutores.

O edil lastimou que “governos de esquerda” deixam as famílias passando fome quando ainda estão vívidas as cenas impactantes e degradantes de brasileiros e brasileiras disputando osso e pelanca de carne num container originalmente destinado à fábrica de ração animal sob a indiferença do governo bolsonarista de extrema direita.

O edil se pôs na posição de defensor da liberdade se esquecendo que nos dias que correm, opositores do atual do governo temem falar de suas preferências políticas com medo de serem espancados e até assassinados; muita gente não torna pública sua escolha política a exibindo na fachada do seu lar e no vidro do seu carro por medo de sofrer vandalismo. Márcia Tiburi que escreveu o livro “como conversar com um fascista” se deu conta da pior maneira do quanto isso é difícil e jun-

tamente com milhares de brasileiros perseguidos e ameaçados de morte pelos extremistas da direita, foi morar fora do Brasil. O influenciador Felipe Neto continua morando, mas explicou em vídeo recente que só sai da sua casa acompanhado por forte esquema de segurança e que, em nome dessa segurança, achou melhor mandar sua mãe morar no exterior. Nesse mesmo vídeo, rememorou seu passado de antipetista radical, comentando que apesar das suas críticas contundentes, jamais sofreu qualquer ameaça a sua liberdade quando as fez. A maioria absoluta da população não tem como se proteger da maneira que se protege Felipe Neto. Então o que acontece é o que registra o vídeo do jovem preto e pobre sendo surrado e preso aos berros de “vai gritar Lula lá na África!” Liberdade está em falta e sob ataque até mesmo em Ilhabela onde o verdadeiro Raul foi covardemente agredido

apenas por ter exercido o seu direito de fiscalizar a obra dum muro de arrimo construído por uma empreiteira contratada pela prefeitura.

O edil, não teve temor de ser rotulado de homofóbico ao descrever o seu banheiro público ideal, interditado a transsexuais.

Não temeu ser chamado de mentiroso ao repetir chavões preconceituosos sobre o governo Dilma, chavões esses há muito desmascarados pela imprensa e por institutos de verificação de notícias, como falsos.

Disse que “escola é lugar pra criança brincar” e essa máxima tiro no pé atropelou seu feito mais vistoso, qual seja, o de apoiar e incentivar a construção ao custo de centenas de milhares de reais, duma escola cívico-militar em Ilhabela, onde a veneração à disciplina da caserna não deixará espaço pra criança alguma brincar livremente.

Não bastasse contaminar o ambiente da Câmara Municipal com sua bagaça-eleitoral virulenta, o edil por duas vezes, cinicamente, fez troça. Logo no início da sessão ordinária, fez questão de parabenizar a escolha do salmo 22 para a abertura dos trabalhos e enfatizou: “é um número muito bom”. Com a mesma retórica barulhenta de campanha concluiu sua alucinada explanação dizendo que “o salmo 22 caiu como uma luva!”.

Pois surrealmente, no meio desse salmo se encontra um apelo a deus que muitos, agnósticos e ateus inclusive, agora aos céus lançam em busca de temperança:

*Livra-me da espada,*

*livra a minha vida do ataque dos cães.*

*Salva-me da boca dos leões,*

*e dos chifres dos bois selvagens.*



10 tempo do governo  
do que se 400 se dia



ENVIADO DE DEUS

*Política e religião: essa mistura desanda.*

“A boa política deve desarmar e não armar as pessoas. A boa política deve unir e não desunir. A boa política deve estimular o amor e não o ódio. A boa política deve reverenciar a cultura e não a pequenar-la.”

Esse pensamento foi fixado numa coluna de 2018 e permanece atual. Se escolhessem abraçá-lo, parlamentares insulares não cuspiriam perdigotos em sermões raivosos e, talvez, desembaraçados da bÍlis que turva não somente o entendimento, mas também a visão, enxergassem ao redor.

A foto em foco registrou quatro imagens que falam por si e dispensariam legenda.



*Isso é Ilhabela: terra duma abissal desigualdade social entre turista rico e morador fuçador de lixo.*



*Isso é Ilhabela que não merece o seu nome por naturalizar a feiúra.*



*Isso é Ilhabela que desrespeita a cultura caiçara e empareda cruelmente sufocando um dos últimos exemplares da arquitetura colonial na sua principal avenida.*



*Isso é a Ilhabela onde se acumulam detritos gigantes duma polêmica obra milionária de revitalização de bairro que se arrasta lerda sem nunca terminar. Calçadas foram eliminadas, material de baixa qualidade foi largamente empregado; fato esse noticiado publicamente pelo vereador Raul da habitação. Empresário do bairro denunciou o caso no Ministério Público, mas o promotor decidiu arquivá-lo. Quando o primeiro morador ou moradora morrer atropelado, queixar pra quem? Pelo jeito, nem pro bispo.*

Infelizmente, nesses nossos trevosos tempos, tribuna e púlpito têm se prestado a ser lugar privilegiado não de discurso sadio e de pregação caridosa da crença religiosa; têm ambos se prestado a difundir a bizarrice duma fé política obtusa e cega. E essa, bem nos ensina a história, é pedra boa para

fé cega, faca amolada

bem amolar a faca que apunhala de morte o respeito e o amor ao próximo e, não sendo impedida pela mão forte da cidadania, assassina o estado de direito e a própria democracia.



*o desabafo de Felipe Neto*



*Numa singela palavra, o bom conselho. Reza a prudência, que antes de falar, se fizesse isso, de coração tranquilo e mão desarmada.*



# sete de setembro

16 de setembro de 2021

<https://novaimprensa.com/2021/09/sete-de-setembro.html>

Passada uma semana do sete de setembro, quando as pessoas tentarem se recordar de onde estavam naquele dia marco histórico, é bem capaz que lembrança alguma aflore à superfície do opaco lago da memória.

Certo que haverá quem tenha o fugaz gosto desbotado de reviver num lampejo o feriado prolongado tostando o corpo empalecido no sol fuzilante do litoral e o salgando no mar depois de embebedá-lo com caipirinha e cerveja; mas a maior parte das pessoas, provavelmente, lembrança nenhuma de peso e ou de relevo vai ter, a não ser a sensação modorrenta de que esse dia passou e se perdeu falecendo na contabilidade impiedosa dos dias mortos.

A multidão verde amarela que ocupou a Paulista e a esplanada dos ministérios vai ter sim mais que recordação intangível; vai ter foto e muita para exhibir. Entretanto, pode ser que escolha não

o fazer; que deseje mesmo, assassiná-las todas, as apagando do celular. Essas mesmas fotos feitas com tanto prazer e garbo varonil; essas mesmas fotos que comprovariam a presença cívica no evento maior de celebração do repúdio à tirania portuguesa. A história oficial conta que isso aconteceu de maneira cinematográfica e sem resistência, mas há quem conteste essa visão edulcorada como Lilia Schwarcz. A pintura de Pedro Américo, – o Grito do Ipiranga, tão tardiamente concluída, sonhou uma cena de mentira. Dom Pedro não se vestia com tamanho apuro envergando fardamento limpinho e nem montava um alazão; montava uma simplória mula e além disso, estava com caganeira, precisando se aliviar com frequência e foi por isso que parou a viagem naquele momento e lugar.

Como de logros não nos cansamos, a



própria pintura tão efusivamente celebrada cheira a plágio, a saber, da 1807, Friedland, do francês Jean-Louis Ernest Meissonier.

Então a multidão bolsonarista que se bateu em defesa empedernida da liberdade de proclamar um regime que suprimiria essa mesma liberdade viveu seu logro: o de assistir, incrédula, acreditando ser uma fake news do nível dessas tantas que costuma com deslavado mau caratismo propagar, o seu presidente mito messias amarelar mais que o amarelo das milhares de camisetas todas elas juntas poucas horas depois de virilmente vociferar publicamente em Brasília e em São Paulo.

Porém, se o presidente amarelou, amarelou como vem há demasiado tempo amarelando, quem tem a obrigação constitucional de responder na proporcional altura ao autoritarismo em

curso como cristalinamente destaca a jornalista Eliane Brum.

E na órbita rasteira das ruas empobrecidas e degradadas, muita gente Brasil inteiro também amarelou, só que antes, no dia sete passado mesmo e escolheu não sair às ruas marcando posição contrária a dos embandeirados festivos feito torcida do escroto escrete canarinho inesquecivelmente derrotado fragorosamente por sete a um por medo de se envolver em encrenca com eles.

No Litoral Norte inteiro, apenas em Ilhabela houve manifestação de oposição, considerada por quem a viu e por quem dela participou, como a melhor, a mais impactante e criativa de todas as feitas. Pois essas fotos, marcando diferença das fotos dos bolsonaristas massa acéfala de manobra criminosa, vão ser para os que nelas figuraram, motivo de orgulho e prova de honra e civilidade para ser exibida com

prazer no futuro para outros verem  
assim como fazem os fotografados na  
passeata dos cem mil, na dos cara-pin-  
tadas e nas diretas já.





sete de setembro



sete de setembro



sete de setembro





sete de setembro











sete de setembro



sete de setembro













sete de setembro





sete de setembro



sete de setembro







# 43º Salão Waldemar Belisário, o que os olhos viram

24 de outubro de 2021

<https://novaimprensa.com/2021/10/foto-em-foco-43o-salao-waldemar-belisario-o-que-os-olhos-viram.html>



No distante ano de 1968, o prefeito amante das artes Geraldo Junqueira, atendendo ao pedido de artistas locais duma Ilhabela provinciana, criou as condições materiais para a realização duma sequência de exposições coletivas de artes visuais que, em 1986, sob a gestão de Gilson Tange-rino, passariam a ser nomeadas como Salão de Artes Plásticas Waldemar Belisário para homenagear o pintor falecido em 1983.

Belisário não era caiçara e não viveu a maior parte da sua vida na ilha. Se escondeu nela, amargurado, na baía de Castelhanos, a conselho de Martim Fontes, em 1930. Havia sido rechaçado por sua aristocrática família de criação onde exercia a posição serviçal de limpador de pincéis de Tarsila do Amaral e viu desmoronar seu sonho de conquistar o pensio-nato artístico paulista, uma bolsa de

estudos, sonho maior dos artistas de poucas posses, que viabilizava viajar para Europa visitando seus museus e frequentando o atelier de pintores célebres, para voltar depois consagrado à pátria mãe gentil.

Para colocar em termos de comparação atuais, esse pensionato equivaleria hoje a um ProAc super turbinado, um programa de ação cultural do governo do estado de São Paulo com uma verba bem robusta porque, afinal, o ganhador recebia mil francos mensais, – valores sem correção da década de vinte -, mais passagem de ida e volta na primeira classe nos transatlânticos da moda e transporte de todas as obras criadas nos cinco anos residindo na Europa para o Brasil.

Belisário era já nessa época um pintor respeitado mas isso não bastava para garantir o pensionato. Era preciso também o tão brasileiro QI: quem indica. E

quem indicaria seria ninguém menos que Júlio Prestes, hoje nome de escola, rua, avenida, rodoviária, etc etc etc a pedido de Patrícia Galvão, imortalizada com o apelido de Pagu; o acordo foi intermediado pelo casal Oswald de Andrade e Tarsila do Amaral. Pagu, amiga do casal, queria sair de casa e ser livre para politizar e fazer arte e para tanto, numa conjuntura social de rígida primazia do patriarcado, seu mais descomplicado passaporte para a liberdade seria casar com Belisário porque, casando, seus pais prontamente consentiriam que saísse. O casamento era de mentira; seria anulado em seguida.

O que não poderiam imaginar nem Belisário e muito menos Tarsila, com quem Belisário, apesar da enorme inferioridade da sua precária condição social e financeira, mantinha uma tênue familiaridade por ser agregado da

família Amaral, é que logo em seguida Oswald e Pagu fugiriam para ficarem juntos.

Pois é. Parece dramalhão mexicano. Descoberta a trapaça, era natural que Tarsila e sua família ficassem furibundas com Belisário. Pagu cumpriu sua promessa e Júlio Prestes indicou o artista para o pensionato. O problema é que naquelas turbulentos anos trinta, com a economia e a política em polvorosa, escafedeu-se o pensionato e Belisário ficou, literalmente a ver navios até decidir embarcar num, bem modesto, para aportar em Ilhabela, uma terra esquecida e decadente com a quebra da cafeicultura; lugar sem autoridades públicas que, de tão depauperado, perdeu a condição de comarca, voltando ao julgo de São Sebastião no continente.

Logo se bandeou pra Castelhanos, onde comprou com suas parcas eco-

nomias um pequeno terreno, para então gastar sua energia na lida da terra.

Mas como não há mal que nunca se acabe, nem bem que sempre dure, o pintor conheceu lá naquele cafundó uma professora, normalista recém-formada por quem se apaixonou e foi com grande paixão correspondido: Celina Cerqueira Leite Guimarães. Os dois se casaram em 1937 e viveram uma bela história de amor até a morte do pintor.

A acanhada Ilhabela que nessa ocasião nem Ilhabela era, mas sim Formosa por vontade getulista, era morada por demais simplória para um casal de espírito cosmopolita e por isso, em 1940, tomam juntos a decisão de se mudarem pra São Paulo.

Onde se enfronham na comunidade artística e onde Belisário passa a ensinar

a desenhar em escolas para garantir o sustento que a pintura não oferecia. Além de lecionar, Belisário construiu para vender, bonecos de madeira articulados para servirem de modelo para desenho. Um deles está exposto numa sala indigente que se diz chamar museu Waldemar Belisário. Esse espaço acanhado que não exhibe pintura alguma do artista, apenas alguns desenhos e esboços na companhia de fotos amareladas jamais estará à altura da importância da obra do pintor. Sem pinturas suas porque a prefeitura que tanto gasta em comprar terreno e casa particular pela cidade inteira pra virar repartição municipal não se sabe lá de quê, nunca se preocupou em criar uma pinacoteca que tivesse pintura do artista cujo nome batiza também escola pública. Durante algum tempo, na fachada do centro cultural que abriga o “museu”, penduravam pavorosos banners reproduzindo pinturas suas que seguramente causaram

o que os olhos não viram

dano lastimável a sua memória.

Menos mau que apesar de tantos pesares exista essa salinha que teve melhor vida que o finado “cinema” inaugurado com pompa no mesmo centro cultural para logo depois ser interditado e fechado porque seu projeto e sua construção foram decrépitos como acontece de ser com uma boa quantidade de obras públicas de construção civil ilhabelenses, entre elas, exemplos, ou melhor, maus exemplos notórios, o centro de convenções e teatro municipal e a ponte estaiada; a primeira delas, ruína arquitetônica a céu aberto e a outra, uma sobrevivente que, para sobreviver, precisou ter todo seu piso e guarda corpo trocados depois de inutilmente serem mais remendados que Frankstein.



*o Belisário de inox*

E falando de Frankstein, a estátua que adorna a entrada do Centro Cultural é ela uma versão obesa franksteiniana inoxidável do Belisário que aparece em fotografia carcomida, posando com seu cavalete de pintura pintando uma paisagem com uma arruinada fazenda Engenho d'Água como tema central, na década de trinta. Tomada pelo mato, suas paredes emboloradas e descascadas é um retrato em tudo diferente àquela que agora se inaugura, felizmente, depois de tantos anos

o que os olhos não viram



fechada, para a visitação e deleite público.

Na metrópole paulistana, Belisário se enturmou com os pintores do grupo Santa Helena; frequentava a casa de Volpi. Durante a semana eram ele e Celina professores para prover a subsistência; nos finais de semana, viajavam pelos arredores para Belisário pintar paisagens, cenas de rua, festas populares.

A sua pintura foi sempre figurativa, mas isso não significou que fosse acadêmica; longe disso. Na constru o do desenho e na elabora o da cor exercitou sua independência dos cânones em voga com um virtuosismo que somente o talento aliado ao trabalho diligente edificam. Nunca pretendeu retratar a realidade. Ainda que montasse seu cavalete na rua ou no campo, aquilo que via era apenas uma baliza a partir da qual construía sua

pintura; ela, na sua integralidade, materializava um novo objeto no mundo, aberto a ser visto prazerosamente pelo observador livre de preconceitos.

Coincidiu que naqueles anos o mundo fosse tomado pela arte abstrata e os artistas figurativos passaram a ser tachados de passadistas.

*“Acredito em meus sonhos e eles são figurativos”* dizia Oswaldo Goeldi um ano antes de morrer, numa antológica frase que naufragou no maremoto abstracionista.

Nesse mesmo ano, Waldemar e Celina decidem voltar a morar em Ilhabela. Vendem sua casa na Cidade Ademar e compram um terreno no Perequê, na rua do Supermercado Frade. No ano seguinte, Belisário acamparia no local para construir ele mesmo sua moradia e seu atelier. Tanto um quanto outro eram construções simplórias, pequenas com telhado de cimento amianto;

o atelier, na frente, tinha paredes de madeira.



*Cadê a casa caiçara que estava aqui?*

Foram demolidos em 2005, tragados pela especulação imobiliária que desmantelou a morada e o lugar de trabalho do artista. A casa onde Marcelo Grassmann nasceu e viveu sua infância e parte da adolescência é conservada como atração turística em São Simão, mas Ilhabela que sem peias destruiu quase completamente toda o casario colonial que a adornava e aparecia no

o que os olhos não viram

filme Caiçara e que recentemente também demoliu o singelo rancho caiçara de pau a pique e sapé que embelezava o anódino centro cultural da vila, nem um pouco se importou com a destruição completa do derradeiro lar do pintor e sua esposa, incentivando o esquecimento desses dois que tanto fizeram pela cidade. Belisário, a imortalizando em suas pinturas e Celina, entre tantas amorosas ações, compondo o hino da cidade. O pintor a custo virou nome de escola e salão de arte, mas Celina... Cantora lírica que se apresentou com Villa Lobos, inspirada professora de música, foi o nome bem escolhido para intitular o coral municipal de Ilhabela, de vida breve. Mas por não ser caiçara, não teve em vida a satisfação de ser agraciada com o pomposo galardão de Título de Gratidão Caiçara com o qual alguns daqueles que se refestelam na egrégia câmara municipal e nas repartições públicas insulares,

o que os olhos não viram

hoje se lisonjeiam festivamente.

Como artista esquecido pela historiografia oficial, Belisário foi lembrado na ocasião da comemoração dos cinquenta anos da semana de arte moderna de São Paulo, integrando o grupo dos pintores de descendência italiana que pintavam nas horas vagas e ficaram à margem do movimento modernista, sendo por isso injustamente enquadrados como antiquados.

Pietro Maria Bardi, diretor do Museu de Arte de São Paulo, admirador da obra de Waldemar Belisário, faria nesse aclamado museu uma individual do artista com quarenta pinturas. Essa exposição é considerada por muitos como um ato de consagração do pintor, então octagenário.

Tarsila Amaral faleceria em 1973, dois anos antes da individual de Belisário. Em 2019 o MASP exporia cento e vinte obras suas numa mostra que teve

público recorde onde os visitantes se digladiavam para fazer a mais faceira selfie usando suas pinturas como pano de fundo. Elas valem milhões; as de Belisário, uma fração muitíssimo pequena disso correndo o risco, se colocadas em leilão, de passarem despercebidas.

As exposições coletivas da década de setenta na ilha iniciadas em 1968, reuniram um time brilhante de artistas além de Belisário: Fernando Odriozola, Yarê Aranha, Rafalel Desimore, Maciej Babinski, Jannik Pagh, Durval Palermo, Henrique Smith, Giba Ihabela, Gilda Pinna, Lavínia das Ilhas, Pituca.

Odriozola endoideceu uma outrora bucólica Vila ao ser premiado como melhor desenhista nacional na oitava Bienal Internacional de São Paulo, em 1965. Naquela ocasião, a notícia foi comemorada com entusiasmo pelos artistas locais que fizeram e se inscre-

veram na história e comemorada também, pelos demais moradores, felizes por terem vivendo entre eles, alguém tão importante por ter sido em Bienal distinguido.

Na década de noventa muitos artistas seguiram encantando em exposições coletivas, parte delas feita no Hotel Itapemar. Novos surgiram de lá pra cá: Carlos Pacheco, Hugo, Lícia Ferreira, Ursula Möllhoff, Zé Paulo, Gilmara Pinna, Crau da Ilha, Ângelo Cavalheiro, Renato Pascoal, Marcos Emendabili, Leon Ribeiro, Antônio Tom, Vicente Bernabeu, Fernando Feierabend ...

Na passagem para o terceiro milênio seguiu o Salão Waldemar Belisário acontecendo ano após ano com muitas artistas se destacando: Rosangela Capella, Ana Canale, Sdondi, Laís Helena, Sadala, Evelyn Siqueira...

Hoje, Ilhabela com quarenta mil almas, cresceu, a bem da verdade, inchou.

Palacetes se dependuram pelas costeiras interditando a passagem ao mar e o que restou de caiçarada arma barraco em vão porque nos tempos de agora essa grana toda que ora aporta com a boçalidade a tiracolo sempre ber- ra mais forte sentenciando a palavra final. Nesses ambientes espaçosos à beira d'água, a propaganda governis- ta se esmera em vender Ilhabela Home Office filmando madame e coroa rica- ço de shorts, ele e ela tão despídos e folgazões como se por aqui não habi- tassem também facinorosos borrachu- dos e pernilongos muito mais sedentos de sangue do que o anjo vampiresco da missa da meia noite. Doutro lado, casebres e barracos se esparramam pelas encostas, pelos grotões e pelos buracos; seus moradores invisíveis à publicidade institucional se prestando como mão de obra servil desses tão desejados festejados bem-vindos no- vos ricos residentes; esses sim, duma

o que os olhos não viram



visibilidade fuzilante correndo velozes com seus suvs reluzentes nas ruas recém-calçadas atropelando os pés de chinelo que lhes servem, órfãos eles todos de calçadas decentes.

A Ilhabela que nos governa quer porque quer ser outra que não ela mesma e nos publieditoriais de jornalões que se apequenam no papelão de jornalecos sonha ela ser a Nova Zelândia se esquecendo da notícia de repercussão nacional que a revelou inteiramente pelada sem maquilagem que ocultasse a feiúra da sua ignorância; notícia essa, tratada com a usual gabolice jocosa pelos repórteres e colunistas, da aquisição e da distribuição pela rede de saúde municipal insulana do kit covid, isso em março de 2021, quase um ano portanto dele ter sido mundialmente desmascarado como ineficaz e nocivo por médicos e cientistas sérios, bem como, por renomadas instituições

científicas e pela Organização Mundial da Saúde. Nova Zelândia? Será que feito lá, cá será em breve exigido daqueles que quiserem aqui entrar, a caderneta de vacinação confirmando que seu portador foi integralmente vacinado contra a covid? A partir de primeiro de novembro só se entra na Nova Zelândia mostrando esse documento. Caso contrário, ainda que portentoso seja o saldo bancário do visitante, é porta batida na cara; entrada negada, voltar pra trás. Mas não. Seguramente a propaganda oficial ilhabelense não abraçará essa bandeira a deixando de lado, desmerecida, coitadinha, como o faz com as vermelhas da CETESB que tremulam sanguíneas nas praias do arquipélago.

Cena de covarde pancadaria contra pescador idoso que poderia até figurar como um desses home office workers que tanto os gestores do turismo

ilhéu desejam viralizou nas redes sociais e foi notícia na televisão com o habitual alarde desses comentaristas mundo cão. Bizarro é que essa agressão covarde tenha sido desferida por profissionais do turismo, conforme foi noticiado; todos jovens, todos trogloditas. Esse vídeo de embrulhar o estômago com certeza não será capitalizado pelos çábios fazedores de reclames numa nova campanha “é tempo de apanhar em Ilhabela”.

As autoridades da cultura insular se ufanaram porque o 43º Salão de Artes Plásticas Waldemar Belisário recebeu muita inscrição de artista de fora, superando duas centenas. Pois na época do fastígio dos salões esse número era café muito, muito pequeno. O Salão Nacional de Artes Plásticas promovido pela Fundação Nacional de Arte sob demolição bolsonarista transformada em naufrágio nacional de arte pátria

e o Salão Paulista de Arte Contemporânea, para ficarmos apenas em dois vistosos de numerosos exemplos, recebiam milhares de inscrições.

Fastígio? Sim, pois os salões vivem seu ocaso e foram um a um, se apagando, se extinguindo; o Waldemar Belisário é um dos poucos sobreviventes.

Numa época de difícil acesso para expor, pela ausência de lugares dedicados a isso, os salões foram o cobiçado baile de debutantes para incontáveis artistas. Além de oferecer visibilidade, ofereciam medalhas brilhosas feito atestado de qualidade do IMETRO que os artistas de antanho orgulhosamente exibiam no afã de valorizarem monetariamente suas obras e realizarem o objetivo maior e inalcançável para a maioria dos pobres arteiros mortais, qual seja, o de viverem de arte.

Waldemar Belisário, a despeito de seu incontestável talento e dos seus

esforços infatigáveis, não conseguiu pagar suas contas à custa da sua pintura.

Porém, depois que a arte se instituiu feito oportuno negócio inclusive de lavanderia industrial de lavagem de dinheiro sujo e decoração de ambientes dos novos ricos, pulularam comércios se denominando galerias de arte em tudo quanto é rincão verde amarelo para a contento atender o despejo linha de montagem de artistas que as faculdades disso, de artes que se pretendem ensinar, se nomeavam e afoitamente descarregavam e continuam a descarregar. E esses milhares de artistas no pujante brilhantismo da sua juventude se batem uns contra os outros nas redes insociáveis logrando êxito fácil em mostrarem a esse mundo boquirroto suas maquinações descoladas e sempre escrupulosamente modernas.

Por outro lado, foram fortalecidos programas governamentais em todos os níveis de estímulo à criação artística, garantindo além de espaço expositivo, condições financeiras que viabilizam o trabalho envolvido; sim, porque fazer arte é trabalho e dá trabalho.

Cidades e estados criaram pelo país inteiro seus programas de incentivo e uma característica peculiar de todos é que chancelam a reserva de mercado. Dessa maneira, nas cidades, concorrem somente os que moram nela e nos estados, os que nele residem e tanto num caso como noutro, o tempo mínimo de residência é de dois anos. Havia programa federal; bom isso antes da consagração da música clássica wagneriana, do canto gregoriano e do sertanejo barraco invade tribunal, do realismo negacionista, do messianismo caça-níquel e da cultura da incultura em patamar nacional. Afora

os programas governamentais, proliferaram os privados, sob a batuta de empresas que descobriram neles uma propaganda empresarial de bom-mocismo de amplo alcance e baixo custo.

Ilhabela, na época da eclosão da pandemia, durante a finada gestão Tenório/Gracinha sentiu o gostinho ligeiro dessa progressista política cultural com a semana de arte virtual e o edital de fomento que, infelizmente, não tiveram mais sequência.

Por causa dessa mudança de cenário, os salões perderam seu poder de atração e, conseqüentemente, seu prestígio.

O Salão Waldemar Belisário perseverou por inércia e os gestores da cultura oficiosa municipal se esmeraram em apresentá-lo como uma sua pérola, literalmente montando fanfarra na sua abertura, com direito a show jeca

brega gringo de entrega de checão gigante impresso para quem sabe ocultar o embaraço dos seus ganhadores por detrás dele no palco montado para espetáculo televisivo no facebook da prefeitura. Cuja transmissão ao vivo não durou neste último salão nem cinco minutos poupando as autoridades do constrangimento de ficarem chamando em vão os medalhados no tablado; os esperando, inutilmente, com cara de tacho.

Quase todos não subiram pra posar com o checão e o troféu, cujo conjunto custou uma verba que teria melhor finalidade se fosse destinado aos prêmios aquisição; esses, com poder de estimular a formação de uma pinacoteca municipal. Aconteceu dos premiados se ausentarem não porque eles soubessem antecipadamente que iriam pagar mico participando dum ato publicitário padrão sinta natureza



e se esconderam. Não foram porque simplesmente não ficaram sabendo que haviam sido premiados. Não souberam porque o regulamento do salão determinou que os premiados só seriam revelados no ato da abertura. O que é, evidentemente, uma regra absurda como acontece ser boa parte do regulamento; absolutamente sem pé nem cabeça.

Limitar a exibição a uma obra por artista em cada técnica é uma atitude estúpida. Os salões memoráveis especificavam a obrigação de avaliarem no mínimo dez obras por artista inscrito, exibindo, caso fossem selecionados, ao menos cinco delas. Isso porque uma única obra não possibilita uma avaliação acertada; é preciso um número maior para se ter uma visão ampla. Estancar as técnicas artísticas num momento em que se mesclam e se misturam criando novas e impactantes

poéticas, é de um anacronismo cruel. E mais cruel ainda é tentar hierarquizar prêmios em categorias medalháveis de ouro, prata e bronze como se a exposição fosse um certame esportivo ou pior, uma feira agropecuária. Artista que se preza pode até gostar do Muttley, o cão do Dick Vigarista doido por medalha; mas não pretende jamais posar de militar engalanado.

Os salões que respeitavam os participantes inscritos, faziam uma seleção preliminar por foto ou vídeo, o que poupava os concorrentes do custo, por vezes, elevado, do envio de trabalhos que corriam o risco de serem recusados. Ilhabela tratou com ruindade muito artista que veio de longe carregando sua obra, gastando dinheiro que nem tinha pra ser eliminado num processo de julgamento sem transparência pois a composição do júri de seleção não foi divulgada e tampouco

o que os olhos não viram

a ata do processo dessa seleção e premiação, se é que foi lavrada como sempre era a praxe dos salões sérios.

Quem viu a exposição montada em apenas duas salas do centro cultural da vila, tendo Ilhabela tantos espaços expositivos espalhados capazes de exibirem juntos centenas de obras, de imediato percebeu que o evento que teve quase trezentos inscritos, resultou numa exposição minúscula.

Foi uma atitude segregatória isolar os premiados na melhor das salas, sendo mesmo ela, limitada, para poder sediar uma exibição que tivesse uma expografia profissional.





*o salão oficial*

o que os olhos não viram



o que os olhos não viram



o que os olhos não viram



o que os olhos não viram





o que os olhos não viram



o que os olhos não viram



o que os olhos não viram



o que os olhos não viram



o que os olhos não viram





Pretendia talvez posar de MASP usando ali suportes miniaturizados daqueles lá empregados: grandes lâminas de vidro blindex ancorados em blocos de concreto. Isso cai bem num espaço generoso, amplo, bem ventilado e arejado como acontece no MASP; não numa sala estreita onde nem tiveram o cuidado de eliminar janelas sem qualquer função, escolhendo simplesmente ocultá-las com toscas cortinas. As peças escultóricas foram exibidas em cantos ou encostadas em paredes; limitando a chance do expectador rodeá-las, numa óbvia eleição de projeto expositivo burro. Com uma quantidade expressiva de artistas talentosos morando e criando em Ilhabela, com obras vigorosas e carreira consolidada, causa estranhamento que tão poucos deles tenham participado desse 43º salão. Se foram cortados, houve falta de sensibilidade e de conhecimento da riqueza artística da ilha por parte

o que os olhos não viram



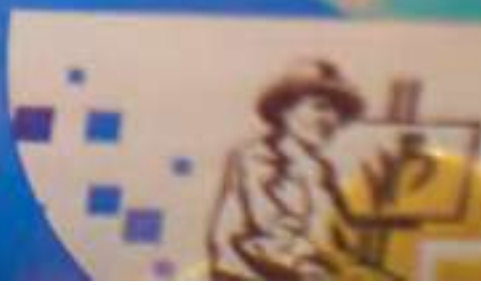
do jurado que, então, julgou mal; se não se inscreveram, é ainda pior porque isso sinaliza que nem deram bola pro salão que foi uma árdua e muito importante conquista dos artistas ilhabelenses da década de sessenta, unidos, a despeito das suas diferenças e idiossincrasias, pela melhoria da cultura insular.

EXPOSIÇÃO

**"O QUE  
OS OLHOS  
NÃO VIRAM"**



SEGUNDA A QUINTA  
18h às 22h  
SÁBADA A DOMINGO



**43<sup>o</sup>**

SALÃO  
DE ARTES  
PLÁSTICAS

*o salon des refusés*

o que os olhos não viram

ilha...bela



o que os olhos não viram

ilha...bela



o que os olhos não viram









o que os olhos não viram



Uma louvável iniciativa foi a de contornar a estultice de se expor um número tão ridículo por ser demasiadamente diminuto de obras, fazendo-se uma exposição de lambuja, a “o que os olhos não viram”. O que, seguramente muito mal viram ou nem viram mesmo, os olhos míopes e astigmáticos dos jurados contratados. Pena ela nascer estigmatizada como uma mostra de restos, de obras desclassificadas, rejeitadas. Quem tiver visto a Waldemar oficial e olhar com sadios olhos agora essa inteiramente feita a partir da exibição daquelas obras recusadas que entulhavam amortalhadas uma enorme sala depósito do centro cultural, há de constatar que muitas delas deveriam, além de terem figurado no salão oficial, terem sido premiadas fosse o jurado melhor capacitado. O fato incontestável é que foram por ele eliminadas no processo de seleção, sendo pois impinchadas como menores.

A oportunidade de serem nesse momento apresentadas, estimula o salutar debate acerca do acerto ou, mais acertadamente, do desacerto do juízo que as eliminou. Seja como for, essa segunda exposição, por sinal bem melhor montada que a anterior e ocupando as salas por ela antes ocupadas, além de permitir aos moradores e turistas momentos de consistente fruição estética, aliviará um pouco a barra suja dos organizadores do salão cujos olhos viram o malfeito que com ele fizeram apesar de o terem inaugurado com tanta fanfarronice.

A alegação de que o regulamento é impeditivo para a permitir a melhoria do salão é uma desculpa esfarrapada. Regulamentos se amoldam aos tempos e os regulamentos dos salões antológicos passaram por alterações que os tornaram cada vez melhores. É função da comissão organizadora promover

o que os olhos não viram

essas mudanças que, se bem elaboradas, terão o poder de oxigenar e dar roupagem contemporânea a esse evento cultural ilhabelense quase quinquentenário numa cidade que pouco fez e faz para valorizar a sua cultura.

# NOSTROMO E A ILHA DA MORTE

4 de maio de 2021



<https://novaimprensa.com/2021/05/nostromo-a-ilha-da-morte.html>



Nostromo. É nome dum romance de Joseph Conrad e é também o do rebocador espacial de duzentos e quarenta metros de comprimento que se afigura ainda muito mais gigantesco por causa da refinaria de minério, medindo três mil e duzentos metros de comprimento por dois mil e quatrocentos metros de largura que reboca, abrindo as primeiras cenas do filme de terror Alien, o oitavo passageiro, dirigido por Ridley Scott.

O exterior da enorme nave é repleto de saliências que se parecem com uma inescrutável escrita em relevo feito hieróglifo. Duma solidez de encouraçado, parece navegar devagar no escuro espaço sideral e depois dos frames iniciais exibirem seu costado rugoso, passamos a ver suas entranhas metálicas labirínticas.

Numa época em que a gente podia circular livremente pela balsa, sem nos

aprisionarmos no interior do carro ou na área destinada aos pedestres, fiz uma das minhas primeiras séries fotográficas tomando como tema os petroleiros.

A visão desses navios portentosos que a travessia na balsa favorecia era privilegiada; a aproximação era lenta, permitindo divisar o perfil deles que, na distância, pareciam se amalgamar com o sopé da serra do mar para, aos poucos, gradualmente dela se apartarem, ganhando um primeiro plano onde emergiam cada vez maiores, monumentais conforme a balsa percorria a estreita língua de mar navegando da ilha para o continente.

O momento de maior impacto era quando a embarcação cheia de carros passava rente à proa ou à popa dos gigantes. Nessa hora a sensação era de sermos formigas diante do paredão ferroso e enegrecido que se levantava

escultórico d'água torcendo o pescoço de quem o encarava pretendendo enxergar o convés lá acima, na altura dum arranha-céu.

Obra primorosa da melhor engenharia naval, nas décadas de oitenta e noventa, eram mal vistos; considerados sucatas emporcalhando o canal de São Sebastião. Acidentes envolvendo derramamento de petróleo e poluição de praias no Litoral Norte eram comuns. Ainda vive na memória o desastre que foi a explosão no Alina P.; seis tripulantes se feriram e um morreu. O estrondo foi ouvido em Ilhabela e São Sebastião e houve quem achou que foi trovão, estranhando trovoar num dia ensolarado.

O enorme navio ficou semi afundado durante uma eternidade, agonizando. Foi então finalmente rebocado e afundado longe da costa.











Nostromo e a ilha da morte



Nostromo e a ilha da morte



Nostromo e a ilha da morte









Que paralelismo existe entre os petroleiros no canal de São Sebastião e a nave espacial Nostromo? Afora a semelhança do tamanho, o fato de transportarem material nocivo. No filme, fica-se sabendo que a ordem de trazer o alien assassino para a Terra ocultava interesse militar e comercial, forte o suficiente para fazer vista grossa à segurança da tripulação.

O petróleo transportado nos tanques dos navios desgraçou as praias de Ilhabela, São Sebastião e Caraguatatuba por anos a fio, assassinando a vida marinha e espantando turistas para longe.

Esse petróleo que alimenta a indústria polui a terra, contamina a água, enegrece a atmosfera e ao fazer funcionar automóveis e caminhões, desorganiza as cidades fomentando a segregação social e a degeneração do tecido urbano o tornando área inóspita. As cidades

se esforçam para se adaptar aos carros, mas esse esforço é inglório e inatingível. Nessa batalha, elas se degradam e degradam a vida humana ao se transformarem em selvas de concreto, tijolo baiano e madeirit onde a existência se esgarça machucando as pessoas.

Se no passado o petróleo prejudicou Ilhabela, hoje a sua exploração atrás da ilha a beneficia ao elevá-la ao patamar duma das mais ricas cidades brasileiras, graças à receita milionária dos royalties, uma compensação financeira paga pelo direito de instalar plataformas petrolíferas off-shore no seu território.

Diante disso, seria esperado que a ilha fosse festejada por assim possuir dinheiro em fartura para assegurar uma vida confortável e segura aos munícipes e não infelicitada com a alcunha de “ilha da morte”.

“Ilhabela não pode ser a ilha da morte”: palavras de Marco Vinholi, Secretário do Desenvolvimento Regional de São Paulo, censurando o prefeito de Ilhabela, Toninho Colucci por ter desrespeitado várias vezes o Plano São Paulo do governo do estado. “A conduta é típica de quem flerta com o negacionismo e os maus exemplos do presidente Jair Bolsonaro” disse o secretário.

Rotular Ilhabela de ilha da morte é um exagero, sem dúvida. E o prefeito expôs seus argumentos num vídeo incorporado na matéria jornalística de Thaís Leite publicada no jornal o Vale. Boletim informativo da Covid informa que faleceram na ilha trinta e quatro pessoas. Do final de 2020 para os últimos dias dos primeiros quatro meses de 2021, o número de casos de contaminação quase dobrou, passando de 3.348 para 6.024 e o de mortes, mais que dobrou, subindo de 16 para 34.

Sob qual ótica interpretar esses números?

Bom, no entendimento do senador Luiz Carlos Heinze, suplente na Comissão Parlamentar de Inquérito da Covid, são um exemplo de sucesso porque Ilhabela, nas suas palavras, presidida pelo médico Cássio Prado, aplicou o tratamento precoce. Prefeito Cássio Prado; não Toninho Colucci. Se o parlamentar do Partido Progressista pelo Rio Grande do Sul trocou estupidamente em rede nacional logo nessa CPI que hipnotiza o país, o nome do prefeito de Ilhabela pelo de Porto Feliz, será então confiável essa sua longa arenga de defesa bolsonarista citando como verdadeiros casos de fake news amplamente desmascarados pelos órgãos de imprensa de verificação?

Todavia, esses trinta e quatro mortos, se comparados aos cento e trinta e seis mortos da vizinha São Sebastião, são

menos alarmantes. Mas, se empáticos, sofreremos uma fração pequena do que sofreram as famílias que rapidamente enterraram seus parentes sem ter tido a chance de os velar como mereciam, esses números não nos reconfortam. E também são inteiramente inúteis para todos que se contaminaram e ficaram sequelados.

O número de mortos foi crescendo no Brasil inteiro e a cada novo recorde foi se tornando apenas isso: um número incompreensível como incompreensível é o acidentado relevo do costado da nave espacial Nostromo e a rugosidade fora do alcance das nossas mãos do casco áspero dos petroleiros no canal.

Um número. Totalmente dissociado dos rostos conhecidos e queridos que, ensacados em invólucros plásticos tão escuros quanto o espaço sideral e o mar profundo, foram imediatamente

sepultados. Aqueles que os perderam, padecem sozinhos no seu desespero, potencializado pela brutal recessão econômica que está levando à miséria uma infinidade de pessoas.

Trinta e cinco milhões é um número maior do que o dos contaminados pelo coronavírus no Brasil propagandeados no noticiário onipresente da pandemia. Jânio de Freitas nos informa que esse é o número de brasileiros agora passando fome por viverem com apenas oito reais por dia. Não iam além de vinte e quatro milhões quando, tão pouco tempo faz, Bolsonaro se sagrou presidente. A quem endossaram inequívoco apoio neste sábado ensolarado, dia 1 de maio, manifestantes verde amarelos brandindo e vestindo bandeiras do Brasil numa estrepitosa aglomeração na praça Alan Kardec em Ilhabela, ornamentada com berrantes cartazes amarelo ovo violentados pela

escrita em fonte capitular “EU AUTORIZO O PRESIDENTE”.

Nostromo acolheu nas suas entranhas encardidas, inadvertidamente, o terror que lhe era estranho, exógeno. A malignidade que destrói e arruína o país e robustece sem freios o número com tantos zeros de mortos pelo coronavírus não foi colhida nalgum planeta distante como o fizeram os tripulantes da Nostromo. Já estava aqui, entre nós.









Nostromo e a ilha da morte











# O HORROR, O HORROR

*21 de novembro de 2020*

<https://novaimprensa.com/2020/11/foto-em-foco-o-horror-o-horror.html>



Desde o seu nascimento passados mais de quatro anos, a foto em foco fazendo jus ao seu nome sempre saiu estampando fotos. Fotografia de rua versando sobre o cotidiano de Ilhabela, São Sebastião, Caraguatatuba.

A coluna de agora rompe essa tradição e sai sem foto alguma.

Porque não há foto à altura de retratar a desumanidade do assassinato de João Alberto num supermercado Carrefour em Porto Alegre.

Todo mundo viu esse vídeo curto, de menos de cinco minutos, exibindo a barbaridade de uma mortífera agressão despropositada.

Diante dele, diante dessa cena de um João preto imobilizado por um segurança branco enquanto outro igualmente branco o soqueava na cabeça sem piedade numa sucessão interminável de murros fortes, as palavras que ocorrem são as de “o horror, o horror”. Essas

mesmas proferidas pelo ensandecido bem-nascido europeu Kurtz, no romance de Joseph Conrad, coração das trevas, que inspirou o filme Apocalypse Now de Francis Ford Coppola.

Tempos alucinados no Brasil bolsonarista que parece ter se transformado naquela sociedade depravada perdida nos confins dos trópicos pestilentos presidida por Kurtz que se tinha na conta de um deus, com poder e direito de cometer reiteradas atrocidades contra o seu povo.

A gente sabia e até viu tortura em vídeo compartilhado nas redes sociais sendo praticada num desses comércios racistas. Mas ela acontecia sempre longe dos olhares indiscretos, sempre nos fundos, nalguma salinha escondida de depósito.

Agora no brasil pátria amada brasil ela ficou escancarada para o mundo inteiro; aconteceu logo em frente a um dos

principais acessos desse supermercado Carrefour à vista da clientela que passava circundando a arena da matança como se nada lhe significasse.

Uma corpulenta funcionária branca do Carrefour filmava com celular a selvageria bem de perto como quem filma uma criancinha fazendo gracejo.

Enquanto o piso caramelo se salpicava de sangue; gotas e mais gotas vermelhas se destacando no pavimento brilhoso.

Enquanto João Alberto gritava de dor e pedia socorro.

Mas ninguém o socorreu e sua vida inteira se estilhaçou nesses cinco minutos de pancadaria covarde.

O que fez João Alberto para ser morto? “Olhou feio” para uma funcionária do Carrefour? Deu um soco no segurança troglodita que o conduzia impositivamente para fora do hipermercado,

contrariando sua vontade, quem sabe, talvez, reagindo a um insulto dele?

Fosse ele branco rico como aquele de Alphaville ultrajando com furor os policiais militares mansinhos na porta da sua mansão, também em filme registrado e diferente teria sido o desfecho. Jamais milico brutamente lhe faria sombra. O gerente do supermercado correria prestativo para repreender severamente a funcionária que teve o desprate de ofender o doutor. O doutor teve um surto, justificado foi seu surto; perdão excelentíssimo senhor doutor.

Um jovem preto que cometeu o crime de surtar no Extra da Barra da Tijuca ano passado teve como fim morte brutal.

O fato é que por se tratar não de um senhor seu doutor branco rico bem trajado mas sim de um preto pobre mal vestido que importunou uma funcionária só por lhe ter dirigido um olhar enviesado,

provavelmente por ter se sentido discriminado como o são, rotineiramente, os que não brancos são nesses templos de consumo todos construídos sob a égide marqueteira de lugar de gente feliz, ali mesmo na boca do estacionamento e diante do olhar indiferente das pessoas próximas foi instituído tribunal penal e prontamente aplicada a sentença de morte.

O Carrefour então solta notinhas de desagravo como o fez antes diante de monstruosidades em suas dependências. Em 2009, sua milícia surrou o vigia e técnico em eletrônica negro Januário Alves de Santana, de 39 anos, no estacionamento de uma unidade em Osasco por acreditar que ele estava roubando seu próprio carro, um Eco Sport. Em 20018, foi a vez de Luís Carlos Gomes, negro e deficiente físico ser alvo da selvageria desses algozes de guarda pretoriana que o agrediram com tamanha

brutalidade a ponto de lhe ocasionar a sequela de ficar com uma perna mais curta. Ano passado, um segurança da unidade de Osasco não satisfeito em envenenar com chumbinho um cachorro que poderia cometer a suprema heresia de importunar a visita de supervisores da matriz, o espancou selvagemmente até a morte.

Quando se trata de morte, ainda que humana, pouco caso é o que lhe atribui essa rede haja vista a dada a de Moisés Santos, negro ele também, falecido numa unidade do Recife; seu corpo foi encoberto por caixas de cerveja e guarda-sóis enquanto a loja continuava sua rotina atestando sua total falta de empatia pelo sofrimento alheio.

E ficou por isso mesmo. Suas ações em alta na bolsa de valores. Os assassinos de João Alberto em breve soltos à espera dum julgamento de pena branda. Bolsonaro e Mourão pregando que não

há racismo no país que governam reprimando o discurso obtuso da insepulta ditadura militar. Esses dois e sua entourage vão deixar para a história o fato incontestável de terem sido os maiores artífices do desmantelamento do mito do brasileiro cordial. Ao capitanearem a nação, legalizaram o discurso dos ressentidos, dos odiosos, dos racistas, dos ignorantes.

E a brasileirada vai continuar a fazer suas compras normalmente lá nesse supermercado de funcionários sociopatas, racistas e matadores de aluguel passado algum tempo depois de limpo o chão ensanguentado.

Num jornal regional é extemporâneo publicar essas linhas?

Se olharmos por um momento para Ilha-bela e percebermos que muito da xenofobia que nela grassa é dirigida aos negros, mulatos, cafusos, mestiços em geral pobres, a resposta é não.

Há hoteleiros, há donos de restaurante, há donos de botecos que invadem a areia das praias as emporcalhando e obstruindo com centenas de mesas, cadeiras, guarda-sóis com o consentimento e o estímulo do poder público semeando preconceito contra esses brasileiros porque eles não gastam tanto em seus estabelecimentos. Com deseducação os tratam pretendendo espantá-los da frente dos seus negócios. Os próprios moradores alimentam esse sentimento daninho; lastimam o turismo de um dia; o turismo dos ônibus de excursão da periferia das metrópoles que estacionam em São Sebastião e descarregam na balsa seus usuários. Acham que eles “fazem feio” na paisagem e podem pôr para correr a ricaia-da, essa sim tão bem-vinda e bem tratada.

Paradoxal é que parte desses moradores sintam na pele essa discriminação



ignominiosa quando frequentam as praias por serem confundidos com os turistas de um dia por causa da cor da sua pele e da sua indumentária.

É certo que os donos do pedaço e seus seguranças e garçons não chegam ao extremo de espancar ninguém; mas sua atitude de proscricção, de repúdio a esse povo desde sempre oprimido e humilhado machuca tanto quanto soco e chute.

O racismo e a barbárie escancarados pelo homicídio de João Alberto reverberam pelo país inteiro neste instante. Por isso, mesmo apartada do continente, Ilhabela respira e vive o Brasil porque nela se encontra a perversa semente dessa maldade nativa crescendo impunemente no seu coração.

# CARNAVAL DA TRAGÉDIA

*14 de março de 2023*

[https://novaimprensa.com/  
2023/03/foto-em-foco-carnaval-  
da-tragedia.html](https://novaimprensa.com/2023/03/foto-em-foco-carnaval-da-tragedia.html)

O carnaval de 2023 no Litoral Norte recebeu esse adjetivo que dói: tragédia. Foi uma tragédia anunciada, mas como sempre desgraçadamente acontece, ignorada, desprezada. É vívida em Ilhabela a lembrança dum morro que desabou no sul derrubando casas e interditando a estrada do sul em maio de 2019 . Outra chuva torrencial no fim de dezembro de 2021 rendeu vídeos no YouTube de audiência colossal de ruas transformadas em rio de corredeira de águas barrentas, marrons, onde carros submergiam e uma caçamba de entulho boiava sem rumo, colidindo com postes e paredes.





*O estrago das chuvas na ilha.*



A chuvarada que desgraçou São Sebastião, não causou dano tamanho na ilha, embora, dano considerável tenha causado. Houve alagamentos, queda de muros, erosão em ruas e no asfalto e abertura de crateras na estrada do sul com direito a fotos em rede nacional de carros engolidos. Felizmente, ninguém morreu.

Na cidade fronteira vizinha, o prefeito vestiu o colete da defesa civil e posou, contrito, com o presidente Lula, de quem foi opositor ao fazer campanha pela eleição de Bolsonaro, recebendo dele um abraço benção emocionado. Posou também ao lado do governador do estado Tarcísio, a quem dirigiu pesadas críticas. O momento trágico conclamava à conciliação os atores políticos divergentes exercitando uma política verdadeiramente virtuosa, levando ao pé da letra, numa coincidência inesperada, o lema do governo federal: união e reconstrução.

Numa entrevista à rádio Bandeirantes, o prefeito perdeu a compostura e partiu para o grito numa atitude naturalizada pelo bolsonarismo quando acuado num debate público; o âncora do programa, Luiz Megale, em vão, tentou restituir a ordem no barraco armado: “ou o senhor se acalma, ou a gente não tem como conversar”. Nessa altura da entrevista, ela simplesmente, acaba.



A pergunta que tamanha irritação provocou na autoridade municipal foi sobre a existência de sirenes nas áreas devastadas. Berrando a plenos pulmões, a resposta foi a de que sirenes não salvam vidas. Esse pensamento não é compartilhado por outros municípios; em Niterói, a Defesa Civil diz que “Estamos entrando no período de chuvas fortes e precisamos destacar que as sirenes salvam vidas. O sistema de alerta por meio de sirenes é acionado de acordo com um protocolo específico, referente ao volume de chuvas imediato e acumulado, sob o monitoramento ininterrupto da seção de meteorologia da Secretaria. Quando as sirenes são acionadas, as pessoas que residem em áreas de risco devem se dirigir para os pontos de apoio pelas rotas seguras previamente sinalizadas em suas comunidades.” .



## Defesa Civil alerta: uso de sirenes em comunidades pode salvar vidas.

Com a chegada do período de chuvas, é importante ter atenção aos alertas emitidos e instruções das autoridades.

Niterói – A Secretaria Municipal de Defesa Civil e Geotecnia é a responsável pelo sistema de alertas e alarmes por sirenes em Niterói desde 2016, quando o serviço foi municipalizado. Com a chegada do período de chuvas mais intensas, a secretaria reforça a importância de como agir da forma correta com os alarmes emitidos pode salvar vidas e evitar muitas tragédias. Em 2020, o sistema de sirenes teve uma ampliação de quase 16% no seu total, saindo de 32 para 37.

O secretário municipal de Defesa Civil, Wallace Medeiros, ressaltou que saber como agir nessas situações é importante.

“Estamos entrando no período de chuvas fortes e precisamos destacar que as sirenes salvam vidas. O sistema de alerta por meio de sirenes é acionado de acordo com um protocolo específico, referente ao volume de chuvas imediato e acumulado, sob o monitoramento (ininterrupto) da seção de meteorologia da Secretaria. Quando as sirenes são acionadas, as pessoas que

## *Sirenes Salvam Vidas*

# O carnaval em São Sebastião foi cancelado.







*Resgate aéreo das pessoas que ficaram isoladas.*





Ilhabela teve, não um, mas dois carnavais. De 10 a 12 de fevereiro e de 17 a 21 de fevereiro. Na propaganda oficial baba ovo, seria esse o maior carnaval do Litoral Norte. Não mentiu; ele foi por ter sido o único.

Bertioga, Ubatuba e Caraguatatuba, sob estado de calamidade pública, diante da tragédia que matou 65 pessoas e deixou 2.400 outras desabrigadas, cancelaram seus carnavais.

Ilhabela, não. Sob o pretexto de não prejudicar a “indústria do turismo”, ignorou-se o sofrimento de tanta gente caída em desgraça. É difícil imaginar que haja pessoas que consigam festejar, se alegrar, se embebedar sabendo que logo ali, doutro lado dessa linguazinha de oceano, morreram dum jeito terrível, quase uma centena de pessoas. Sepultadas vivas, soterradas num mar de lama e destroços, esmagadas, asfixiadas. Sambar sabendo que mais

de duas mil pessoas ficaram desabrigadas, sem ter para aonde ir, sem ter nem como se alimentar apesar de fome não sentir diante da calamidade. Que tanta gente perdeu sua casa, construída com muito esforço, muita economia; perdeu seus móveis, perdeu seus eletrodomésticos, perdeu suas roupas, perdeu seus documentos. Sorte teve de não perder a vida, mas tanto perderam em vida que vivem sua vida agora na agonia indescritível duma vida que não se vive, duma vida que se afoga numa dor insuportável.





Ponto alto do carnaval de Ilhabela, o banho da Dorotéia permaneceu incólume. Festejar, sambar, se embebedar para, com estardalhaço, pular num mar que cheira morte, num mar que carregou a lama assassina, num mar que se molhou não só da chuva, mas também das lágrimas dos que perderam seus pais, seus irmãos, suas irmãs, seus tios, tias, primos, primas, seus amigos todos mortos; como puderam?

Ilhabela que soube tão bem ser solidária na copa se vestindo de verde amarelo e colorindo a avenida com esses banners ufanistas rastaqueras de incentivo à seleção, não foi solidária à dor dessa gente que, sim desta vez, saiu e bastante no jornal e cuja melhor matéria foi a do jornalista João Lara Mesquita, “Litoral Norte: pobres morrem de novo, e daí?”.

Escolher ignorar o sofrimento alheio

em nome do turismo, foi tiro no pé.

Pois brasileiro, brasileira, estrangeiro, estrangeira humanista e solidária ao saber dessa atitude tão mesquinha, tão insensível vai é achar Ilhabela uma terra muito escrota, um local de falta de empatia comparável a do brasil pátria amada brasil completamente alienado do infortúnio nacional que foi a mortandade gigantesca causada pela covid, a ponto de torná-la objeto de zombaria, de falar desavergonhadamente “não sou coveiro” como fizeram impunemente tantas autoridades e bolsonaristas desalmados. E achando Ilhabela um lugar que pode até ser bonito mas é cidade dum governo desumano, vai é riscá-la do mapa e gastar seu dinheiro noutra freguesia que seja humanitária.

Essa força negacionista, reacionária da extrema direita que animou tanto discurso perverso e ainda anima,

perdeu nas urnas e a esperança finalmente venceu o medo elegendo um governo de frente democrática.

Mas na terra ilhabelense, é como se ainda estivéssemos naquele cavernoso tempo. Seguem céleres obras de asfaltamento de ruas onde havia broquetes de concreto; impermeabilizadas, serão leito ótimo para enchentes futuras. A ocupação urbana de áreas de risco está espalhada pela ilha em encostas e buracos, à vista de todos e há tanto tempo se inseriu na paisagem que ninguém nem mais a enxerga.

O Espaço Cultural Pés no Chão lotou seu teatro com moradores da ilha, para assistir uma reunião aberta da sociedade civil que se intitulou Até Quando?! no sábado, 25 de fevereiro. As pautas desse encontro foram inspiradas pela tragédia ocasionada pelas chuvas e destacaram a importância da



ação coletiva e em rede, o panorama do planejamento urbano, plano diretor, áreas de risco e os relatos da situação dos bairros depois do temporal. Várias organizações participaram, entre elas, a Associação Elementos da Natureza, Instituto Ilhabela Sustentável, Grupo Organizado Semear, Coletivo Educação, Coletivo SOS Mangue, Associação Amor Castelhanos, Instituto Verde Azul, Instituto Bonete.

Num mormaço cruel, abrasador, os presentes sonhavam e se encantavam com uma Ilhabela socialmente justa e responsável, com uma Ilhabela plural e sustentável. Porém, lembrando os versos de Caetano:

*"E quem vem de outro sonho feliz de cidade*

*Aprende depressa a chamar-te de realidade*

*Porque és o avesso do avesso do avesso do avesso".*

Existe em Ilhabela gente capacitada não apenas para sonhar, mas para tornar seus sonhos reais construindo uma cidade melhor. A realidade contudo, é que essa gente não tem espaço dentro da estrutura do poder econômico e político que controla a cidade. Suas propostas colidem e se esfacelam diante dum poder executivo hipertrofiado e dum poder legislativo vassalo, submisso a esse poder executivo que por ser, tão poderoso, atua com autoritarismo e destempero atropelando a tímida oposição que uns tão poucos e tão frágeis lhe fazem.





*Até Quando?! no Espaço Cultural Pés no Chão.*

Não é a indústria do turismo que enriquece Ilhabela; é a do petróleo, com sua morte há tempos decretada. São os royalties do petróleo que transformaram a cidade numa das mais ricas do Brasil. Essa riqueza, a beleza e a felicidade, o bem-estar que ela poderia proporcionar aos moradores e visitantes, todavia, só se enxergam nas placas onipresentes da publicidade oficial espalhadas pela orla inteira. Nelas existe um Éden, uma Pasárgada. Fora delas, são praias e cachoeiras poluídas, calçadas inóspitas, lixo derramado pela cidade, mato crescendo descontrolando, ruas esburacadas, escolas precárias, profissionais da educação desrespeitados e desvalorizados, transporte público deficiente, falta de água e falta de saneamento básico, praças desmanteladas, cultura órfã, urbanismo e paisagismo urbano medíocres, turismo predatório, absurda desigualdade social, especulação

imobiliária desenfreada, obras, obras e mais obras de má qualidade que nem bem são inauguradas e já demandam reforma, enorme feiúra das edificações, maior feiúra logo na rotatória de entrada bistecão de inox da cidade que foi projetada originalmente por Burle Marx sendo depois teraplanada quando nela eram exibidas duas esculturas de Frans Krajcberg de pronto assassinadas, pedaço de praia transformado em Jardim dos Horrores ou Praça do Martírio com estátuas alugadas pelo dinheiro público, áreas de risco ocupadas se perpetuando e se tornando cada vez de maior risco, tudo numa sucessão de malfeitos que crescem e se avolumam pela cidade e pelo tempo a despeito de existir dinheiro e muito para evitá-los e corrigi-los, construindo uma cidade muito melhor, inclusive, verdadeiramente humana a ponto de se compadecer com a desgraça alheia e não festejar

ilha...bela

o carnaval num momento em que todas as demais cidades a sua volta se entristecem e se enlutam.



*A Ilhabela perfeita só existe nos banners publicitários da avenida.*



Enfim, essa é uma história que não vem de agora, mas de muito antes. Muito jornalista sério se esgoelou a revelando e criticando.

Nivaldo Simões que escreveu com destaque no finado e saudoso Jornal Imprensa Livre, de quem o Portal Nova Imprensa é sucedâneo, foi um deles. Nivaldo morreu. Seus textos se perderam numa época em que a internet não tinha o alcance de agora. Nivaldo não nasceu na ilha; não era caçara. Mas amou tanto esse lugar que era como se a ele pertencesse desde sempre.

Para contar essa história sem meias palavras nem meia verdade, precisamos recorrer ao melhor e mais corajoso jornalista, que não vive na ilha, mas fora dela e é novamente ele, João Lara Mesquita em recente e longo artigo, “Litoral Norte, SP: nossa geração será cobrada”.



P.S.: em respeito a dor de tanta gente próxima, a foto em foco sai sem foto do carnaval; foto alguma foi tirada. A coluna demorou para sair não por falta de assunto, mas por falta de tempo para abordá-los. O tempo foi todo ele refém doutro trabalho, o projeto Márcio Pannunzio – Quatro Décadas apoiado pelo Governo do Estado de São Paulo, Secretaria de Cultura e Economia Criativa, Programa de Ação Cultural. Como o seu nome revela, é de comemoração de mais de quarenta anos de carreira de artista plástico e fotógrafo do articulista. Exposição homônima acontece no Museu de Arte e Cultura de Caraguatatu-  
ba e será prorrogada além do dia 15 de março; aproveito para convidar os leitores a visitá-la enquanto está em cartaz. Informações mais detalhadas podem ser encontradas no site [www.quatrodecadas.com](http://www.quatrodecadas.com).

[marciopan.com](http://marciopan.com)

[ilhabelaemfoco.com](http://ilhabelaemfoco.com)

© Márcio Pannunzio 2024

**NOVA**

CARAGUATATUBA

ILHABELA

SÃO SEBASTIÃO

UBATUBA

**ÍMPRENSA**

PORQUE A NOTÍCIA NÃO PARA

---

**[WWW.NOVAIMPRESA.COM](http://www.novaimprensa.com)**

<https://novaimprensa.com/author/marciopannunzio>

**INVASÃO DE  
PROPRIEDADE  
É CRIME  
NÃO ENTRE**

**ATÉ A NOITE**

**ATENÇÃO**  
DESCIDAS E SUBIDAS  
DE EMBARCAÇÕES

**PARE**

**NORWEGIAN**

**NC**

ISBN: 978-65-00-98655-6

**CSL**



9 786500 986556